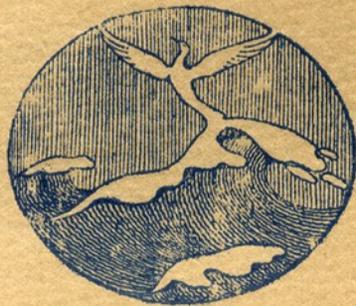


# ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,  
LITERARIO E SOCIAL  
PARA  
PORTUGAL E BRAZIL



ANO II

Nº 23

# ATLANTIDA

DIRECTORES :

NO BRASIL — João do Rio

EM PORTUGAL — João de Barros

SECRETÁRIO: Elísio de Campos — EDITOR: Pedro Bordalo Pinheiro

N.º 23

15 de Setembro de 1917

## SUMÁRIO

<i>Évora</i> .....	M. Teixeira Gomes
<i>A grande crise</i> .....	José de Campos Pereira
<i>Aurora d'ouro</i> .....	} J. M. Sant'Iago Prezado
<i>Súplica das Estrélas</i> .....	
<i>O autor oculto do «Crisfal» (conclusão)</i> .....	Patrocínio Ribeiro
<i>O Divino filho de Afrodite</i> .....	Alvaro Hogan
<i>O ensino do desenho mecânico</i> .....	Thomaz Bordallo Pinheiro
<i>Andorinhas</i> .....	Joaquim Costa
<i>Religião e política</i> .....	Alfredo Howel
<i>O inquérito da «Atlantida», Confederação Lu-so-brasileira</i> .....	Alberto de Oliveira
<i>O Responso do poeta Verhaeren</i> .....	Luís de Almeida Braga
<i>Contos a uma rapariga loira</i> .....	Júlio Dantas
<i>Na Meca dos dispepticos</i> .....	Ricardo Jorge

### REVISTA DO MÊS

<i>Mês literário</i> .....	J. M.
<i>De relance</i> .....	Eduardo de Noronha

*Desenhos de:* Alberto de Souza, Santos Silva, Morais e Raul Lino.

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA

### PORTUGAL, ILHAS E COLÓNIAS

Um ano (12 numeros).....	3\$50
Seis meses.....	1\$80

### PAÍSES DA UNIÃO POSTAL

Um ano (12 numeros).....	Frs. 15
--------------------------	---------

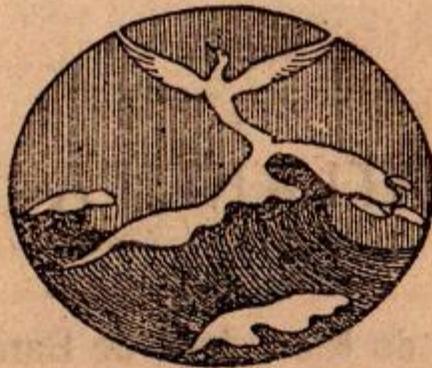
**Número avulso em Portugal \$30**

REDACÇÃO: Rua António Maria Cardoso, 26 } LISBOA  
ADMINISTRAÇÃO: Largo do Conde Barão, 49 }

# ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,  
LITERARIO E SOCIAL  
PARA  
PORTUGAL E BRAZIL

SOB O ALTO PATROCINIO DE S. EX.<sup>AS</sup>  
OS MINISTROS DAS RELAÇÕES EXTERIORES  
DO BRAZIL  
E DOS EXTRANGEIROS E FOMENTO  
DE PORTUGAL



VOLUME VI

# COMPANHIA DE SEGUROS IRIS

SÉDE  
Rua Arco do Bandeira, 231, 1.º  
(AO RÓCIO)  
Telefone { Direcção 235 Central  
Expediente 386 Central  
Telegramas IRIS  
Codigos RIBEIRO e A. B. C.  
LISBO



AGENCIA  
Rua Trindade Coelho, 1-C, 2.º  
Telefone N.º 1516  
Telegramas: SEGURIRIS  
Codigo RIBEIRO  
PORTO

Capital: 1:000.000 \$ 00 Escudos  
(Mil contos de réis)

*Seguros  
contra riscos de Fogo,  
Maritimo e Guerra*

CORRESPONDENTES EM TODAS AS TERRAS DO PAIZ

ATLANTIDA

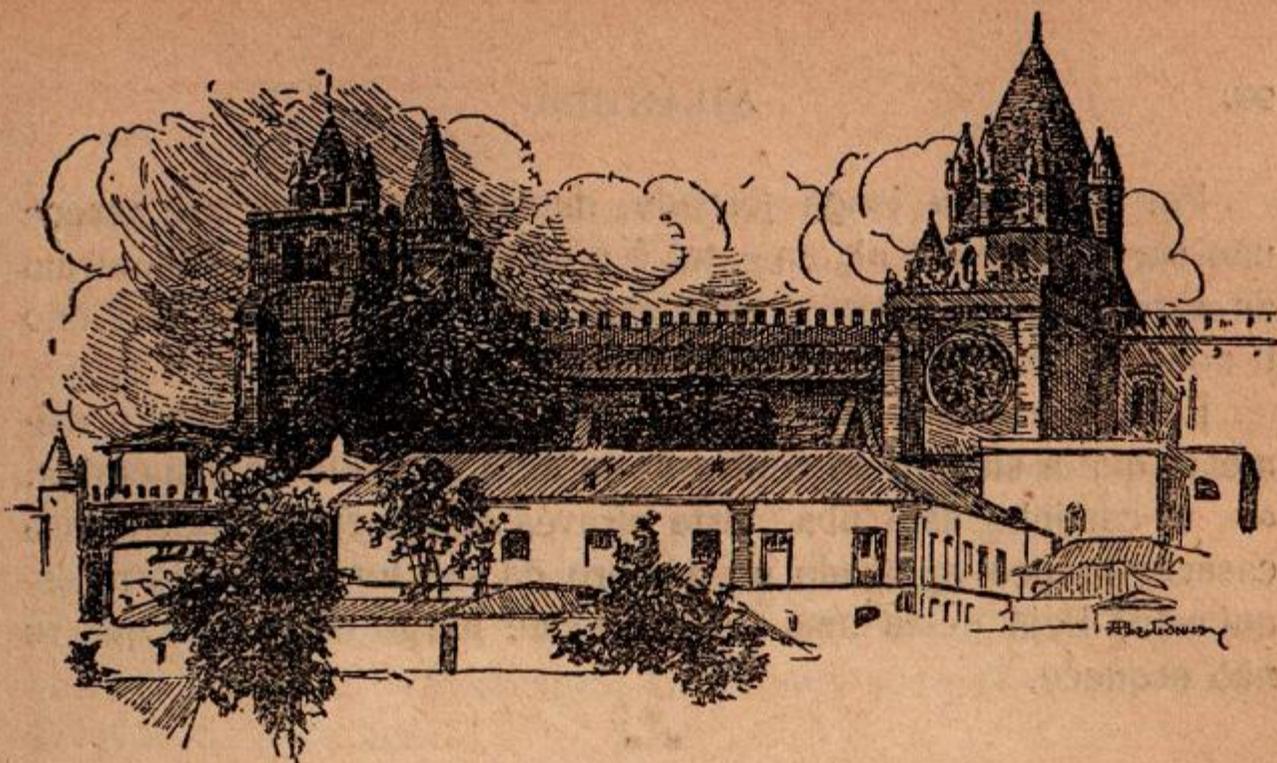
DIRECTORES:

João do Rio e João de Barros

EDITOR: Pedro Bordalo Pinheiro

REDACÇÃO: Rua António Maria Cardoso, 27

IMPRESA LIBANIO DA SILVA, Travessa do Fala-Só, 24 — LISBOA



## Évora

---

Reverter à nossa própria terra, de memória, e sem outro auxílio além do precário interêsse que deriva da renovação caprichosa de velhas sensações pitorescas, e isso quando vivemos longe, em ambiente de costumes e cenário muito diversos, e nos referimos particularmente a povoações ou sítios vistos de fugida, constitui uma espécie de «exotismo às avessas».

Vamos fazer a experiência dêsse novo, ou ainda mal explorado género literário, e como êste comêço de primavera, na região ennevoada onde me encontro, seja mais desconsolado e frio do que um rigoroso inverno português, lembrarei certa semana santa, assoalhada, quási tórrida, embora caísse no princípio de abril, de que passei três dias em Évora, cidade que nunca visitara nem tornei mais a ver.

\*  
\* \*

Eu vinha do Algarve e atravessara essa parte da serra, desarborizada e êrma, que prepara bem o viajante para os descampados alentejanos.

O sol aquecia a planície, que reverberava um calor tão intenso como no verão mas mais húmido e molesto. A largos intervalos as pardas azinheiras de tósca ramada, espalhadas pelo solo adusto e gretado, mais realçavam a monotonia da paisagem. Apareceram por fim os primeiros campos de searas reverdidas, a mitigar a já fastidiosa impressão de aridez quási desolada e até noite fechada o combóio correu pelos trigais.

Por toda essa longa jornada, numa linha férrea que parece não servir povoado algum — tal é a distância a que se encontram as estações dos logares, habitados mas invisíveis, que lhes dão o nome — Beja ganha foros de maravilha.

E na verdade, ou recortando a movente silhueta sôbre o mameirão que a sustêm ao centro da infinita campina de esmeralda, ou, a caminho da Cuba, vista através de um ralo olival, com o casario branco apinhado ao amparo da sua formidável tôrre esquinada, Beja deixa uma impressão de burgo majestoso que se não esquece.

\* \* \*

Chego a Évora de noite. Há uma extensa avenida que leva da estação à cidade, passando ao lado de uma igreja ou grande ermida torreada e architectada em leixão, como os castelos de rochas naturais que se encontram em certas praias do Oceano.

A cidade parece incomparavelmente mais vasta e interessante do que será na verdade. Percorro-a a pé, lentamente.

A praça de Sertório com os seus altos edificios que a noite pode tornar imponentes, as suas arcadas que a alargam e sob as quais as lojas se iluminam irregularmente; a fonte monolítica a que o murmúrio da água corrente dá «movimento real»; depois, a colunata do átrio de S. Francisco, estofada de profundíssimas trevas e ampliada monumentalmente; um palácio, ou uma portada colossal de sumptuosíssimo palácio incompleto; alguns conventos de enorme fachada, começando em graves linhas jesuíticas e acabando em fantásticas voltas rococó; o templo de Diana na sua graciosa e perfeita harmonia e, logo ao lado, a mole moçica da catedral, dão à cidade, vista assim, de noite e por quem pela primeira vez lhe pisa as ruas, um prestígio raro aguçando e exaltando a curiosidade.

\* \* \*

Ao dia seguinte, de manhã cedo, após muita hesitação, entre-se seria ou não preferível ater-me às impressões da véspera e regressar a casa pelo primeiro combóio, decidi-me a sujeitar as minhas exquisitas visões nocturnas à prova solar.

Fui direito à catedral. Fachada que lembra a da Sé de Lisboa: sem grande carácter, portanto, mas ostentando, a vedar-lhe o vestibulo, uma grade de ferro fundido, debuxada no gótico dos

mausoléus brasileiros que, na sua exorbitância, é sem dúvida a coisa mais detestavelmente feia que seja possível imaginar.

Arquitectura românica e restauração interna que encheu as juntas das pedras de cimento caiado. A capela-mór modificada no gosto de Mafra. O côro semelhante ao de Belém, com algumas figurinhas de movimento justo, na silharia, e uma bela cimalha de cabeças de efeito.

Nenhumas pinturas — visíveis — que prendam a atenção.

O claustro devastado e soterrado mas melancólico, todo hervado e vegetando braviamente. Um tronco sêco de árvore colossal reverdido de hera . . .

A Praça de Sertório vista à luz crua do sol perde, naturalmente, o aspecto sugestivo que a noite lhe prestava e a fonte monumental e monolítica resolve-se num balaústre desproporcionado, se não ridículo.

Mas a igreja de S. Francisco melhora. O pórtico ou vestibulo mais curioso ainda, de dia, com os seus arcos ogivais, os dos lados de arábica ogiva túmida, sôbre enfeites manuelinos.

Interior, de uma só nave, majestoso. Ao lado direito uma série de painéis dando um «Caminho da Cruz» genero flamengo italianizado, anterior ao Rubens.

«Capela dos ossos»: de elegantes proporções e feita de indústria a não repugnar no seu macabro embrechado de tíbias e crânios.

Um trôço de arcaria sôbre colunas geminadas rememora a existência do claustro que devia ser vasto e airoso.

\* \* \*

Livros há a cuja leitura se fica eternamente reconhecido, não tanto pelo prazer literário — digamos artístico — que nos causaram, como pela sua imediata e evidente influência na nossa actividade espiritual. Dir-se-ia que êles possuíam o oculto fermento sem o qual todas as nossas faculdades permaneceriam paradas, estéreis ou inúteis.

Guardadas as devidas proporções, a fachada da igreja da Graça produziu-me efeito semelhante.

Eu andava cansado de tanto casarão velho, maçudo e mais ou menos apalaçado, que atulha a cidade quando se me deparou a igreja da Graça. Que agradável extravagância a que lhe assentou aos cantos da cimalha aquelas duas figuras nuas e gigan-

tescas de granito, de pernas pendentes, ao lado de absurdas esferas e empunhando barras de ferro. E como é que o seu belo mas estranho movimento não destôa no conjunto da arruinada frontaria!

Isto me preparou para o resto do dia; a arcaria do aqueduto de Sertório, que segui fora da cidade, recortada na sua elegância de frágil e interminável brinquedo, pareceu-me admirável e o templo de Diana uma coisa única. Este constitui, no entanto, a evocação perfeita do mundo que melhor podia contrastar com a Évora jesuítica, tristonha e inquisitorial de que toda a cidade resume recordações palpitantes.

Deviam arejá-lo para lhe facilitar o efeito de divina simplicidade, perdido ou diminuído, ali, pela bruteza do muro da praça próxima e das construções cúbicas e tupidas que o cercam e abafam.

Mas o que seria excelente era leva-lo para algum dos pequenos promontórios gregos do mar do Algarve — a «ponta do Altar» ou a «ponta da Piedade» — onde o ambiente cristalino e cerúleo lhe restituiria cabalmente o seu peculiar encanto.

Visitamos o convento dos Loios que pertence à casa Cadaval e está ocupado por um colégio de meninos destinados, sem dúvida, à vida espiritual. Entramos à igreja que é de razoáveis proporções, com uma só nave e as paredes revestidas de grandes panos de azulejo azul e branco, representando quadros de muito agradável composição.

Em uma antiga capela, à direita da entrada principal, encontramos duas bellssimas lâminas tumulares, de bronze, cobrindo sepulturas da família Melo. São feitas de três pedaços, mostrando a primeira sepultura uma dama de corpo inteiro, deitada entre campanilos e dosséis de arquitectura gótica e a segunda uma espécie de colcha de floreado arabesco.

Há mais túmulos no templo, mas singularmente mesquinhos em relação à categoria dos mortos que encerram, e que são em grande número de estirpe rialenga.

As nobres e ilustres famílias portuguesas pouco ou nada cuidavam da parte monumental dos respectivos panteões. Por indiferença histórica? Por falta de recursos financeiros? Provavelmente por mera inconsciência estética. Mas é certo que os heróis não tinham mãos a medir quando se tratava de peitar os cronistas oficiais, conseguindo que lhes levassem os nomes à

posteridade enramados de loiros. Assim é que a história pátria nos serve tanta vez gato por lebre . . .

Dentro do claustro há que reparar na porta manuelina da casa do capítulo, de um desenho ousado e harmonioso.

Dos Loios voltamos à Sé para ver os paramentos. São na verdade riquíssimos — brocado de oiro na maioria — mas nada curiosos ou extraordinários pela composição ou pelo estilo.

Mostram-me com excessivos encarecimentos um terno pintado a suco de flores por um frade pacientíssimo. Era um frade que não fôra tocado pela graça da humildade . . .

Todos estes paramentos do faustoso tempo de D. João V, pintados a suco de flores ou cosidos em oiro mociço, lembram-me a linguagem pomposamente vazia que transmite ao público espanhol a árida inspiração dos seus poetas académicos.

\* \* \*

Passamos uma hora no «Passeio público», oásis de verdura e flores, delicioso de frescura e sossêgo na calma estival que envolve a cidade. Toca a banda militar, com notável afinação e concôrto, e um brio especial que atribuímos à nossa presença, pois nos encontramos sòzinhos a escutar-lhe o repertório.

Dêste modo se foi chegando a hora do jantar.

No meu hotel havia uma criada que se chamava Sancha e outra cujo nome esqueci mas que parecia uma talha de azeite ambulante: nasciam-lhe os exorbitantes quadris dos sovacos e com os braços curtos se lhe arredondassem no ar, empenhada constantemente em compor a trunfa com as manitas de coelho, era a perfeita reprodução da antiga talha com asas.

A mesa, um alferes impertinente, com a sua eterna camisa de punhos vermelhos a assanhar-lhe a elegância do uniforme, e um general alcachinado, gemebundo, gourido, imagem viva do «Senhor da Cana» fardado, e condenado perpétuamente a sentar se sôbre a corôa de espinhos.

Dão-nos vinho de «Pera Manca», de flavor subtil e umas intensas cabidelas de môlho espêso, aveludado, quási pecaminoso. O general comia vorazmente e, sendo o primeiro a servir-se dessas cabidelas arquiépiscopais, enchia um profundíssimo prato de sopa, atacando a terrina com ambas as mãos, a direita armada de colherão e a sinistra do garfo com o qual destramente espio-lhava os bocadinhos mais delicados das miudezas. Depois vinha

a empreitada de passar tudo aquilo ao bucho, com muitos suspiros abafados, mas levando-a ao cabo com tal consciência que até mastigava os ossinhos e enxugava o prato com miolo de pão. E era bonito vê-lo seguir com rigorosa inspecção os demais hóspedes que tomavam cabidela, dardejando olhares de severíssima repreensão sôbre aquelas que tiravam porções copiosas.

Depois do jantar, como suceda que procuremos um banco na praça «Gil Vicente», para descansar das fadigas do dia, e quando relembramos o repertório da banda militar, outras harmonias nos chegam aos ouvidos e nelas julgamos reconhecer a arte de um terceto de tocadores de feira que encontráramos por outras paragens.

Rabeca, viola e guitarra, tangidas nervosamente por três boémios pitorescos, de grenha inculta e aspecto diabólico, verdadeira multiplicação de um Paganini de espécie ínfima, se bem que apaixonada e ardente ainda.

Vamos verificar a nossa suspeita e de facto confirmamo-la topando numa viela próxima o grupo de estranhos virtuosos. Dão uma serenata às hetairas do bairro. Duas delas, à porta do seu bordel, levantam as cortinas de paninho branco num gesto simétrico e gracioso; vestem corpetes vermelhos e teem o cabelo negro e luzidio. Escutam extáticas e melancólicas. Outras odaliscas alinham-se e olham bovinamente dos dois lados da rua e das suas cabeleiras oleosas desprendem-se eflúvios de ranço mas longínquamente perfumados a bergamota.

Invade-nos também certa tristeza e pensando nessa época maravilhosa em que a mocidade inexperiente e entusiástica transpõe as portas da arena, onde a espera o cortejo de vícios — todos mascarados de alegria, quando não simulam as próprias virtudes — felicitamos a juventude eborense ao constatar que a tentação não revestia ali aparências irresistíveis. . .

\* \* \*

No outro dia levanto-me cêdo e mal humorado, desejando ver o tesouro da Sé e sabendo por informações fidedignas que a rivalidade dos seus chaveiros, cónegos A e B, torna a operação difficilima. Contamos, para levar a melhor, com a nossa velha e provada experiência da gente de igreja, mas a perspectiva de figurar nalgum conto inédito de «Hyssope» dispõe-nos péssimamente e tudo se ressentia dêsse estado de espírito.

Com o pensamento colhido pela imagem imprecisa mas irritante dos dois cónegos rabujentos mais se acentua a atmosfera desprazível da cidade; na véspera vira a miúdo finos perfis de moreníssimas ciganas e muitos olhos castanhos, meigos, scismadores, como só os teem as portuguesas; nessa manhã, entre gente feiíssima, multiplicavam-se os clérigos negroides e pançudos, que iam para as funções da «Semana Santa»; e até os cavalos que uns soldados mazorros passeavam à rédea diante do quartel pareciam esparvoados e grotescos.

Entrei à sacristia e o primeiro dos chaveiros que encontrei foi o cónego B — anafado e verdadeiramente cónego em seu aspecto e ademanes. Pôs dificuldades: devia acompanhar o arcebispo à estação, mas talvez depois do meio-dia pudesse comparecer, sendo indispensável que aprazássemos para a mesma hora o outro chaveiro, cónego A, com quem, redondamente e sem pejo o declarava, se não entendia.

Cónego A — género macerado e caduco — ali presente, condescende porêm — sem dúvida para contrariar o colega — em mostrar já o tesouro. Entreolham-se com aclesiástica ferocidade e cónego B, perante a minha insistência, cede.

Vimos, sôbre alta peanha, uma cruz recamada de esmaltes e pedraria; o famoso cális de oiro mociço, com o pé, todo em volta, coberto de pequenas cartelas, representando scenas da Paixão, em relêvo e delicadíssimamente cinzeladas; depois a custódia e o báculo de prodigiosa ornamentação manuelina.

Agradecemos, oferecemos o nosso fraco préstimo e deixamos os cónegos A e B de chave em punho, entreolhando-se raivosamente e tão irreconciliáveis como os havíamos encontrado.

Nós, à saída da Sé, reconciliámo-nos com a vida remirando o templo de Diana. Num templo pagão reside, definitivamente, o principal interêsse desta cidade...

Curiosa confusão: as linhas altas da Sé com as suas ameias, o zimbório gótico e o campanário vistos atravês da colunata rítmica!

Do parapeito do terraço onde o templo assenta espraia-se a vista pelo campo, infinito panorama fechando nas ondulações de umas longínquas serras azuladas onde sobressai, aguda, a elevação de Évora-Monte.

É monótona e triste a côr do vastíssimo e escuro manto que

ali cobre essas terras portuguesas por excelência, manto feito de montados de azinho e sôbro, com manchas plúmbeas de olivais disseminadas no verdete de escassas searas.

\*

Vai-se à Casa Pia — antigo Colégio dos Jesuítas e Universidade — tornejando umas construções imponentíssimas — muralhas, baluartes e conventos sobrepostos — parte restauradas, parte em ruínas.

É enorme, extensíssima, essa edificação da renascença filipina que envolve um claustro de proporções também prodigiosas. A igreja nua é do mesmo estilo, é igualmente vasta e fria-frígida.

Ao lado esquerdo do cruzeiro, numa espécie de pórtico toscano, o túmulo destinado ao Cardial-Rei D. Henrique e na parede um quadro de boa pintura da escola de Zurbaran, representando Santa Isabel sentada.

Conservo de toda esta mole architectónica certa impressão de grandioso que não é desagradável. Esse estilo geométrico, dispensando ornamentações supérfluas, tem um carácter definitivo que tranqüiliza. Lembra as figuras de rija têmpera, difficilmente acessíveis ao desespero e sobretudo incapazes de assoalhar as suas mágoas íntimas. É reservado e é forte. Na arquitectura raramente se encontra o equivalente desses artistas da palavra escrita, que juntam à firmeza do estilo certa petulância de expressão.

Eu admiro o estilo jesuítico. De resto, o meu temperamento nada tem de depreciativo: admiro de preferência e facilmente... Isso me dispõe, na vida corrente, a receber com alegria e curiosidade todas as novidades, mesmo as mais abstrusas. Compreendo mal a desconfiança invencível e sistemática de algumas criaturas inteligentes e cultas por tudo quanto é novo. Dir-se-ia que não há renovação possível nas manifestações estéticas, nos padrões da arte, e que as belezas tornadas clássicas, por séculos de ininterrupta consagração não começaram também por ser novas e agressivas para o gosto que as precedeu...

\*

O museu está instalado no edificio da biblioteca, compreendendo as «obras de pedra» nos baixos e no primeiro andar uma

grandíssima sala, suficientemente alumiada, atulhada de trapalhadas e tendo ao meio uma vitrine corrida onde se expõem, a par de coisas preciosas, bordados a missanga, cafres e familiares.

Pelas paredes uma espantosa série de quadros inverosimilmente horrorosos, mas entre eles várias pinturas interessantes:

— Um Frans Hals, evidentemente na sua última e larguíssima maneira. Já muito deteriorado, mostrando que o aprêço em que outrora o tiveram, comprovado pela riqueza da moldura primitiva, não o impôs aos cuidados das gerações modernas. Representa, em meio busto, um homem de cara enrugada, bigode arriçado e alourado, cabelo grisalho, de grande chapéu negro como o corpete onde o cabeção de linho branco sobressai. Colorido e expressão admiráveis, conservando intactos a cara, o cabelo e a gola;

— Belo retrato de síndico flâmengo, saúdável e pacífico personagem, chapéu alto como nos «paneiros» do Rembrandt. Provavelmente um Van der Helst;

— «O menino entre os doutores», bellíssima obra da escola de Bruges, com a Virgem, no alto do quadro, estupefacta perante os prodígios do filho;

— Perfeito retrato, corpo inteiro e tamanho natural, de magistrado espanhol, vestido de negro com farta gargantilha branca. A côr do rosto esmaecida; expressão finíssima que acentua o realismo da factura. O desenho, o modelado, as sombras do fundo, fazem lembrar o Velasquez;

— Retrato de D. Sebastião, corpo inteiro. Cabeça imensa, olhos mortiços, faces pintadas a carmim e buço arruivado que punge. É quási a reprodução de uma figura de cera;

— «No gêlo»: scena holandesa, curiosíssima pelo relêvo e movimento das figurinhas que a animam;

— Possível Murillo: «Cristo carregando com a cruz»;

— Com as iniciaes C M E — e a minha memória reteve-as porque são as mesmas de alguém que durante muitos anos me açambarcou a alma — sôbre madeira já muito carunchosa, uma pintura com tonalidade de «fresco» representando o amortalhar do «Cristo», trabalho alemão, original e vigoroso, especialmente no grupo que sustêm Maria desmaiada;

— Ainda um retrato de frade velho, de grande barba branca em leque e agudíssimo olhar azul...; e talvez muitas outras

obras de merecimento que, naquela babilónia, escapam a uma perfunctória e única inspecção.

Na vitrine o famoso tríptico de esmalte de Limoges, representando no quadro central o episódio da lançada de Longuinhos. Ao lado dêste prodígio de translucidez e arte um boné caseiro bordado a oiro, oferecido a Joaquim Heliodoro da Cunha Ravasco — perpetua o respectivo letreiro.

A meio da sala o pendão do Santo Ofício, tão fresco e natural como na hora em que deixou de servir, solta o seu grito sangrento de damasco retinto de púrpura.

Museu arqueológico — o das pedras: destroços interessantes do Convento do Paraíso, mausoléu em mármore branco e duas curiosíssimas colunas quadrangulares; portada manuelina de bela e arrojada forma; quatro perfís de sábios gregos em medalhões, etc.

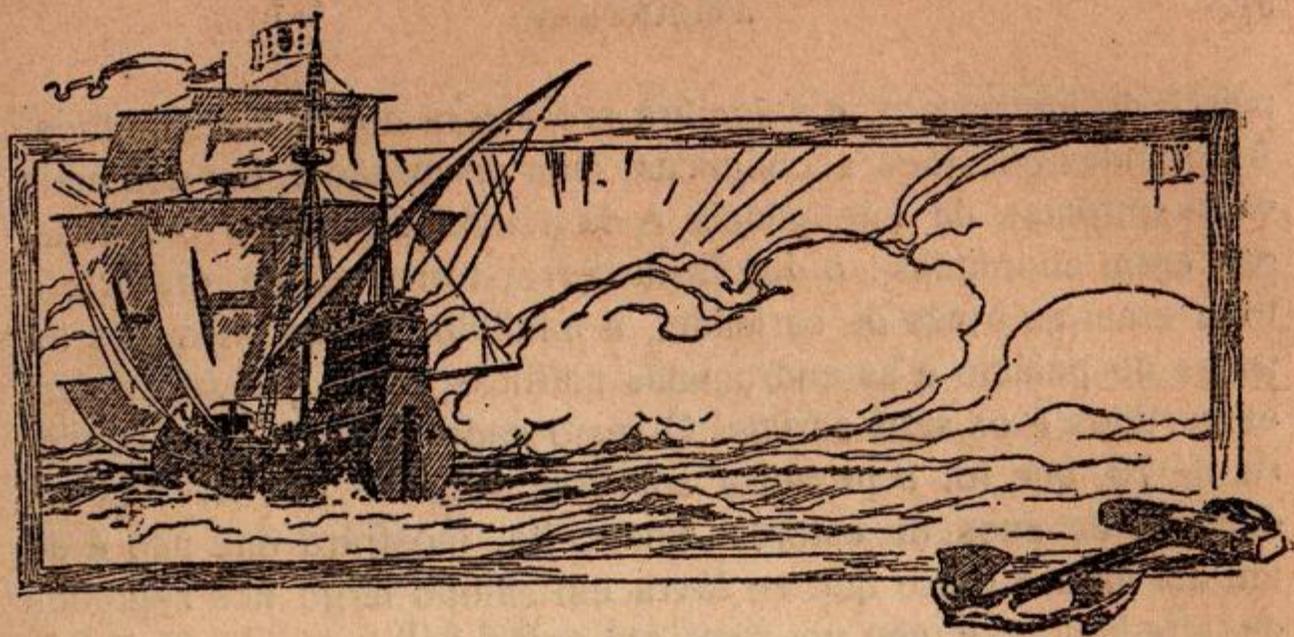
O conservador, recémchegado e descontente com o lugar, faz gala da sua profunda ignorância...

\*

Neste pequeno e leve ensaio de «exotismo às avessas» esgotei todo o meu arquivo de memórias eborenses mas afigura-se-me êle já tão insignificante, pela fórma e pelo assunto, que em comparação do tempo que levou a «pensar» me deixa na situação da célebre noiva de Panoias, a qual, como é sabido, levou também três dias e três noites a enfeitar-se e veio para a rua embrulhada num capacho...

Londres, Julho.

M. TEIXEIRA GOMES



## A grande crise

---

Chegará-se ao estado grave em que os povos perdem a noção do seu valor e esquecem ou afastam as responsabilidades pessoais e colectivas duma raça nas suas relações internas e para com terceiros. Retrocedéramos. E, entretanto, nem as guerras, nem as pestes, nem nenhuns outros flagelos de ordem séria, tinham vindo perturbar a doce quietação em que vivíamos. Um ou outro abalo político ou económico, ao aparecer, desfazia-se logo por uma lei ou um decreto e, sobretudo, pela bonhomia indolente de um povo inacostumado à luta e que preferia ter paciência a ter que reagir. Nem se reage quando se quer: a reacção é a consequência de faculdades intellectuais ou de inadiáveis necessidades insatisfeitas; e as inherentes revoluções que são, em geral, um protesto de lesados, oprimidos ou ambiciosos contra erros administrativos ou injustiças frequentes, não se fazem e não têm âmbito propício senão quando a fome ou a opressão atingem a maioria dos organismos sociais.

Aqui, desde que se iniciara essa política chamada de fomento, com Fontes, Rodrigo da Fonseca e varios outros, e desde que se dera à larga na importação dos capitais exóticos, de aonde resultou a perniciosa e terrivel invasão dos estrangeiros de toda a laia na nossa vida económica e moral, expoliando-nos e desnacionalisando-nos numa invasão constante, suave de comêço, mas ao depois hostile e aggressiva até ao maximo, — aqui vivia-se à

mercê do imprevisto, e à sombra protectora dos favores mútuos. As grandes questões económicas, cuja discussão é um dos mais viris sintómas da inteligência e da actividade dos povos, quasi não eram abordadas: o que fazia correr torrentes de oratória e tinta eram as irmãs de caridade, a infalibilidade do papa, as intrigas de palácio e as endrominas políticas sôbre que se esteiam os partidos e os seus servos. O resto nada valia. A crise bancária de 76, que foi o primeiro sobressalto grave que tivemos em dezenas de anos de esturdia financeira, mostrára que não é de um dia para o outro que se lavra em campo largo nos segredos da alta-banca, e que um povo até então habituado à indolência fradesca e às espórtulas de África e dos Brasís não tinha ainda a competência necessária para as salamancadas e negocios adjacentes, cuja técnica os audazes estrangeiros aqui vinham ensaiar, com enorme lucro próprio e em nosso inteiro detrimento. A crise seguinte, de 91, que foi mais grave, não encontrou quem a debelasse: arrastou-se longamente e aos vai-vens das soluções do acaso, na sua maioria obtidas por processos incoerentes e ao abrigo das emissões fiduciárias que iniciaram o sistema permanente da famosa banca-rota em que vivêmos. E ninguém se importava. O desdem, o desleixo, a ignorância e a manhosa sornice herdada de séculos de frades e de nobres, olhavam os acontecimentos com o mais indolente dos desprezos: de cêrca de quatrocentas entidades, comportando as chamadas fôrças vivas, economistas, professores, bancos, companhias e gentes de nomeada que o Govêrno convidára a emitir voto para solucionar a crise, — só cinco responderam, e só um disse coisas que valia a pena ler!

E era aos bocados que a tal política de fomento aparecia: alguns centos de quilómetros de via férrea, o pôrto de Lisboa e o pseudo — pôrto de Leixões, para não falarmos de miudas coisas que todos veem e conhecem por êste lindo Portugal inteiro. A lavoura em grande, proprietária de um sólo uberrimo, e usufruindo uma mão de obra baratíssima e paciente, vivia nas cidades onde há gremios, luxos, teatros e batotas, e, à sombra da lei dos cereais que foi uma das mais graves causas da miséria pública, mesclava-se de janotismo citadino, intervindo nas pândegas acérrimas que iniciáram a queda do regimen, nos Estorís e em Cascais, com o *golf*, o *tenis* e várias outras prendas desportivas, importadas para substituir as bebedeiras com vinho carrascão e as pé-

gas de gado bravo nas toiradas. Nas províncias, pelas terras férteis que o rico lavrador abandonára às mãos dos seareiros adventícios ou dos feitores ávidos, a indigência crescia: nem caminhos, nem escolas, nem confortos! Lisboa, a côrte, a fidalguia, as francesas e os vícios raros, entre os quais debutára com agrado louco aquele que Suetone fustigava, ao falar de Doriphores e de Sporus, íntimos de Nero, eram coisa bem melhor do que viver nas «herdades» e nos «montes», tanto mais que a dita lei dos trigos dava para tudo. De indústrias, nada. Parasitárias, à mercê dos cambios e das importações, nem o doido e falacioso colbertismo das pautas e das leis subsidiárias, conseguiram coisa que se visse, apesar do uso imoderado do anonimato em matéria de sociedades mercantís, que tudo permitia e permite ainda.

A derrocada era completa. A pimenta das Índias, os oiros dos Brasís e as aventuras de África havia muitos anos que eram letra morta. As colónias que o tratado de Berlim nos deixára por esmola, vegetavam, sugando-nos, engordando governadores, e repartindo-se aos pedaços pelos sindicatos ingleses e franceses que préviamente se assenhoreavam dos grandes homes do regimen. O cacau, na mão de meia-dúzia de roceiros fartos, era produto de comércio de alemães aqui vivendo em donos de isto-tudo. E só as cambiais do Brasil vinham mostrar que o povo português ainda trabalhava, — mas longe de sua pátria, e a soldo e a chicote alheios!

No meio dêsse estado anárquico em matéria económica, criados de dívidas externas e internas, sugados hora a hora pela malta de estrangeiros que de toda a parte aqui veio assentar tenda a explorar-nos, e, ainda por cima, analfabetos e indolentes, — a basófia toda era falar nas nossas glórias de séculos passados, e, — ó ironia do destino! — até oficialmente se fundára certa sociedade destinada à propaganda do país lá fora, porque parece que essa gente àlém-fronteiras ignorava que existia Portugal, e havia que ensinar-lhe geografia!

E foi assim, no meio dêsse descalabro, no limiar da Morte que era a consequência inevitável do estado de abandono em que tinham resvalado os resíduos da raça portuguesa, foi assim que a República surgiu. República originariamente baseada na escola idealista de Coimbra, mixto de scepticismo e de crença, Antero e José Falcão, Oliveira Martins e Teófilo. Outros, à laia de Gui-

zots, embebedados pelo fumo francês de 70, pela unificação da Itália, pela terceira República, gritavam ao povo que era preciso enriquecer, ser livre, ser feliz, e pesar na balança das nações. E a subsidiária literatura apareceu, criou raízes, foi enérgica, audaz, demolidora. Mas, dentro dela, que havia então de tangível e de sólido? Os programas dos partidos? E que são os programas políticos quando os partidos tomam conta do poder? Viu-se. Constituído que foi o Governo-provisório, e instalado o novo Mando no Terreiro do Paço, pouco foi o legislado que ao apregoado se igualasse: afora certas leis notáveis, outras de ocasião, e outras destinadas a satisfazer vários grupos borda-d'água, o resto ficara muito aquém do programa que fôra a base essencial da propaganda de quarenta anos e na qual, de resto, intervieram os mais luzidos vultos das manadas anuais de bachareis que Coimbra engendrava sem cessar, e muitos dos quais se iam entretanto bandeando para a monarquia, cançados de esperar. Se, como dizem certos filósofos, os grandes acontecimentos provocam inalteravelmente a aparição de personalidades novas, devidas sobretudo a revivescências ancestrais, viu-se que, em Portugal, tal fenómeno se não deu por efeito da mudança de regimen: os homens que dirigem a República, são, em minoria, aqueles que a fizeram, e os restantes são os mesmos que tinham governado com o trono ou que com êle se banquetearam na folia que o prostrou.

A modificação da forma do governo também não modificara essencialmente os homens: eram todos os mesmos, com os mesmos vícios e as mesmas qualidades: e os novos dirigentes, êsses que, em primeira mão, detiveram o poder republicano, deviam ter amargamente conhecido quão difficil é, com gente assim, inaugurar uma política sadia, essa política de reformas amplas que êles vinham de boa-fé apregoando ao povo ingenuo que os amava, os conhecia e, agora, os fuzilava com olhares de anciedade pela execução dos programas escutados com delirio. De uma banda à outra do país, as adesões choveram. Em oito dias, toda a gente ardilosa se tornára radical: e com essas adesões vieram as necessidades insatisfeitas, os odios represados e, principalmente, os vícios que tinham derrubado a monarquia e que a República deveria combater, sem um momento de descanso. Gentes sinceras das aldeias, de mistura com jôvens audaciosos de Coimbra e de Lisboa, constituíram, na sua maioria, os novos parlamentos, ao primeiro dos quais não é, entretanto, lícito negar, em seu conjunto,

valiosas qualidades de virtude e de amor pela República. Cá por fora, porém, os que não tinham entrado desde logo no palrar das Câmaras nem na penicularia adoração aos deuses, iam levando sua vida antiga, reconstruindo planos de antemão forjados e que o Cinco-de-outubro abalara por momentos. Logo em grupos se formaram, gesticulando, gritando sabedoria, oferecendo préstimos aos governos. Sabiam tudo, estudavam tudo: os sistemas monetários, as pautas e a política fiscal, a beterraba sacarina e o regime dos assúcares, os portos francos, o algodão de Angola e a lagarta do cacau, as ostras do Seixal, a indústria do carvão e dos metais, a terrífica história da lavoura pobre, as pevides do Hindustão, e mil outras coisas diferentes, — tudo isso eram assuntos que essa gente conhecia óptimamente, e de cathedra impingia pela imprensa aos ingénuos descendentes de Gama e de Camões. E, impavidos, inconscientes uns, espertalhões os outros, lá seguiam e seguem seus destinos, na estulta vaidade que os domina ou na esteira da marosca que planeiam, — e executam, salvo empeno. Pois sim. Mas a opinião pública, que não é a opinião que êles publicam, formula suas conclusões, e, por vezes, os sabios emudecem!

Os mesmos. E aqueles que, de boa-fé, tudo sacrificando pela República, se entregaram, com entusiasmo e com amor, à regeneração de uma pátria que a alma nacional parecia querer abandonar, tiveram ocasião de ver quanto é difícil trilhar novos caminhos. E, ao fim de poucos anos, tendo esmagado consecutivas e audazes incursões monarquicas, ilaqueados pelas divisões cruéis que a dentro da própria familia fundadora do regimen se produziam com fragor, lutando com as fôrças do dinheiro que agressivamente se afastavam, e com as classes proletárias que um romantismo idealista lançara na loucura, sem indústrias próprias, sem dinheiro, sem trabalho, sem educação cívica e quási sem vergonha —, foi assim que, de um dia para o outro, êsses homens e nós todos nos encontrámos em face da grande guerra e em face da grande crise que iria decidir da vida da Nação.

E em face dessa crise nos encontramos. Foi em face dela que nos vimos, de tudo desmunidos, as pseudo-indústrias paralisadas por falta de matérias primas, os celeiros vãos por falta de trigo nacional e exótico, as importações rareando, as subsistências atingindo preços doidos e incompatíveis com os recursos próprios do trabalho, toda a vida económica e social profundamente per-

turbada, sem apêlo nem agravo. Nem os sábios, nem as fôrças vivas, nem a politicagem nos valiam, apesar de todos os alvitres e arrazoados em que é fértil a imaginação dêsses talentos. Os homens públicos viram então que governar povos deve ser tarefa mais difficil do que eleger amigos deputados.

A nossa participação na guerra, fenómeno moral e material que se impunha ao brio e à dignidade da nação, veio crescer ainda mais e muito mais as dificuldades de toda a ordem em que o país se debatia já: e só à crença, que no fundo da alma nacional existe intacta, de que Portugal é um povo que não pode morrer, é que se deve esta admiravel e sólida e valente resistênciade de que vimos dando prova, lutando ásperamente pela vida e pela manutenção da nossa integridade colectiva. Ainda quando, há pouco tempo, se desenhou a falada «harmonia ibérica», de pitoresca história, foi o espírito colectivo da raça que a desfez: iam oferecer-nos os treze milhões de analfabetos espanhóis, a sua atrasada cultura cívica e moral, a prodigiosa mortalidade madri-lena de 32 por mil, e a sua miséria anárquica e perigosa, tudo isso acrescido da neutralidade com que a Espanha viu abarrotar de oiros os seus cofres e, em basófia, esquecer Cuba e Filipinas, para gritar ao mundo inteiro que o seu encaixe actual já vai além de dois milhões e meio de pesetas! Não. Para felicidade portuguesa, bem basta que continuemos a deixar aqui medrar a convencional honestidade dos galegos, na laboriosa fruição do *trust* do comes-e-bebes, com taberna, padaria e chafariz. O resto era de mais.

E foi êste um dos novos sintomas virís da nossa raça, o primeiro talvez daqueles cuja série se iniciou, partindo para a guerra. Foi essa uma das provas mais eloquentes de que queremos viver e havemos de viver, independentes, em nossa casa, senhores do que é nosso: entregues de alma e corpo à satisfação dos nossos compromissos internacionais, nós, que temos vazios os erários, desprezamos a «harmonia» com os seus biliões —, e fugimos da covardia que o oiro por vezes representa!

Assim fôsse tudo o mais: assim, nesta grande crise que atravessamos, todos nós nos uníssemos para o fim comum, que é o de vencer, que é o de manter a pátria íntegra e valente. Assim deixássemos de dar ouvidos à turba de vaidosos e de maus que cá dentro nos perturbam com seus erros e leviandades criminosas. Assim organisássemos desde já um plano de regeneração

económica, destinado a garantir a nossa vida interna, durante e depois da guerra. A grande crise que atravessamos, a maior da nossa história, não será resolvida pelos parvos que vêm à imprensa com ideas, todas elas de carácter unilateral, e defendendo interesses de casta ou pessoais.

Os inuteis, os insignificantes, quaisquer que êles sejam e por maior que seja a sua audácia, devem ser afastados do trabalho a que todos os que pensam têm sem demora que entregar-se sob pena de aparecer a fome e talvez a morte da Nação. Sobre-tudo, êsses para quem a guerra tem sido a feliz indústria que, de um momento para o outro, lhes permitiu que, descaradamente e agressivamente, nos enxovalhem a nós e aos nossos filhos, com o oiro das trapaças e das sem-vergonhas, sobretudo êsses novos-ricos que inda horem eram conhecidos vagueando pelas sordidas vielas do acaso, é preciso afastá-los e reduzi-los à originária fase em que viviam, depois de terem previamente reembolsado, se possível, aquilo que extorquiram à miséria colectiva. O contrário seria injurioso e revoltaria a alma nacional até ao desvario!

Esse plano de fomento e de regeneração social, deveria ser segundo nós, baseado no «solidarismo», aliado ao socialismo do Estado, ambas estas doutrinas applicadas e fundidas numa fórmula especial adequada ao nosso meio, ao nosso temperamento e às nossas qualidades civicas.

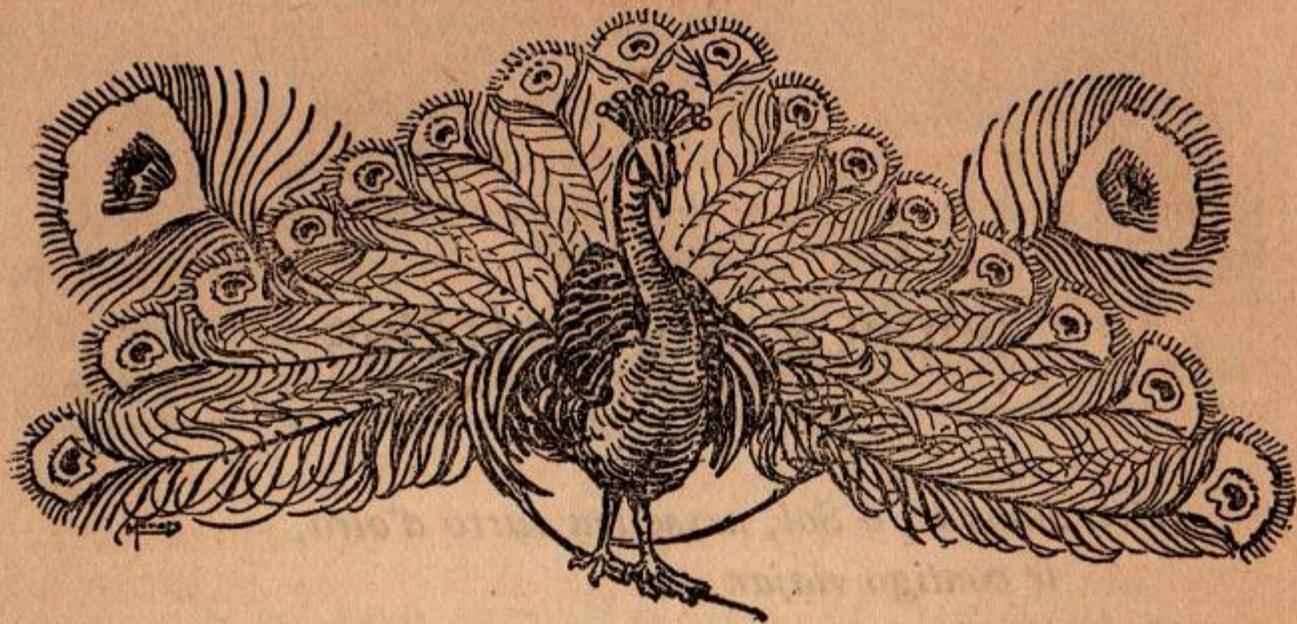
Ao empregar a palavra «solidarismo», devemos esclarecer que não nos referimos a êsse solidarismo, espécie de programa partidário em que a França se embalou há alguns anos e que era mais uma bandeira de revolta içada pelos radicais-socialistas do que uma escola económica destinada a solucionar os problemas sociais da época. Não é êsse solidarismo que Léon Bourgeois pretendeu introduzir nos costumes políticos da França, e que era um dos vários aspectos da intelligência francesa ao serviço das oligarquias eleitorais do partido que êle chefiava. O nosso solidarismo seria um solidarismo baseado nos verdadeiros organismos nacionais, criados e a criar, que ficariam dependentes do actual estado republicano e, sob a tutela dêste, se tornariam o Quero-Posso-e-Mando, fazendo desaparecer o indivíduo com seus interesses, vaidades e orgulhos pessoais, para substitui-lo por uma dependência recíproca de todas as partículas que compõem a comunidade.

Sob esta fórmula, que não é mais do que juntar o país inteiro

ao serviço de si próprio, e não ao serviço de cada uma das classes que o compõem, principalmente das que mais se fazem ouvir pela sua importância eleitoral, numérica ou financeira, se conseguiria por certo fazer face à grande crise que atravessamos e cujo sombrio futuro se desenha por tal forma carregado, que só uma outra grande crise, mas esta de interesses individuais, poderá vir atenuar e desfazer em parte...

E como não é num único artigo de revista que semelhantes ideias se apresentam e desde logo scientificamente se defendem, ao assunto voltaremos oportunamente, se a êle nos chamarem os raros homens que a sério se interessam pelo futuro da sua pátria, ou se virmos que ainda vale a pena escrever em Portugal.

JOSÉ DE CAMPOS PEREIRA.



## Aurora d'ouro

---

*Rompeu-se o véu do céu. E a nova Aurora  
saíu, nimbada d'ouro e diamantina,  
por entre a clara névoa matutina,  
da torre de cristal onde ela mora . . .*

*Além, por trás dum tôpo de colina  
— Aguia de luz por êsse espaço fora —  
ergue-se o Sol; e sobe e cresce, e agora  
já toda a terra e céu e o mar domina! . . .*

*Mar de safira e ouro! . . . Oh, mar imenso!  
Pudesse eu diluir-me, andar suspenso  
daquela nuvem, entre o céu e o mar! . . .*

*Vogar . . . pairar . . . envolto em claridade,  
perder-me pelo azul da imensidade . . .  
levar-me o vento . . . e nunca mais voltar! . . .*

## Súplica das Estrêlas

---

«Deixa-nos ir, ó Sol, nesse teu carro d'ouro,  
ir contigo viajar . . .

Há no fundo do mar escondido um tesouro  
de pérolas sem par!

Nós vêmo-las daqui, as pedras preciosas  
que o vasto mar contém . . .

Quando a gente ilumina as noites silenciosas  
brilham elas também.»

E o bom do Sol amigo assim lhes respondeu :

— «Não pode ser agora ;

Tendes de alumiar a terra, o mar e o céu,  
até que nasça a aurora.

As pérolas que à noite a água agita, e esplendem  
— refreai vossas mágoas —

são a imagem do céu, dos astros que se acendem,  
refulgindo nas águas! . . . »

Nisto afundou no mar. E à noite, na amplidão  
uma estrêla dizia :

«Como é tão alto o céu, que desta imensidão  
Nem eu me conhecia! . . . »



## O autor oculto do “Chrisfal”

(Conclusão)

Como se sabe, porque a história o afirma, a infanta D. Maria a despeito de avultadíssimo dote que levaria ao seu noivo, em dinheiro e terras,

*e dão-lhe logo, comigo,  
gados que farão mil queijos*

nunca conseguiu casar, conquanto se tivessem iniciado diversas negociações diplomáticas com tal fim. As verdadeiras causas porque abortaram êsses planeados casamentos não são conhecidas com rigor pois os cronistas, neste ponto, são puramente hipotéticos nas explicações que pretendem impingir, alegando motivos fúteis e ilógicos, que a coerência da penetração crítica se recusa a admitir como verídicos, parecendo, porém, que alguma coisa de grave, de secreto, de misterioso, obstou ao enlace matrimonial da infanta *sempre-noiva*, antes de D. Jorge partir para o destêrro, em 1544. E tanto poderia ser a recusa pertinaz dela em dar o seu consentimento, como ser poderia, também, algum aviso confidencial enviado aos pretendentes — pelo bispo D. Miguel, fazendo o jôgo do sobrinho, — prevenindo-os de que D. Maria já não possuía, em absoluto, aquilo que garante a integridade das princesas e das plebeias... castas. E de aí êles *despedirem-se* com salamaleques diplomáticos, *escusas* polidas, mas *mostrando* assim — para quem estivesse no segrêdo do negócio — que se afastavam, prudentemente, por temerem achar, nos lábios de Maria, o sabor erótico *dos beijos de Chrisfal!*

*Muitos pastores, buscaram :*

Alude-se aqui aos vários noivos procurados pela família da heroína : sua mãe D. Leonor de Áustria, seu tio Carlos V, e seu irmão D. João III. E as *buscas* resultaram, sempre, estéreis !

*mas um pastor, por ser-te amigo,*

Aí por volta de 1540, depois de outros casamentos falhados, Carlos V mostrou empenho em que sua sobrinha se consorciasse com o arquiduque Maximiliano, filho e herdeiro do rei dos romanos Fernando de Hungria, mas o projectado casamento gorou, de súbito. É êste Maximiliano, sem dúvida, o *pastor amigo* a quem o poeta se refere.

*e outro, por ser-te inimigo.*

Segundo uma das cláusulas do tratado de Madrid, que a rainha D. Leonor fizera incluir, o delfim de França, filho primogénito de Francisco I, devia casar com a filha de D. Manuel, logo que esta completasse doze anos, isto é : em 1533. E o casamento não se efectuou na época determinada ! <sup>(1)</sup> Anos depois, entabularam-se negociações para o duque de Orleans, filho mais novo de Francisco I, receber por mulher a irmã de D. João III ; mas as negociações falharam, e o matrimónio não chegou a realizar-se, sem se saber bem o motivo porquê ! É êste último, de certo, o *pastor inimigo*, por ser francês, e os franceses não eram, então, muito amigos dos portugueses que mostravam, abertamente, a sua simpatia por Carlos V. Não resta dúvida que o autor se refere ao duque de Orleans, visto o delfim, seu irmão, ter falecido em 10 de Agosto de 1536.

*um e outro se escusaram*

apesar do dote avultadíssimo — *gados que farão mil queijos* — que o poeta indica sob esta forma convencional da poesia bucolista. Assim, os casamentos de Maria falharam porque *os pastores*

..... *temiam*  
que o sabor dos teus beijos  
na minha boca achariam

<sup>(1)</sup> «Nenhum historiador indica os motivos que impediram o cumprimento desta cláusula ; pode-se presumir, porém, que foram as novas guerras entre os dois monarchas rivais (Francisco I e Carlos V) que obstaram ao enlace contratado». — D. Carolina M. Vasconcelos ; obra citada.

enfim, receavam encontrar o que todo o homem de brios receia: o sabor de beijos de outro na bôca da noiva. E de aí o insucesso das tentativas de consórcios para a infanta. Não será esta talvez, concordo, a razão histórica dos factos, sendo uma engenhosa explicação poética apenas, mas não pôde negar-se ao autor espirito inventivo e — quem sabe? — é muito possível mesmo que se fizesse eco, de boa fé, duma versão corrente na sociedade palaciana da época onde se amolaria o caso entre os segredos maliciosos e os risinhos abafados das damas nobres . . . (1).

Antes que o diálogo entre os dois namorados finde — acordando, então, *Chrisfal* do seu sonho — Maria diz-lhe, por último :

Quando *contigo falei*  
*aquela última vez,*  
 o choro que então chorei,  
 que o teu chorar me fez,  
 nunca o esquecerei.  
 Foi esta *a vez derradeira*  
 mas comêço de paixão,  
 passando-me eu então  
 para o *casal da Figueira*  
 do Vale de Pantaleão.

Localiza-se aqui um determinado sítio onde êles se viram pela *última vez*, onde se avistaram pela *vez derradeira*. Atendendo a que D. João III, a despeito do seu excessivo rigor contra D. Jorge da Silva, lhe modificou a pena do degrêdo de Mazagão para Arzila — decerto por conveniência própria do condenado — e lhe permitiu conservar-se em Portugal por mais um mês, não será muito ilógico conjecturar-se que — a ter havido, realmente, o casamento clandestino, como suponho, — não se opusesse a uma última entrevista entre ambos, por motivos de escrúpulos religiosos de consciência, visto D. Jorge partir para um local de onde nunca mais deveria voltar. Não pretendo, de forma alguma, insinuar que fôsse o próprio monarca que facilitasse as coisas, mas não me repugna acreditar que essa entrevista se realizou

---

(1) Além dos casamentos que deixo indicados ainda a infanta esteve para casar com Carlos V, com seu filho primogénito Filipe I, e com o arquiduque Fernando, e parece que com o duque de Aveiro e marquês de Tôrres Novas D. João de Lencastre, a quem D. João III roubara a noiva para seu irmão D. Fernando. Apesar de tudo, D. Maria morreu solteira! . . .

com conhecimento seu. Nasce esta hipótese do que o autor faz dizer a *Chrisfal* quando, de novo, avista Maria:

Quisera-a ir receber  
vendo-a ante mim presente,  
mas não pude, de contente,  
que, indo para o fazer,  
de prazer me achei doente

Vendo, então, que me forçava  
o prazer fazer demora,

Seria a *demora*, concedida pelo rei, motivada por doença de D. Jorge? Nada mais possível de que a última entrevista com a sua amada lhe ter produzido um profundo abalo moral, tanto mais que ela vinha vestida de *arenoso*, côr da areia, de amarelo, a côr simbólica do desespero, segundo a metáfora feliz do poeta. Determinar a topografia do local, onde êsse encontro se poderia ter realizado, será fazer *romance*... que o senso crítico condena por vôo fantasmagórico, todavia lembrarei que ainda hoje há, nos arredores de Coimbra, povoações que conservam estes nomes: *Vale de Figueiras* (na freguesia de Eiras) e *Casal das Figueiras* (na freguesia de S. Martinho do Bispo).

E o autor finaliza, a sua obra, por estas duas décimas singulares:

Isto que *Chrisfal* dizia,  
assim como o contava,  
uma ninfa o escrevia  
*num álamo* que ali estava, <sup>(1)</sup>  
que ainda então crescia.  
Dizem que foi seu intento  
de escrevê-lo em tal lugar  
para, por tempo, se alçar  
*onde baixo pensamento*  
*lhe não pudesse chegar.* <sup>(2)</sup>

(1) O álamo é uma árvore simbólica. O poeta emprega-a aqui por simbolismo. *Ser fôlha de álamo* significa ser pouco firme, inconstante, volúvel, aludindo às duas côres diferentes que a fôlha dessa árvore possui sendo vista dum lado ou vista do outro. «*Mulheres são fôlhas de álamo, em qualquer contraste se perdem e mudam toda a fé, que tinham dado*». V. «*Eufrosina*», acto V, sc. 5.<sup>a</sup>, por Jorge Ferreira de Vasconcelos.

(2) Alude à maneira baralhada, e propositadamente obscurecida, como a narrativa é feita, sendo necessário conhecer os factos para se poder interpretar os versos.

Eu o trasladei dali,  
*onde mais estava escrito*  
*que aqui não escrevi, (1)*  
 porque, em mal tam infinito,  
*não se póde dar a fim. (2)*  
 O que se fez de Chrisfal  
 não sabe, ao certo, ninguém;  
*muitos por morto o tem, (3)*  
 mas *quem vive* em tanto mal  
 nunca vê tamanho bem! (4)

\* \* \*

Qual foi o poeta extraordinário, de tão fecundo talento, que concebeu, elaborou; e publicou a narrativa rimada dêsse emocionante drama de amor desventurado que temos vindo analisando?

Quem é o autor oculto das *Trovas de Chrisfal*?

(1) Perece referir-se à sentença do destêrro de D. Jorge para África, pois na sentença de D. João III é que estava escrita a pena de deserdá-lo bem como o degrêdo, *onde mais estava escrito que aqui não escrevi*. Como vimos, não se alude a estes factos, e, no decurso das *Trovas*, apenas Maria diz, de forma imperiosa, uma unica vez:

«Não te veja aqui ninguém;  
 vai-te Chrisfal, desta terra;

(2) Aqui, se bem que haja um jôgo de palavras, — por causa de *infinito mal* — pode haver, também, anfibologia, subtileza poetica, porque as palavras *a fim* podem tomar-se, igualmente, no sentido de *a morte*, como nesta outra passagem:

Se por isso desmereço,  
*dê-se-me a culpa assim,*  
 e seja já com *a fim*

Mas o delito porque *Chrisfal* era acusado não podia ser punido com a morte decretada,

(3) As *Trovas de Chrisfal* foram escritas, evidentemente, depois de 23 de Junho de 1544, isto é: quando D. Jorge da Silva já se encontrava em Africa, cumprindo o degrêdo, porque *ninguém sabia dele ao certo*, tanto que *muitos já o tinham por morto*, suposição muito natural atendendo às continuadas escaramuças, combates, cercos, etc. que ali tínhamos, frequentemente, com os mouros.

(4) O poeta tinha a certeza absoluta de que *Chrisfal* ainda era vivo, como demonstra nestes dois versos. E já vimos que, D. Jorge da Silva, não morreu logo nos primeiros meses de destêrro, visto que em 7 de Novembro de 1544 ainda combateu, em Arzila.

Desde 1554 para cá — séculos em fóra — tem sido atribuída a paternidade destes versos a Cristóvão Falcão de Sousa; mas, modernamente, em 1908, o sr. Delfim Guimarães, conhecido editor de Lisboa, publicou um livro intitulado *Bernardim Ribeiro (O poeta Chrisfal)*, rebatendo a lenda absurda de Cristóvão Falcão, poeta, e tentando demonstrar que *Chrisfal* é, apenas, um pseudónimo do autor da *Menina e Moça*. Esta opinião tem sido muito discutida, — no Brasil, em especial, — pois parece que a solução integral dêste complexo problema histórico-literário tem interessado e apaixonado mais os nossos irmãos de além-mar do que, propriamente, os compatriotas do decantado herói. Bem hajam, pois, os intelectuais brasileiros que assim procedem, dedicando o seu esforço de investigação, e toda a sua aptidão mental, a êste estudo interessantíssimo, a esta debatidíssima questão de determinar uma personalidade definitiva, com rigor, com certeza, de maneira precisa. Presentemente — tanto em Portugal como no Brasil — os críticos dividem-se em dois campos: os *falcánistas* (que seguem Teófilo Braga e a sua obstinada opinião sobre um pseudo-trovador Cristóvão Falcão) e os *bernardinistas* (que aceitam a exegese, de resto, pouco convincente de Guimarães).

Conquanto me pese — porque tenho no maior aprêço o trabalho dos outros — mas para honra e glória da verdade histórica, contesto, neste lugar, que nem Cristóvão Falcão de Sousa nem Bernardim Ribeiro escreveram os versos que lhes são atribuídos pois o autor oculto das magoadas queixas de *Chrisfal* é Luís de Camões.

Esta afirmativa, pela primeira vez formulada diante do público e perante os críticos, há-de causar surprêsa, estou certo, todavia vejamos de que argumentos me utilizo para a poder fazer assim, de fôrma positiva e solucionante.

Segundo Storck, — o autor que, até hoje, tem estudado com mais imparcialidade a vida bastante obscura do famoso *Trincafortes* — Camões entrou para a casa de D. Francisco de Noronha (Linhares) como aio ou preceptor de seu filho D. António, no ano de 1543. Este D. Francisco de Noronha, que possuía um sumptuoso palácio em Xabregas, era filho de D. António de Noronha, 1.º conde de Linhares, e de sua mulher D. Joana da Silva, tia do desventurado D. Jorge da Silva que já, então, se achava encarcerado na tôrre de Belém. É facil ajuizar a impressão de-

sagradável e dolorosa que essa prisão teria produzido nos membros das famílias Portalegre e Linhares. Camões viu de perto essa desolação doméstica, essa dor de todos, e foi informado, com recato, dos verdadeiros motivos porque o prisioneiro desmerecera do conceito régio. E quando — pouco depois de 23 de Junho de 1544 — o filho do conde de Portalegre embarcou para o degrêdo, entre as lágrimas da família e os abraços pungidos dos amigos íntimos, Camões — acompanhando o seu discípulo — assistiu também, decerto, à comovedora scena da despedida.

Assim, profundamente emocionado, sentindo a impressão tocante da dolorosa partida, intimamente comovido de pesar por êsse naufrago do amor que, tão longe da família e da bem amada, ia expiar o crime grave da sua ternura veemente, Camões — que por êsse tempo ruminava já os seus *Lusíadas*: «*as coisas de muita glória*» — sentiu-se inspirado e decidiu perpetuar pelo verso êsse romance de amor infeliz, visto que

as coisas de muita glória,  
como as de grande pesar,  
recebe bem a memória.

como escreveu nas derradeiras décimas do *Chrisfal*.

A mais antiga referência às *Trovas* que se conhece — sem, todavia, serem citadas — é de 1547. E — coisa curiosa! — essa referência é feita pelo próprio Camões! Estando em Ceuta, no referido ano, escreveu dali a um amigo, e na sua carta transcreve versos do *Chrisfal*, que aplica à sua situação desolada. Eis o trecho da carta a que aludo:

«Quão mal está no caso quem cuida que a modança do logar muda a dor do sentimento! E senão diga-o quien dijo que la ausencia causa olvido. Por que, em fim *en la tierra queda*, e o mais *a alma acompanha* (1). Ao alvo destes cuidados jogam meus pensamentos á barreira, tendo-me já pelo costume, tão contente de triste, que triste me faria ser contente; *por que o longo uso dos annos se converte em natureza* (2). Pois o que he para:

(1) «*cá fica o háver na terra,  
o amor a alma acompanha.*»  
*Trovas de Chrisfal*, str. 86

(2) *que o longo uso dos annos  
se converte em natureza.*  
Idem, str. 10

*mor mal tenho eu para mor bem* <sup>(1)</sup>. Ainda que, para viver no mundo, me debruo de outro panno, por não parecer coruja entre pardaes, fazendo-me um para ser outro, sendo outro para ser um; *mas a dor dissimulada dará seu fruto* <sup>(2)</sup> que a tristeza no coração é como a traça no panno. . . » etc. <sup>(3)</sup>

Como se vê, Camões escrevendo a alguém que o sabia autor do *Chrisfal*, intercalou na carta, propositadamente, versos seus que êsse alguém, de certo, bem conhecia.

Ora é, precisamente, nesta mesma carta que êle alude a versos seus «*enfeitados*,» isto é: que corriam anónimos, sem o seu nome, sem *pai*, que D. João III mostrou empenho em ler <sup>(4)</sup>. Não será arriscado conjecturar-se que o monarca desejou ler as *Trovas de Chrisfal*, (manada dos enfeitados) e as conseqüências dêsse desejo satisfeito são fáceis de deduzir, atendendo a que, pouco depois, Camões era desterrado da côrte, para o Ribatejo, e, meses mais tarde, ia cumprir outro destêrro em África, por motivos que se não conhecem rigorosamente bem.

Mas não só por esta carta, Camões, se revela o autor do *Chrisfal*. Através da sua obra poética acham-se, também, elementos comprovativos. Há várias composições líricas suas onde as analogias são flagrantes: — episódios de amor desventurado, diálogos de ternura, sonhos fantásticos, solilóquios de tormento, prantos que aumentam o caudaloso dos rios, inscrições em troncos de árvore, etc, etc. A sua *Écloga II* é uma das mais interessantes para a análise pela superabundância de confrontos que oferece. Figura-se o poeta chorando os seus amores perto dum lugar onde o Zézere se junta com o Tejo, e as suas lágrimas doloridas — exactamente como *Chrisfal* — aumentam o volume das

(1) «*que o que he para mor mal  
tenho eu para mor bem*»

*Trovas de Chrisfal*, str. 12

(2) «*anda a dor dissimulada,  
mas ela dará seu fruto;*

Idem, str. 43

<sup>(3)</sup> V. *Obras de Luís de Camões*, vol. v, Lisboa 1864, pelo visconde de Juromenha, e *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo*; Porto, 1897; pag. 373 e 374, por T. Braga.

<sup>(4)</sup> «. . . êste mote, que escolhi da *manada dos enjetados*, e cuido que não é tão dedo queimado, que não seja *dos que El Rei mandou chamar*. . . »

águas. (1) Depois o assunto predilecto do sonho fantástico, da fantasia sonhadora, do arrebatamento às nuvens, dos vôos de Ícaro de todos aqueles que amam sem ventura:

Oh doce pensamento! oh doce glória!  
São estes por ventura os olhos belos,  
Que teem de meus sentidos a vitória?  
São estas, Ninfas, as tranças dos cabelos,  
Que fazem do seu preço o ouro alheio,  
Como a mim de mim mesmo só com vê-los?  
É esta a alva coluna, o lindo esteio,  
Sustentador das obras mais que humanas,  
Que eu nestes braços tenho, e não o creio?  
Ah falso pensamento que me enganas!  
Fazes-me pôr a bôca onde não devo,  
Com palavras de doido, ou quási insanas!  
Como alçar-te tão alto assim me atrevo?  
Tais asas dou-t'as eu ou tu m'as dás?

.....  
Almeno, que aqui está tão influído,  
No fantástico sonho, que o cuidado  
Lhe traz sempre ante os olhos esculpido.

.....  
Em êste doce engano estava agora  
Falando como em sonho, mas achando  
Ser vento o que sonhava grita e chora.  
Dest'arte andavam sonhos enganando  
O pastor sonolento, que a Diana  
Andava entre as ovelhas celebrando;  
Dest'arte a nuvem falsa em forma humana,  
O vão pai dos Centauros enganava:  
(Que amor quando contenta sempre engana)  
Como êste que consigo só falava,  
Cuidando que falava, de enleado,  
Com quem lho pensamento figurava.

.....  
Passava o tempo alegre e deleitoso  
O Troiano pastor, emquanto andava  
Sem ter alto desejo e perigoso.  
Seus furiosos touros coroaava,

(1)

*As ribeiras, em eu vê-las  
correm mais, do que é seu foro,  
entrando meu chorar nelas,*

e nos álamos altos escrevia  
 Teu nome (Enone) quando a ti só amava.  
 Os álamos cresciam, e crescia  
 o amor que êle te tinha; <sup>(1)</sup>

Na Ecloga III, que é uma continuação da anterior, o diálogo entre a pastora *Belisa* e o pastor *Almeno*, é muito semelhante ao de Maria com *Chrisfal*. Vejamos um pequeno trecho, apenas:

## BELISA

Que me queres, Almeno, ou que porfia  
 Foi a tua tão aspera comigo?  
 Minha vontade não to merecia.  
 Se com amor o fazes, eu te digo  
 Que amor, que tanto mal me faz em tudo  
 Não póde ser amor mas inimigo.  
 Não és tu de saber tão falto e rudo  
 Que tão sem siso amasses como amaste.

## ALMENO

Onde vistes tu, Ninfa, amor sisudo?  
 Porque já não te lembra que folgaste  
 Com meus tormentos tristes, e algum hora  
 Com teus formosos olhos já me olhaste  
 Como te esquece já (gentil pastora)  
 Que folgavas de ler nos freixos verdes  
 O que de ti escrevia cada hora?  
 .....

## BELISA

Meus olhos magoados to dirão. <sup>(2)</sup>  
 Mas teu sobejo e livre atrevimento

(1)

uma ninfa o *escrevia*  
*num álamo*, que ali estava,  
*que ainda então crescia*.  
 Dizem que foi seu intento  
 de escrevê-lo em tal logar  
*para por tempo se alçar*,  
 onde baixo pensamento  
 lhe não pudesse chegar.

Num dos seus sonetos, Camões aproveita, mais uma vez, êste pensamento:

«*No tronco de uma faia*, por lembrança  
*Escreveu* estas palavras de tristeza:»

(2)

Em *meus olhos agravados*  
 vereis se tenho razão

*Trovas de Chrisfal*, 66



Teve em braços sonhando !  
Ah quem de sonho tal nunca acordara. (1)

Em 1554 surgiu à luz da publicidade, como impressa em Itália, a «*Historia de Menina e Moça por Bernardim Ribeiro agora de novo estampada e com summa deligencia emendada.*» Foi nesta edição da obra póstuma de Bernardim — pois falecera dois anos antes — que os editores anónimos incluíram as *Trovas de Chrisfal*, com tão *summa deligencia* emendadas que as crismaram em Écloga (!), lhes alteraram profundamente o texto (!! ) e — suprema audácia! — até lhes engendraram um autor (!!!), segundo se lê no índice seguinte, que o sr. Delfim Guimarães, — crítico anti-falcanista — publica, na integra, na sua obra a que já tive ocasião de me referir, neste artigo :

*Hũa muy nomeada e agradavel  
Egloga chamada Crisfal que diz  
Entre Sintra a mui prezada  
Que dizem ser de Cristovão Falcam  
ho que parece alludir ho no-  
me da mesma Egloga  
E hũa carta do dito hos presos  
Contam os dias Mil años por cada dia*

A inclusão das *Trovas de Chrisfal* no volume de prosa e poesias do cantor de *Aonia*, impressas (?) em Ferrara em 1554, não foi, certamente, com conhecimento de Camões, visto que já se encontrava na Índia, para onde embarcara em 24 de Março do ano anterior. Foram os editores da «*Menina e Moça*» que ao completarem a impressão das obras de Bernardim, viram que lhes faltava original e trataram de lançar as vistas para o que se lhes ofereceu mais à mão de semear, que fôsse do género amatório —

(1)

Neste passo, *acordei eu,*  
e o meu contentamento,  
que eu cuidava que era meu,  
deu-me depois tal tormento  
qual nunca cousa me deu.  
Não sei que a Deus custava,  
porque não me outorgara  
que nesta glória ficara,  
ou, pois que *já me acordava,*  
que disto não me acordara.

por causa da harmonia do conjunto—e, sobretudo, de venda mais garantida por cair melhor no gôsto do público comprador. Assim, como o *Chrisfal*, publicado anos antes, tinha feito sucesso e se tornara, com o tempo, edição pouco vulgar, lembraram-se de reimprimi-lo, de novo. Porém, — conquanto não conhecessem o autor das *Trovas*, mas êle pudesse aparecer dum momento para o outro, de alvará régio em punho, a insurgir-se contra o abuso e a fazer valer os seus direitos integrais, salvaguardados pelo beneplácito do rei, — à cautela, trataram de mascarar o mais possível essa reimpressão, mudando o título para *Egloga*, alternando e suprimindo décimas, e modificando o texto a seu belo prazer. Porque a edição de Ferrara é, sem dúvida alguma, uma fraude editorial, uma especulação mercantil de editores gananciosos pouco honestos atendendo a que se serviram da obra dum poeta morto (Bernardim Ribeiro), que se utilizaram de composições de Sá de Miranda sem declararem o nome do autor, bem como duma obra anónima (*Trovas de Chrisfal*) que deturparam irreverentemente, para conseguirem os seus fins de atribuição suposta! (1)

(1) «Era então costume mandar imprimir fora do reino *por contrafacção* livros portuguezes, como se vê pelo alvará de 14 de junho de 1552, privilegiando *contra essa fraude* Fernão Lopes de Castanheda.»

*Hist. Lit. Port.* (Renascença) pag, 263, por T. Braga.

«De mais o facto da edição ser dada á estampa como impressa em Ferrara, não é prova bastante para se avaliar da sua autenticidade. Podia muito bem ter sido feita em Lisboa. *A falsa designação do logar da impressão ainda hoje se encontra em edições bem modernas. . .* Na época devia ser vulgar o facto de livreiros nocionaes mandarem reproduzir no estrangeiro algumas edições mais vendáveis, fosse porque o trabalho resultasse mais económico, fosse *para fugirem ao pagamento de direitos aos autores ou seus representantes*. Julgamos curioso extratar aqui um alvará de D. João III a favor do cronista Fernão Lopes de Castanheda, que servirá de reforço ás considerações que deixamos exaradas sôbre a edição das obras de Bernardim feita em Itália, *ou como tal dado á estampa*: Eu El-Rey faço saber a quantos este meu alvará virem que Fernão Lopes de castanheda, Bedel da faculdade das artes da universidade de Coimbra me enviou dizer que ele tinha feitos dez livros da historia da Índia, que começavão do descobrimento dela: dos quais tinha impressos á sua custa ho primeyro livro, e queria imprimir os outros. E porque avia mais de vinte annos que andava occupado no fazer da dita historia: e tinha levado nisso muito trabalho, e feyto muito gasto de sua fazenda: me pedia que ouvesse por bem, *que pessoa algũa não podesse imprimir os ditos livros senão ele Fernão Lopez, nem os vender, nem trazer de fora do reyno* pelo tempo, e sob as penas que me bem parecesse. E seu visto requerimento, e avendo respeito ao trabalho que tem levado em fa-

A atribuição dos editores de 1554 nasceu, certamente, dêste seu juízo errado e . . . errónio: foram-se ao nome do herói, — *Chrisfal* — no qual viram um pseudónimo apenas, e decompu- seram-no em duas sílabas; à primeira das sílabas — *Chris* — jun- taram-lhe *tovão*, formando *Christovão* e, à segunda — *fal* —, a terminativa de *Falcão*, construindo assim um nome próprio com apelido: *Christovão Falcão*. E como na str. 50, das *Trovas*, se encontram os seguintes versos, que lhes pareciam confirmativos:

Então, como *ave voante*,  
de quem me ali trouxera  
sonhei que levado era

ficaram muito satisfeitos com o seu agudíssimo espírito de pene- tração, imaginando ter descoberto o enigma porque o substan- tivo *falcão* é, realmente, uma *ave voante*. No entanto, como isto não era suficiente para confirmar em absoluto a paternidade dos versos enjeitados, sempre velhacamente cautelosos — como editores falcatruantes que eram — trataram de apresentar a sua dedução exegética sob uma maneira hesitante, incerta, vaga: «*que dizem ser de Christovão Falcam ho que parece aludir ho nome da mesma Egloga*», porque bem sabiam que se não conhecia poeta algum com tal nome!

Mas a *Egloga*, só por si, não era suficiente para comple- tar o volume que se pretendia, faltando ainda original para im- primir; e os editores, então, nos bastidores do seu profissio- nalismo, nos escaninhos do seu *métier*, à falta de coisa melhor,

---

zer os ditos livros, e a despeza que nisso tem feyta, me praz que por tempo de dez annos que se começarão da feytura deste em adiante, *peessoa algũa de qualquer qualidade que seja, não possa imprimir, nem mandar impri- mir os ditos livros da dita historia da India, nem cada um deles: nem os possa trazer, nem mandar vir impressos de fora do reyno, senão o dito Fernão Lopez, ou quem seu poder para isso tiver. Sob pena de qualquer impres- sor, ou livreiro, ou pessoas que os ditos livros ou cada um deles imprimir ou vender, ou tener em sua casa, ou trouver imprimidos de fora do reyno, perder os volumes, que lhe forem achados e pagar cincoenta cruzados, ame- tade pera os cativos, e a outra metade pera quem os acusar.*» (Alvará de D. João III, passado em Almeirim a 14 de Junho de 1552, reproduzido na *Histo- ria do Descobrimento e Conquista da India*, por Fernão Lopes de Casta- nheda. Lisboa, 1797, fl. VII e VIII.)

*Bernardim Ribeiro (O poeta Chrisfal)* Lisboa, 1908; pag. 105 e 106, por D. Guimarães.

salvam-se do apêto forjando uma ignóbil carta em rima emparelhada, antecedendo-a de uma declaração elucidativa para lhedarem realidade, a realidade poética, segundo o que se deduz da leitura das «*Trovas de Chrisfal*»: amores infelizes em virtude dum casamento clandestino — «*Carta do mesmo estando preso que mandou a ùa senhora com que era casado a furto contra vontade de seus parentes della, os quaes a queriam casar com outrem, sobre que fez (segundo parece) a passada Egloga.*» (1)

Esta carta tem todos os característicos duma nojenta exploração literária, dum repugnante *conto do vigário*, duma nauseabunda fraude de livreiros pouco escrupulosos!! E o mais curioso é que toda a vasta legião dos críticos se tem postado acocorada diante dela, numa enternecida e ridícula adoração bramânica! Até hoje ninguém reparara ainda que ela é moldada, textualmente, em passagens das *Trovas*, que foi decalcada com criminosa premeditação (2). Como no final delas se diz:

Eu o trasladei dali  
donde *mais estava escrito*  
que aqui não escrevi

os editores trataram de forjar a *Carta do mesmo* como sendo êsse *mais que estava* escrito que ali não se trasladara.

No século de quinhentos e, por aí fora, era vulgaríssimo os grafomaníacos impotentes roubarem, descaradamente, a autores consagrados as ideias, a estrutura da fórmula, a prioridade de nomes de personagens, rimas, conceitos, etc. Havia, também, a condenável mania de acrescentar a toda a obra literária de sucesso uma *segunda parte*, chegando o arrôjo a ponto de se atribuir ao pro-

(1) «Ainda n'esta rubrica, os editores *confirmavam a mesma incerteza* com que haviam atribuído a ecloga a Cristovam Falcão: «... *que dizem ser de Christóvão Falcão, ho que parece aludir o nome da mesma Egloga.*»

Delfim Guimarães, Obra citada, pág. 151.

(2) Apenas Epiphanio — V. «*Obras de Chris. Fal.*, pág. 19 — reparou que entre a Carta e a Écloga existiam paridades de pensamentos — «A carta apresenta varios pensamentos que se encontram na Ecloga e *expressos de modo semelhante.*» — supondo, porém, que a Carta servia de preâmbulo à Écloga, sendo elaborada antes desta. Ora deu-se exactamente o contrário. Foi a Écloga que *sugestionou* o autor da carta.

prio autor, quando já falecido, a factura dêsse trabalho póstumo. Muitos caíam no lôgro, outros acreditavam com reservas, mas... a obra vendia-se bem, porque os leitores de então — sem se preocuparem com glórias espoliadas — davam o cavaquinho por edições *emendadas*, acrescentadas, deturpadas... Conhecendo o gôsto estragado do público os editores, sempre que os autores não lhe pagavam as despesas de impressão, dispunham do original a seu talento, suprimindo-o ou acrescentando-o conforme a sua fantasia! Quando era necessário ampliar uma obra mais vendável — para excitar a curiosidade do comprador de livros — os editores dêsse tempo ajustavam a tarefa com o escriba-caruncho — em geral um ignorado polígrafo pelintra, com fumaças de erudito, que sabia latim e citava alfarrábios veneráveis — para se encarregar de engendrar a desejada ampliação. O *caruncho*, então, afocinhava na obra emérita e *carunchava* tudo, modificando o que lhe parecia, fiado com segurança numa impunidade perpétua e tranqüila pois, em geral, o seu labor *carunchoso* era exercido sôbre as publicações anónimas ou de autores já falecidos. Maldito escriba-caruncho que de irreverências tu cometeste, séculos em fora: poluiste a «*Menina e Moça*», enxertaste tiradas tuas no *Chrisfal* e, capciosamente, ainda escrevinhando e escrevinhando sempre, perpetraste a «*Carta do mesmo*» que impingiste à Posteridade! Nojento e vil insecto, que tantas obras magistrais conscientemente destruiste, eu te asfixio, indignado, sob o justíssimo pó de Keating da minha imprecação hodierna!

Vejamos agora, em confronto, a obra de Camões e a obra do escriba-caruncho, para o leitor criterioso ajuizar do que deixei dito sôbre a ignóbil contrafacção dos editores de 1554.

## TROVAS DE CHRISFAL

pois meu amor verdadeiro  
str. 84

Estes pelo meu pecado  
inda que *nunca pequei*  
str. 14

Mas o que poderá ver  
quem já da vista cegou?

## CARTA DO MESMO (1)

*verdadeiro amor meu*

pois *sem pecar* penitencia  
faço detrás duma grade

Meus olhos em *escuridade*  
Já não vêem já estão mortais;

(1) V. esta *Carta* publicada, por Delphim Guimarães, nas «*Trovas de Chrisfal*», pág. 5 a 8; e no «*Bernardim Ribeiro*», do mesmo autor, pág. 207 a 211.

porque quem me a mim levou  
meu alongado prazer  
nenhum bem ver me deixou  
Deixou-me em escuridade

str. 18

que o longo uso dos anos

str. 10

Porque me negas conforto  
alma desagradecida ?

str. 93

como a sombra em quanto eu fôr

str. 83

sempre será meu amor

Idem

mas descontente de muito

str. 43

mas ela dará seu fruto

Idem

deu a isto por resposta

str. 76

vendo já que estava posta  
no que eu não esperei

str. 81

e se prazeres passamos  
os dissimule e esqueça

str. 90

os tempos mudam ventura

str. 10

mas as palavras que escrevo

str. 9

donde mais estava escrito  
que aqui não escrevi

str. 105

pelo que triste me vejo  
tam longe da liberdade  
como do bem que desejo

str. 18

Quando contigo falei  
aquela ultima vez,  
o choro que então chorei,  
que o teu chorar me fez,  
nunca o esquecerei.  
Foi esta a vez derradeira  
mas começo de paixão,

str. 97

mas para que era ver mais  
dês que vos êles não viram  
dês que de vós se espediram

que estou preso ha cinco *anos*.

Nunca se viu fé tamanha  
nem tam mal *agradecida*

*em quanto eu vivo fôr*

Que verdade e que *amor*

para se não ter em *muito*

e pouco bom é o *fruto*

porque não vejo *resposta* ?

quem vos pôs no que estais *posta* ?

*esquecendo os prazeres*  
do nosso tempo *passado*

*os tempos gastando vão*

E se isto ante vós fôr  
que me pus a escrever  
querei, senhora, entender ?  
que tinha que dizer mais

que estou preso *ha* cinco anos,  
afora os que hei de estar,  
passando por desejar  
o tempo que vos não vejo.  
Vêde que fé de desejo  
em que agora me acompanha,

que basta uma de um dia  
para me os meus tirar !  
Nele vos vi eu chorar,  
e nele chorei tambem,  
derradeiro de meu bem  
e primeiro do meu mal.

Para me não alongar demasiado, fico-me por aqui nos confrontos da *Carta*, mas já por estes se vê que ela foi bebida, sem dúvida alguma, nas *Trovas*; e quem a ler toda verifica logo que é chôcha, amaneirada, sem espírito emotivo, sem êsse fluido especial que emana, dominador e subtil, toda a produção do verdadeiro poeta de alma, ao passo que no *Chrisfal* — a despeito dos seus êrros — se vê logo o pulso firme dum autor vigoroso e nos queima, intimamente, essa scintilha divina que abrasa o cérebro do homem de génio! (1)

Mas na edição de 1554 das *Trovas*, de Camões, os editores cometeram alguns desacatos de suma importância para se avaliar da semcerimónia com que emendaram o que lhes não agradara; o verso

cantar cantou em *si dino*

onde há um êrro tipográfico — *si dino* em vez de *surdino* — alteraram para *dele dino* (*dele digno*) bem como de igual modo modificaram a passagem

o qual eu afigurei  
manga larga no bocal

para êste outro sentido, completamente diferente,

a qual eu afigurei  
*a Mengua, la del Bustal.*

Mas o maior dos atropelos cometidos por êsses *beneméritos* das letras de fôrma, por êsses larápios da mentalidade alheia, foi terem mudado, completamente, o final duma estrofe — para inter-

(1) No «*Chrisfal*», entre os seus êrros de maior vulto, notam-se três versos de Bernardim Ribeiro:

<i>Dos bens do mundo abastado</i>	ecl. 2. <sup>a</sup>
<i>Antre Tejo e Odiana</i>	Idem
<i>Que me queira consolar</i>	ecl. 5. <sup>a</sup>

bem como analogia de pensamentos dêste autor, nalgumas passagens. É um dos característicos mais inconfundíveis da obra camoneana, um dos defeitos mais vulgares em Camões, esta imitação fanática dos grandes mestres da poesia que até dava o exagêro da transcrição integral. Através da sua obra lírica é frequente toparem-se versos de Bernardim, Garcilaso, Sannazaro, e, em maior número, de Petrarca; nos «*Lusíadas*» (canto IX, estância LXXVIII) empregou um verso dêste último poeta, na própria língua italiana!

calarem nela a palavra *Lorvão* – com fins reservados, muito seus, e que eu vou colocar em confronto para se ajuizar da perícia, do descaro, e da audácia, dos *honestíssimos* editores do século XVI, em Portugal.

## TROVAS DE CHRISFAL

(Str. 51)

Indo com não menos dor,  
inda que com mais sossêgo,  
os ventos me foram por  
até passar o Mondego,  
andando de mal em pior.  
Ali vi grandes montanhas  
de grandes vales cobertas  
aos naturais estranhas ;  
onde vi mui descobertas  
minhas mágoas ser tamanhas.

## EDIÇÃO DE 1554

(Str. 51)

Indo com não menos dor,  
inda que com mais sossêgo,  
os ventos me foram por  
*depois de* passar Mondego  
*sobre as serras de Lor.*  
*Vão* ali grandes montanhas  
de *alguns* vales *abertas*  
*todas de soutos* cobertas  
aos naturais estranhas  
*mas á saudade certas*

Como se verifica, a *emenda* foi intencional, e eu estou a ver o fim que se teve em vista. Porque, mais adiante desta passagem, *Chrisfal* diz que viu Maria *muito mudada, com a vista no chão pregada, de passadas* levemente cadenciadas, *vestida de arenoso, as mãos metidas nas mangas, de coifa* simples, e bilha à cabeça, o escriba-caruncho concluiu logo que se tratava duma freira, duma recolhida num convento (!!), e, como o poeta dizia que *Chrisfal* passara o Mondego, na sua irronica lógica dedutiva indicou logo o convento de Lorvão, sem se lembrar, porém, que em Coimbra, e em outras localidades situadas na margem direita daquele rio, havia também mosteiros de freiras! Pelo que deixo exposto, neste meu juízo, desapassionadamente formulado, conclui-se que a indicação de Lorvão é uma localização falsa, feita à tôa, sem nada de coerente e muito menos de histórico! todavia, foi, baseando-se nela, exclusivamente, que Teófilo Braga se equivocou, *enclausurando* a pobre Maria Brandôa nesse famoso convento de Lorvão, onde as *tímidas* freirinhas se insurgiam, *masculinamente*, contra o rei e onde conheciam, a despeito do voto de castidade, as *delícias* femininas. . . do parto!

Ora é, precisamente, nesta edição burlona de Ferrara (?) que foi suprimida a seguinte décima das *Trovas de Chrisfal*:

Muitos pastores buscaram;  
mas um pastor por ser-te amigo,

e outro por ser-te inimigo,  
 um e outro se escusaram ;  
 e dão-lhe logo, comigo,  
 gados que farão mil queijos.  
 Mas o com que se despediram  
 é já mostrar que temiam  
 que o sabor dos teus beijos  
 na minha bôca achariam.

E porque foi eliminada esta estrofe ? De certo porque a edição — segundo declararam os editores, como já vimos, — era com *summa deligencia emendada*, e o escriba-caruncho, — que tinha a obsessão de todos os medíocres e inaptos : emendar os Mestres ! — parecendo-lhe a décima incorrecta na rima e na gramática, e não estando com pachorra para a retocar, achou mais cómodo substituí-la por uma outra — a estrofe 81 — que vem publicada muito antes, nas *Trovas*. E, como estivesse com a mão na massa, pôs a décima 98 fora do seu lugar, também !

Entretanto, longe da Pátria, torturado por amores e contratempos, Camões combatia, na Ásia, como soldado . . . sem suspeitar, de longe sequer, dos tormentos infligidos pelo escriba-caruncho às suas *mui nomeadas Trovas de Chrisfal*, êsse filho enfeitado da sua emoção poética vivamente brilhante e do seu talento fecundíssimo ! (1)

Finalmente, concluindo, êste imperfeito e descolorido estudo — o primeiro que se faz pela análise directa do raríssimo exemplar bibliográfico da Biblioteca Nacional de Lisboa, que todos os eruditos conhecem mas nenhum ainda estudou com a atenção que merece, visto ser a primeira edição do *Chrisfal*, — só tenho que lembrar, modestamente, àqueles a quem cause assombro e, quiçá,

---

(1) Camões, poeta de vastos recursos e extremamente fecundo, parece não ter tido por norma, na sua mocidade agitada e aventureira, o método calculista das compilações líricas. Os seus versos de amor andavam dispersos, copiados por amigos, em cancioneiros manuscritos ; só em idade mais avançada é que começou a coligi-los para os publicar um dia. De aí ser-lhe indiferente que poesias suas circulassem anónimas, sem o seu nome de *pai* conceptionista, *enfeitadas*. A carta de 1547 — a mesma em que cita, intercalados na prosa, versos do *Chrisfal* — começa por esta forma pitoresca :

«Esta vai com a candeia na mão morrer nas de vossa mercê; e se daí passar, seja em cinza; porque não quero que do meu pouco comam muitos. E se todavia quizer meter mais mãos na escudela, *mande-lhe lavar o nome, e valha sem cunhos.*»

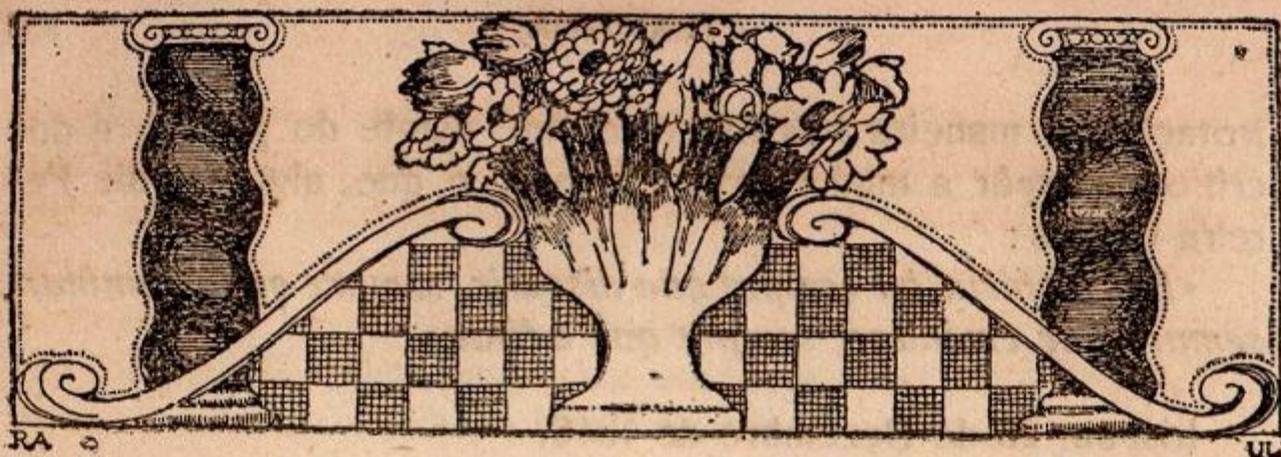
irritação, a maneira plácida como vim, diante do público e dos críticos, expôr a minha nova exegese, o que, algures, diz Pereira Caldas :

*«Em história há sempre que discutir, sempre que examinar, sempre que emendar, sempre que aditar.»*

Lisboa, 25 de Dezembro de 1916.

PATROCINIO RIBEIRO.





## O Divino filho de Afrodite

«Tu, deorum hominumque  
tyranne, Amor!»

Foi evocando a intervenção dos deuses, que os antigos o fizeram surgir do regaço de Vénus, — de «Vénus, bela como o ouro», no dizer de Homero. Ela tinha nas veias a herança das ondas que lhe deram o ser, embaladoras e castas, como a espuma, soluçantes e coléricas, como as supremas violências da paixão. E de aí atribuírem os poetas a uma tal origem a fatalidade dos desvarios do amor.

É na visão olímpica da legenda homérica que os vagidos de um recém-nascido, levados de bosque em bosque, pelas copas das boas árvores de Deus, até ao limiar do céu — rompem com o divino sol da primeira manhã que revelou a vida. Todo o solo sagrado da Grécia florescia, e, do mundo arrancado aos mármoremres palpitantes, o sorriso alegre dos heróis irrompia num frémito. Lá no coração das verdes florestas, onde as estranhas aves da terra cantavam e anémonas floriam em silêncio, o Amor acabava de brotar da eterna flor da Beleza. Mas Júpiter, pressentindo uma nova fonte de malefícios na pessoa do menino-deus nascido, tentou fazê-lo perecer e apagar para sempre o sorriso de flor com que nascera. Perseguido pelos deuses, Vénus foi ocultá-lo nos meandros dos bosques tenebrosos e entregou-o às feras para que o amamentassem. Entre elas se criou em silêncio e cresceu em malícia. E um dia, quando a cólera de Júpiter empalidecera no céu, a fôrça imortal do Amor enchia o universo e presidia à ordem do mundo. Nova hóstia mística de um culto em que todos iriam comungar, era aos pés de Eros, misterioso e

triumfante ser de encanto, que os joelhos dos homens se dobravam, e para êle suplicantes mãos se erguiam. Eros é então cantado pelos poetas, engastado nas suas estrofes de ouro. Uns celebram lhe a sua existência demoníaca e caprichosa, outros irmanam-no com a morte e derivam-no do Caos. Surge por detrás dos séculos nas nevoentas e misteriosas fábulas do Oriente, na nervura dos mitos luminosos, nas pastorais bíblicas e tragédias clássicas, onde, pela voz das massas corais, se afirmava o poder de Afrodite e de seu filho. O Amor que os dilectos filhos da luz exaltavam agora nos seus cânticos, era o renovador da essência das grandes coisas moribundas, o árbitro supremo dos destinos humanos. E foi por essa posse inteira e despótica de todo o ser que a poesia dos primeiros aédos despontou, celebrando Eros, «o grande e o casto, que possui todas as chaves do céu e do inferno, do mar e da terra.»

Ao tipo de sonho criado pela visão apolínea dos poetas, succede a realidade plástica dos artistas. Então por toda a Hélade, terra-máter da côr e do perfume, pululam as palpitações dos mármorees imortais. Umaz vezes Eros possui a nobreza hierática dos primeiros monumentos da arte grega, e é figurado de perfil severo, com longas e robustas asas nos ombros. Criança como ainda é, Vénus acompanha-o sempre com o fulgor da sua beleza eterna e tutelar. Mais tarde Eros emancipa-se da tutela da mãe, e reaparece com uma personalidade distinta e uma divindade própria. Já possui então as formas gráceis da adolescência, — tais são as figurações de Praxiteles e Tanagra, Amores de uma fantasia deliciosamente espiritual. Os atributos com que o invocam são imutáveis: uma aljava repleta de setas e um arco. Uma venda cobre-lhe os olhos para não distinguir quem fere, e de quando em quando um facho irrompe-lhe da mão, — imagem simbólica do fogo que consome as vítimas do Amor.

A sua fisionomia moral é porêm de uma desconcertante mobilidade de expressão. Irreverente, indiscreto, de uma curiosidade cruciante que se embebe em todas as almas e penetra a origem de todos os mistérios, simultâneamente astucioso e mau, a sua perversidade contudo raras vezes alcança aquela graça espiritual e ingênua da malícia ática. Sentiram-no bem os seus contemporâneos ao personificarem nêle o génio doloroso da espécie.

Emblema cruel e pérfido do que é efémero e passa com o

tempo, as suas longas asas imortais, caracterizando a inconstância, anunciam o ímpeto e a tristeza com que êle leva arrastados para o abismo, nas águas céleres do seu rio de sonho, os despojos dos amores extintos . . .

Bem se lhe pode aplicar a letra da canção italiana :

Bandiera d'ogni vento  
Conosco che sei tu.

Ante as infinitas flutuações dessa viagem imponderável como a luz, os filósofos exclamam desconcertados : Quem é êsse demónio que pretende alcançar o infinito e faz dançar ao universo uma farândola de doidos ?

Tasso, ao esquecer-se, extático, perante êle, acha-o divino e belo e diz : «Tu és o desejo da beleza.»

Perfume de uma delícia inatingível e vaga, o Amor não só era o desejo activo da beleza, mas a ânsia cega que governava a alma, que presidia aos destinos, que afrontava a cólera do Olimpo e submetia Júpiter, que furtava as armas a Hércules, domava os tigres e os leões, e, forte como a morte, triunfava do céu e da terra, do mar e dos infernos.

Teem razão os poetas em cobrir-lhe os olhos com a venda simbólica, recusando-lhe qualquer discernimento :

L'amour est un tyran qui  
n'épargne personne,

lá o diz Corneille. Ele, porêem, rendeu-lhe o seu tributo, como lho rendeu Apolo. São assim os poetas. Uma fatalidade impele-os a entregarem-se nos braços da loucura, e as suas musas riem e inebriam-se, como se inebriava Anacreonte ao entoar-lhe hinos por entre os rosais de que tecia as suas corôas.

São repassadas de enlêvo e de mistério as visões que o poeta tinha do Amor. Certa noite, à beira do mar Egeu, num retiro êrmo e campesino que lhe recordava a sua Jónia — província das violetas — o poeta sentiu alguêm bater misteriosamente à sua porta. Era no inverno e lá fóra uma lufada fria enregelava a terra. Anacreonte desperta em sobressalto e acende a lâmpada. Quem seria o visitante que o vinha importunar ?

— Sou eu, diz uma voz palpitante, nada tens que recear, sou um pequenino transviado e transido . . .

Corre a abrir a porta ao importuno : era o Amor. O poeta

acolhe-o paternalmente, remexe as cinzas moribundas da lareira e aquece nas suas mãos as pequeninas mãos geladas da criança: senta-o um momento nos joelhos, acaricia-lhe o cabelo de um loiro fulvo. . . Agasalhado, o Amor sorri com um meio sorriso irónico e experimenta com um ar petulante a corda entorpecida do seu arco:

— Vamos agora ver, diz êle, se êsse maldito frio também mo enregelou!

Alveja de súbito o peito do poeta e desfecha-lhe um dardo. Anacreonte estorce-se longos instantes com dores; do seu coração lacerado um fio de sangue escorre e alaga o chão. E o velhaco do pequeno a rir como um perdido e a exclamar todo ufano:

— Meu caro hospedeiro, adeus, agora é folgar! . . . O meu arco, já vês, está de perfeita saúde, quem fica doente é o teu coração!

Que doce e estranho encanto não há nestas visitas nocturnas do Deus a casa do poeta!

Nunca mais o Amor, de peregrinas formas fugitivas, deixou de vir de quando em quando bater à porta dêsse abrigo tutelar, até ao dia em que nos divinos lábios do cantor das rosas expiraram os últimos cânticos, e a saúdade do sol que se sumia ao longe lhe encheu o coração de sombras misteriosas. O inimigo entrara triunfalmente no seu peito e só de lá saíra com a morte. O poeta soubera, ao celebrá-lo no seu canto de ouro de rouxinol, que as glórias humanas, os sonhos e a vida, tudo se esvai como uma sombra fugaz ante o triunfador, filho de «Venus Victrix»: Vénus vencedora, — sob a dominação do qual os grandes e os pequenos, os poderosos e os fracos, os reis e os mendigos, curvam humildemente as suas frentes.

\* \* \*

Obrigado a emigrar do clima heróico da Grécia para Roma, o divino filho da Beleza ressurgiu em Cupido, identificado com o Eros grego, trazendo no sangue a herança pagã do mesmo mito e o sorriso imortal da sua lendária astúcia. Os poetas continuam cantando-o e o mundo envelhecendo, Cupido porêem é sempre a primavera de florescência eterna, que o tempo não cansa e a morte não corrompe, que sobrevive a todas as ruínas universais como o raio de sol que cantou na primeira manhã do mundo novo e cantará nas manhãs do infinito. Uma coisa todavia amoleceu ao

contacto com as civilizações modernas: a maldade de Cupido tem se lentamente embotado, tem perdido pouco a pouco a sua rudeza nativa. O que resta agora da antiga astúcia do divino Eros, é a malícia deliciosa e terna, cujo ironia tem o afago de uma longa carícia. A ferida do seu dardo já não causa a febre com que afrontava os corações do mundo antigo, — êsse mal tentador e cruel que tinha a morte na essência. Hoje não é mais que a picada de um insecto maravilhoso, ardor de um filtro feiticeiro que nos transpõe a um país de sonho, nos confins da aurora, onde as flores são intangíveis como a luz de que são feitas, e as pessoas a imagem de criaturas elísias, de túnicas flutuantes e inconsúteis. Cupido passou a ser mais humano, mais sentimental. Divino e amável impostor que nasceu para enganar a terra, diz um poeta, o Amor, ao pôr-môs pé no mundo, desperta em nós a oculta fôrça que nos leva para a ilusão, — e a ilusão nos impele a crer na vida que surge na ténue luz de um olhar, ou no roçar de uma mão desconhecida. Que importa que êle nos cegue ou nos engane, se faz florescer as nossas esperanças? Cupido espreita-nos eternamente da sombra, persegue o nosso vulto, caminha nos nossos passos. Dante, ao encontrar pela primeira vez a sua Beatriz, a rosa mística que de um simples encontro nos claustrós de uma igreja de Florença iria de ora-avante perfumar a vida inteira do poeta, descobre o Amor espreitando pelo rótulo do confessionário e, todo trémulo, profere: «Eis aí o deus que me dominará!»

Des Grieux, passeando com um amigo no pátio de um hotel de Amiens no momento da chegada da diligência, ao ver surgir a sua linda Manon — êle a quem toda a gente admirava a prudência e a reserva, sente-se de repente inflamado num êsto de paixão. Cupido, que o espreitava da capota da calecha como espreitara Dante do confessionário, domina-o imediatamente com o seu mal tentador. Werther, na recrudescência dêsse mesmo mal, ao abraçar em memória a imagem da sua casta e simples Carlota, entra na agonia. Petrarca ouve o cantar indiferente da água dessa fonte que corre, eternamente idêntica e sem idade, como as lágrimas que êle chora ao fantasma da ausente. Um demónio invisível está de atalaia ao lado dêles, surpreende-os à beira do abismo e com a sua mão redentora impulsiona-os para a morte...

Quando o gesto do seu arco feiticeiro abre as portas do inferno ou do paraíso, o legislador e o moralista, o prudente e o

estóico desconcertam-se ante êle e perguntam aflitos : donde vem ? de que fôrça oculta e demoníaca, de que estranho e transcendente universo ?

É do culto dos altares do mundo heróico e vem do coração dos próprios homens. O universo inteiro é êle mesmo. Eros, pequenino e nu, de aspecto inerme, já zombava da moral para além dos tempos. E era dedilhando canções maliciosas que êle acolhia as blasfêmias da prudência, e se ria sôltamente no passado quando os homens, ao voltarem de colhêr um ramo da oliveira sagrada, cuja sombra protegia Palas Ateneu no seu templo da Acrópole, exaustos de sabedoria, iam adormecer no seu regaço na Trácia e na Beócia. Os noivos da antiga Tespia, de regresso das bodas, antes de cruzarem o limiar da felicidade, iam primeiro sacrificar no tabernáculo do Deus. As meninas gregas açoitavam-no quando êle lhes contrariava o casamento, tal qual como as meninas de hoje, irreverentes, castigam S. Antonio e o mergulham num pôço. Não longe do santuário de Minerva, no tempo dos Pisistrátides, foi-lhe consagrado um altar às portas da Academia de Platão para que os atenienses e o seu divino mestre, nas horas de preguiça espiritual, fôssem depôr-lhe aos pés a oferenda de um tributo. E como se esta idolatria num canto da pátria não bastasse, por todo o chão da Grécia juncado de flores e no limiar dos bosques de loureiros-rosas, no Helesponto, em Esparta, em Samos e Creta, Cupido tinha a sua figurinha gentil de génio alado erecta em um pedestal. Praxiteles e Lisipo erigiram-lhe estátuas maravilhosas. Eros aparecia esculpido nas moedas, era o patrono dos gymnásios gregos. Em Esparta, como preliminar dos combates, os soldados iam curvar-se ante a imagem augusta e apolínea do divino filho de Afrodite. Os veteranos do batalhão sagrado de Tebas uniam as fileiras sob a sua égide...

Se êle representava — no polo oposto em que figurava a imagem austera e virginal da Sabedoria — a imagem da loucura, os homens, todavia, procuravam-na, como as abelhas procuram o mel das flores primaveris.

Teocrates diz que quando a terra se cobre de flores, Cupido abandona a ilha de Chipre, deixa a mãe suspirando no regaço de Adónis, e vem triunfar dos destinos do mundo.

Possesso de um espírito demoníaco o Amor impele todos a render-lhe culto. Não poupa os homens nem os deuses.

Um dia em que o próprio Júpiter serenamente dormia a sua sesta olímpica, rouba-lhe os raios com que fulminava os homens e dispara-lhe uma seta. Ferido no coração, o Pai dos Imortais desperta em sobressalto, enxerga o feiticeiro esvoaçando pelas nuvens a caminho da terra, mas mais célere do que êle alcança-o cá em baixo e prende-o por castigo a uma árvore. Desfeito em lágrimas, o Amor ergue os bracitos suplicantes:

— Júpiter, perdoa-me! Sou uma criança, não tenho idade para ter juízo...

— Tu, uma criança! volve-lhe o deus supremo numa voz cólerica. Se tu és mais velho que Japet! Pois cuidarás que o não ter barba nem cabelos brancos te dá jus a alegar que ainda és uma criança? Não!...

Tu és um velho, e um velho velhaco.

Outra vez Cupido desce às margens do Estige tenebroso e enfeitiça o próprio Plutão. Se lhe temperam as setas com mel puro, ao voltar costas retinge-as de amargor. As musas, tão indomável e perturbador se vai tornando o travêso, resolvem um dia prendê-lo com laços de flores. Escolhem porêm a vigilância da Beleza para o guardar, e pela primeira vez Cupido sorri no cativo e rejeita a liberdade. Vénus não é do mesmo modo respeitada.

— É um insolente! diz ela à sua amiga. Queres tu crer que a mim, que sou sua mãe, me roubou já metade dos meus amores?!

Vénus está irritada, ameaça-o de lhe cortar as asas e lhe quebrar o arco.

— Já uma vez lhe dei um açoite com a minha chinela! acode ela de novo afogueada.

A sua divina beleza resplandece e Focleé sorri. Sorri da cólera efémera de Vénus — encarnação da nuvem que se esvai — com aquele sorriso que ainda hoje aflora aos nossos lábios ao reconhecermos no Amor o árbitro supremo de tudo.

Vénus vai porêm desfiando o rosário interminável das culpas do Amor:

— Então êsse pequeno scelerado não imaginou agora inspirar a uma deusa velha — à venerável mãe dos deuses! — uma paixão furiosa por um belo rapaz da Frígia?! E o caso é que a criatura já por aí anda com um par de leões atrelados ao carro a correr mundo como uma louca!

Na ausência da amiga, no entanto, Vénus, toda rendida e fe-

liz, acaba por sorrir, toma Cupido de parte e docemente admoesta-o :

«Amor, meu filho, vê lá o que fazes!...

Por resposta Cupido ri-se do sorriso da mãe, e é dêsse riso imortal, imponderável como as madrugadas divinas donde veio, que brota o sangue da terra florida, a seiva das primaveras eternas... Riso que ri em nós de vigília a todo o instante, como o raio de sol latente que estremece o mundo, desentorpece a vida e só nos abandona quando nos abandona o sonho. Então, como alguém disse: «Quando se começa a não sonhar, ou a sonhar menos, é porque se está perto de adormecer para sempre.» No meio-dia pleno da nossa juventude, por toda a parte onde a natureza derrama as suas côres e os seus perfumes, o Amor surge, desdobrando as suas longas asas pelo mundo, trazendo ora a dor ou a agonia de um simples sobresalto, ora a beleza resplendente e nova da alegria.

Todos os misteriosos ímpetos da paixão e as ânsias dos seus desvairamentos, aparecem encerrados nessa travêssa figurinha alada que, invisível no tálamo de Psiché era na alegoria antiga o despertar das primeiras e castas emoções da alma, e é ainda, invisível no coração dos homens, a graça transcendente da ilusão.

E não obstante ser o herói sem medo e o vencedor universal dos corações, Minerva Ateniense, por exemplo, cujo templo defrontava com o seu em desafio, inspirava-lhe sempre um terror sagrado e invencível. Era ingenuamente que o Amor confessava a Vénus o seu vergonhoso enleio: «Sempre que vou a Atenas, lamentava-se êle, e tento apontar-lhe o meu arco, as mãos põem-se-me a tremer e as setas caem-me no chão.»

Suprema e virginal, a Sabedoria ria-se ocultamente das vãs tentativas do Amor. Era a razão incorruptível, a austera encarnação da prudência.

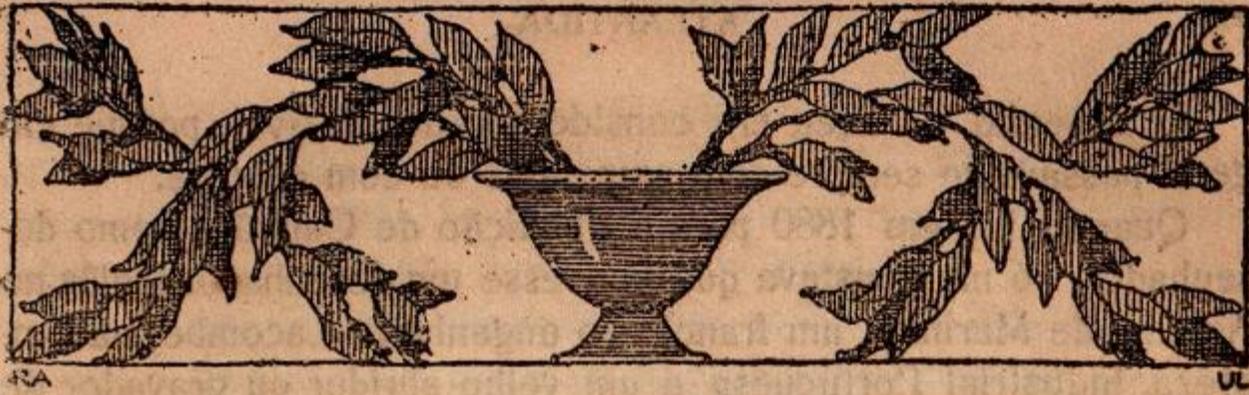
Minerva, não se submeteu, como não se submeteu Diana, a formosa. Cupido, cuja onnipotência não admitia réplicas, exaltava-se com tais insubmissões. Diana fugia-lhe sem cessar através das montanhas, no encalço dos veados e falcões, embrenhava-se nos bosques, esvaía-se-lhe eternamente como um fumo... Era a peregrina Sombra intangível, e o Amor, ontem como hoje, não triunfa senão das formas vivas, onde palpitam os gorjeios dessa pequena ave eterna e inquieta que canta e ri no peito.

Para um grande número de filósofos o génio mau e buliçoso

do Amor é a fôrça activa da loucura. De aí o figurarem no incoerente como ela, déspota sem discernimento, de arrebatamentos pérfidos e fulminantes. Contam, de feito, que certo dia a Loucura e o Amor brincavam juntos, quando entre êles se ateou uma disputa. Ambos aquecidos pela raiva e intransigentes, lançaram-se invectivas e doestos. A Loucura por fim demente e insofrida, avança num ímpeto para Cupido e fere-o com uma pancada nos olhos. O Amor esvaíu-se de repente em sangue e cegou por largo tempo. Num mar de pranto o pequenino erguia os gritos lancinantes para o céu. Vénus acode ao filho. Júpiter e os seus subditos, as potências do Erebo, os grandes e pequenos dignatários da côrte olímpica estavam assombrados com as imprecações de Vénus. Apontava-lhes o filho ensangüentado por entre um espuumar de lágrimas e de raiva, representava-lhes que Cupido não mais poderia caminhar sem o amparo de um bordão, clamava justiça contra o sacrilégio cometido na pessoa augusta e divina de uma vergôntea de deuses. Júpiter, então, o sereno e onnipotente Júpiter ordena que se reúna a côrte suprema do Olimpo para julgar a ofensa. E assim foi resolvido entre o magno conselho, para mal dos homens e da terra, proferir esta douda e eterna sentença: condenar a Loucura a servir de guia ao Amor !

ALVARO HOGAN.





## O ensino do desenho mecânico

O artigo que a seguir publicamos faz parte de um relatório oficial: mas um relatório em que vem narrada toda uma vida de ensino, e que assim ganha uma amplitude e um interesse que os documentos oficiais em geral não possuem. Cremos, até, que se lhe deveria chamar uma biografia espiritual, uma biografia de carácter pedagógico, em que nos é permitido assistir à criação e ao desenvolvimento, em Portugal, dum ramo de ensino tão importante como é o do desenho mecânico. Thomaz Bordallo Pinheiro tem especial competência e especial autoridade para falar no assunto:— a êle se deve com efeito, o ensino do desenho mecânico, sob uma forma inteiramente nova, e orientado por um novo espírito científico e educativo. Os seus alunos do Instituto Superior Técnico e da Escola Industrial de Xabregas são a mais eloquente demonstração de que êste relatório é, por assim dizer, uma conclusão brilhantíssima. Thomaz Bordallo Pinheiro, que é admirado e seguido no estado mais progressivo do Brasil — em S. Paulo, onde fez escola — será de certo a única pessoa a protestar contra estas linhas rápidas, com que a *Atlantida* lhe quer prestar homenagem, e contra a publicação dum trecho do seu relatório, que é feita sem a sua auctorisação. Mas, permitindo-nos abusar assim da sua bondade, temos a certeza de prestar um bom serviço à causa do ensino, e de fornecer aos nossos leitores elementos indispensáveis para ajuizar da importância dum problema tão grave para o nosso desenvolvimento industrial, como é o do ensino do desenho mecânico.

J. de B.

Em 1879 o desenho mecânico era quasi desconhecido em Lisboa, e por tanto, em Portugal.

Nas duas escolas onde aprendi, o Liceu e o Instituto Industrial, apenas se ensinava, no primeiro, o desenho linear geometrico regido pelo professor Teodoro da Mota, o grande patriarca do desenho dessa época, autor de uns célebres compêndios por onde duas ou três gerações aprenderam o desenho rigoroso. Era de três anos o curso completo e sempre feito de má vontade.

No Instituto Industrial ensinava-se o desenho de ornato e de architectura (dois anos) regidos pelo professor António Tomás Fonseca. Não entra em linha de conta a Escola de Belas Artes, que tinha os seus cursos especiais para artistas.

O desenho do liceu era considerado desprezível, porque em geral passava-se sempre com empenhos ou com cábulas.

Quando fui em 1880 para a Fundição de Canhões como desenhador, só me constava que houvesse um desenhador inglês no Arsenal de Marinha, um francês (o engenheiro Lacombe) na Empresa Industrial Portuguesa e um velho abridor ou gravador de cifras na Fábrica de Armas, que fazia desenhos litográficos da palamenta de artilharia.

Fui contratado para fazer os desenhos das peças de bronze de 7<sup>cm</sup>, de carregar pela culatra, as primeiras que se fizeram em Portugal, sob a direcção do major Guerreiro. Foi o primeiro desenho cotado e detalhado que se fez no Arsenal do Exército.

O primeiro desenho à mão livre (croquis) que fiz, foi um aparelho de pontaria de peças Krupp de 28<sup>cm</sup> que ainda hoje existe na bateria do Bom Sucesso. Fui lá copiar um para se fazerem outros iguais.

As poucas fábricas metalúrgicas dêsse tempo não tinham desenhadores nem engenheiros, todos consultavam quando precisavam, os grão-mestres da mecânica — o mestre Caetano de Figueiredo, mestre Jorge da Casa da Moeda, Carlos Cardoso, Canuto e os maquinistas navais Pinto Ferreira, Martins e outros.

Mecânicos só eram considerados os que tinham sido aprendizes do célebre francês Linder da fábrica Bachelay e dêesses conheci Germano Gonçalves, José Onofre, José Guilherme, Marcelino, André e alguns mais.

As indústrias metalúrgicas e outras giravam em volta dêstes mestres da mecânica prática.

Quando em 1884 veio para Lisboa o engenheiro F. Baerlein operou-se então uma verdadeira revolução; começaram a fazer-se os primeiros desenhos cotados e detalhados correctamente, segundo a orientação inglesa. De tudo se fazia desenhos e ao cliente entregava-se a máquina vendida com o respectivo desenho da sua montagem e detalhes.

Fui o primeiro desenhador do engenheiro Baerlein, que chegou a ter 15 desenhadores e copistas no seu escritório, sendo parte ingleses e parte portugueses. Foi esta a verdadeira escola do desenho mecânico, e dali saíram desenhadores para diversas fábricas e aquele que me substituiu na Fundição de Canhões ali aprendeu.

Por essa época veio da Bélgica o meu antigo condiscípulo do

Instituto, Francisco Ramires, grande entusiasta pela mecânica e que fundou a fábrica metalúrgica «Promitente» de sociedade com Germano Gonçalves, tomando essa fábrica uma feição moderna. O desenho teve ali um grande desenvolvimento.

Em 1889 foram contratados para as Escolas Industriais, pelo ministro Emídio Navarro, 28 ou 30 professores estrangeiros, entre êles Formilli, os irmãos Ianz, Nicola Bigaglia, Rogenmozer, Richter, etc., e nêsse ano fui também contratado, como se fôsse estrangeiro, para professor de desenho de máquinas da Escola Industrial de Xabregas.

Data daí o ensino regular dos três ramos de desenho — ornamental, arquetónico e de máquinas — especial para operários e aprendizes. A boa orientação e a grande dedicação dos directores das Escolas Industriais de Alcântara e Xabregas, os Srs. Marques Leitão e João Vaz, conjuntamente com professores portugueses, tem concorrido enormemente para a educação e instrução de milhares de operários nestes três ramos de desenho.

Pelas minhas notas calcúlo que neste longo período tenho ensinado desenho mecânico a mais de 800 aprendizes e operários; e é de supôr que o professor Regenmozer da Escola de Alcântara não tenha tido menos a seu cargo. Posso assegurar que quasi todos os mestres, contra-mestres e os principais operários do Arsenal do Exército foram discípulos da Escola Industrial de Xabregas e assim uma grande parte dos da Companhia dos Caminhos de Ferro, Arsenal de Marinha, fábricas e oficinas particulares. Todas as fábricas metalúrgicas têm desenhadores que aprenderam nestas duas escolas, e no Instituto Superior Técnico há dois bons exemplos: o mestre Francisco Barbudo com o curso de desenho industrial (mecânico) e o operário Álvaro Simões com o curso profissional.

Fez-se portanto uma grande evolução, ainda que lentamente, nesta especialidade de desenho.

Esta pequena história, ainda que de pouco interêsse, há qual me tenho referido bastantes vezes em conversas com os alunos do Instituto Superior Técnico, tem um intuito, que é prevenir os noveis engenheiros, especialmente os mecânicos e electricistas, que irão encontrar os seus operários e subordinados com um preparo de desenho superior aos que êles possuem, com respeito a técnica.

Na minha opinião, como prático de bastantes anos, julgo ser

preciso insistir e muito, para que todos os alunos dos cursos de engenharia, em especial os mecânicos, saibam *fazer, ver, e ler* tecnicamente um desenho com facilidade, para que não sejam depreciados pelos seus operários e percam portanto a autoridade que é indispensável a um chefe ou dirigente de trabalhos (1).

#### O ENSINO DO DESENHO DO ALUNO-OPERARIO EM COMPARAÇÃO COM O DO ALUNO ENGENHEIRO

Quando fui para a Escola Industrial de Xabregas, então numa pequena casa da Calçada da Cruz da Pedra, apesar da prática que já tinha de desenhar para operários, tive grande dificuldade em me orientar e só ao fim de 10 anos de trabalho aturado e de experiências, consegui encontrar um método fácil e de resultados seguros. Hoje o ensino de desenho mecânico faz-se com simplicidade, não só pela preparação elementar que tem, como pela quantidade de tempo de que se pode dispôr.

A meu vêr êste ensino no operário difere bastante do dos engenheiros.

O operário como profissional conhece as peças que desenha, conhece a sua aplicação e feitios, conhece a sua nomenclatura e as necessidades para a execução do trabalho na oficina. Como preparação na Escola Industrial, antes de entrar na especialidade, tem dois anos de desenho geral com 7 1/2 horas por semana, onde lhe ensinam o desenho linear, projecções, perspectiva e desenho à vista a lápis e carvão, que lhe é ministrado por professores de desenho (artistas) o que é muito importante.

Depois o aluno tem 3 anos de desenho especial para qualquer dos ramos com 10 horas por semana de trabalho intenso.

O aluno operário o seu intento é aprender; vai à escola por vontade própria não se preocupando com valores nem passar em

<sup>1</sup> No Instituto Superior Técnico de Lisboa, a cadeira de desenho está incluída nas disciplinas do Curso Geral, preparatório a todos os cursos de engenharia, (*civil, mecânica, electricista, minas e química*). No 1.º ano lecciona-se a primeira parte da cadeira, *desenho geral*, que tem por base o desenho de construções civis — No 2.º ano lecciona-se a segunda parte da cadeira, *desenho técnico* que tem por base o desenho mecânico.

Deve-se ao ilustre Director do Instituto o Snr. Dr. Alfredo Bensaude o grande desenvolvimento do desenho nestes cursos, como elemento indispensável à instrução profissional do engenheiro.

Êstes cursos começaram a funcionar regularmente em 1912.

exames, o seu desejo é saber; por isso o interêsse e atençaõ pelo trabalho é muito grande. Tenho tido aulas com 60 e 70 alunos, que se mantêm na melhor ordem e socêgo, com uma desigualdade de idades, que chega a ser desde os 14 anos aos 40. Já tive ocasiões de ter como alunos pais e filhos ao mesmo tempo.

O ensino do desenho no operário deve ser: conseguir que êle saiba interpretar um desenho, lendo fáclmente aquêle que o engenheiro lhe fornece e poder explicá-lo a outros, quando precise, por meio de *croquis* a lápis. Em geral o operário não faz o desenho rigoroso, são os desenhadores que lho fornecem.

Com o ensino do aluno engenheiro a dificuldade é maior porque desconhece por completo o que vai desenhar, precisa de explicações de tudo e hesita constantemente no trabalho a fazer; e é por êste motivo que o estudo de desenho para êle é muito mais trabalhoso do que para o operário; pois tem que obter uma execução técnica perfeita, tem de aprender a lêr e a detalhar com facilidade qualquer desenho para poder explicar ao operário ou ao desenhador, tem de adquirir a prática de fazer um croquis cotádo rapidamente e no desenho a lápis tem de ser corretíssimo para que o copista ao passar êste desenho ao papel téla não perca tempo em investigações; tudo isto representa um grande trabalho e estudo.

De grande vantagem e auxílio importante seria nos cursos secundários preparar o aluno mais em harmonia com o ensino técnico, isto é, dar-lhe desenho à mão livre, cópia de modelo ou estampa a lápis ou giz e aperfeiçoar mais o desenho a lápis, e quando já aluno no Instituto fazer-lhe na oficina de serralharia algumas indicações sôbre o uso dos diversos órgãos de máquinas e de transmissões combinadas com o desenho que estivessem executando. Seria neste caso apenas uma ligação entre o dirigente da aula de desenho e o dirigente da oficina.

#### OS DESENHOS DE MAIOR UTILIDADE AO ALUNO ENGENHEIRO

Nos desenhos que julgo de grande importância insistir são os desenhos à mão livre cotados tanto a lápis como a giz na ardózia ou no papel (Desenho Mural), que devem dar um excelente resultado na prática ao engenheiro.

O desenho de peças em projecção oblíqua, como moderna-

mente se começa a empregar, deve ser de grande utilidade porque rápidamente se pode indicar, em croquis e num só desenho. É muito difícil e precisa de um preparo muito intenso.

O exercício de passar da projecção oblíqua à projecção ortogonal e vice-versa é um estudo de primeira ordem tanto para o raciocínio como para a compreensão e leitura do desenho.

O desenho de memória à mão livre é excelente porque obriga a fixar e a poder reproduzir qualquer peça, o que me parece de enorme vantagem para todos os engenheiros.

O desenho só a lápis, muito bem acabado e correcto é indispensável logo na iniciação do desenho. É preciso acabar com o péssimo princípio, que em geral vem do ensino preparatório, de que as imperfeições e os defeitos são corrigidos à passagem a tinta e que os erros se desfazem com o tira-linhas. O desenho que nasce mal feito nada o faz melhorar. Pelas modernas organizações industriais o engenheiro faz o desenho a lápis e o copista passa-o à ténua para tirar depois cópias em Marion, necessitando portanto êste desenho de grande correcção.

O primeiro desenho rigoroso indicado no programa é de absoluta necessidade, porque são exemplificadas todas as convenções em uso no desenho técnico, habitúa o aluno a proporcionar e a desenhar conjuntamente, aprende a dispôr os variados desenhos, escalas, traços e côres convencionais, tanto nos cortes como nos diversos materiais empregados. Sendo o assunto peças de ligação, o aluno fica com uma ideia geral do que são rebites, parafusos e porcas de diversos tipos e as suas proporções; êste desenho devia ser acompanhado com a execução de trabalho idêntico em ferro na oficina ficando assim um estudo mais completo, pois que desenhavam e executavam conjuntamente.

O desenho de cópia de estampa serve para obrigar à leitura e disposição das còtas e cortes por diversos planos da peça a desenhar.

O desenho a seguir do programa, de cópia de estampa, é para obrigar a detalhar, isto é, para extrair de um conjunto da peça armada todos os elementos que a compõem e desenhá-los em diversas posições segundo as regras, disposições dos elementos, còrtes, investigação das còtas e a sua colocação. É êste um magnífico exercício, pois obriga ao raciocínio, à leitura e compreensão do desenho que se copia.

Este estudo também deveria ser acompanhado com explica-

ções na oficina, pois que os desenhos em geral são órgãos de transmissão que ali existem e que em palestra simples se poderiam demonstrar aplicações, nomenclaturas, etc.

Depois dêste trabalho preparatório o aluno pode começar a cópia do modelo porque tem todos os elementos já estudados, faltando-lhe agora saber copiar do natural e a tomar medidas nas peças a desenhar, o que não é fácil. Este estudo é muito importante e devem fazer-se os cortes necessários, detalhes de peças, disposição, etc., por forma tal que o operário tenha todos os elementos para executar a peça na oficina.

A colocação das cotas requer um grande cuidado para definir as que são úteis e indispensáveis à execução da peça que muitas vezes são diferentes das necessárias para fazer o desenho.

As letras dos títulos do desenho devem merecer toda a atenção; uma letra mal feita inutilisa um bom desenho. Modernamente emprega-se a letra francesa que não é difícil e que com uma pequena prática se consegue fazê-la perfeita.

Este processo de ensino tem apenas o inconveniente que tem todo o ensino individual, com assuntos e problemas variados: precisa de uma assistência vigilante e demorada para ser proveitoso e rápido.

Outro ponto deve ser atendido para não se perderem os esforços que se empregam no desenho técnico: os alunos que não passam para os cursos especiais e que ficam ainda esperados em cadeiras do 2.º ano do curso geral e passaram no desenho, deveriam ter umas sessões por semana em curso livre para não perderem o treino adquirido na aula de desenho.

#### ORIENTAÇÃO DO ENSINO DE DESENHO TÉCNICO

SEGUIDO NO ANO LECTIVO DE 1916-1917 NO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO

- 1.º Exercício — Desenho à mão livre a lápis.  
Cópia de estampa — proporções.
- 2.º Exercício — Desenho rigoroso.  
Convenções do desenho técnico, disposição, cotas, aguadas, proporções.  
Assunto — peças de ligação.
- 3.º Exercício — Desenho à mão livre a lápis.  
Cópia de estampa — proporções à vista.

- 4.º Exercício — Desenho rigoroso.  
Leitura do desenho, cortes cótas e letras.  
Assunto — órgãos de transmissão.
- 5.º Exercício — Desenho à mão livre na ardósia a giz (Desenho Mural)  
Cópia de estampa.
- 6.º Exercício — Desenho rigoroso.  
Leitura do desenho. Detalhes dum conjunto ou armar um conjunto dados os detalhes.  
Cópia de estampa.  
Assunto — órgãos de transmissão ou outras peças de máquinas.
- 7.º Exercício — Desenho à mão livre a lápis.  
Cópia do natural  
Modêlo de ferro ou madeira.
- 8.º Exercício — Desenho rigoroso.  
Cópia de modêlo — Em conjunto e cortes, ou detalhado.  
Assunto — órgãos de transmissão e de máquinas.
- 9.º Exercício — Desenho à mão livre a giz em papel grosso (Desenho Mural)  
Assunto — reproduzir de memória a peça desenhada a rigoroso.
- 10.º Exercício — Desenho rigoroso.  
Estudo sôbre órgãos de máquinas, engrenagens, etc.  
Cópia de estampa.
- 11.º Exercício — Desenho rigoroso só a lápis.  
Estudo do acabamento de desenho traços grossos ou finos.  
Cópia de estampa ou modêlo.
- 12.º Exercício — Desenho à mão livre e giz em papel grosso (Desenho Mural).  
Cópia de modêlo ou estampa em projecção oblíqua.

## 13.º Exercício — Cópia em téla.

Estudo feito sôbre o desenho de outro aluno.

TRABALHOS PRODUZIDOS POR 60 ALUNOS  
 QUE FREQUENTARAM A AULA DE DESENHO TÉCNICO  
 NO ANO LECTIVO DE 1916-1917 NO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO

Desenhos rigorosos, lápis e tinta: cópia de estampa ou de modelo . . . .	239
Desenho rigoroso só a lápis . . . . .	52
Desenho à mão livre a lápis . . . . .	244
Desenho à mão livre a giz . . . . .	190
Cópias em téla . . . . .	56
Total . . . .	781

Média aproximada, 13 desenhos por aluno com a seguinte distribuição :

Desenho rigoroso a lápis e tinta—Dimensões 60 <sup>cm</sup> × 80 <sup>cm</sup> . . . . .	4
Desenho rigoroso só a lápis . . . . .	1
Desenho à mão livre—Dimensões variadas . . . . .	7
Cópia em téla—Dimensões 50 <sup>cm</sup> × 60 <sup>cm</sup> . . . . .	1
Total . . . .	13

THOMAZ BORDALLO PINHEIRO,

## Andorinhas

*Foi Deus que abençoou a natureza ;  
Os ramos das mimosas estreladas  
Dobram-se, a rir, à beira das estradas,  
Numa canção de luz, que é sonho e resa.*

*Voam pombas em bandos na devesa,  
Chilreiam andorinhas tresmalhadas ;  
Antes que o sol alente as madrugadas,  
Acordam a cantar, não têm tristeza !*

*Vieram fazer ninho no telhado,  
E, sob o meu beiral abençoado,  
Um lar gorgeia, em rumorejos d'aza.*

*Não sei que boa nova m'anuncia  
Esse ninho de lama, em certo dia,  
Erguido com amor, na minha casa !*

## Religião e política

A humanidade, no natural e justificável desejo de tudo querer saber e explicar, sentindo-se impotente para ir além do que scientificamente conhece, recorre à existência de um poder superior, misterioso, sobrenatural, para assim satisfazer o seu espírito com uma explicação divina sôbre a origem das coisas e da sua própria existência.

As descobertas científicas, no decorrer dos séculos, têm feito retrogradar o ponto de partida da explicação divina dos fenómenos que antigamente, envolvidos no mistério da ignorância, eram exclusivamente atribuídos a um poder sobrenatural, mas como muito resta ainda por saber e explicar, a crença no poder e fôrça de uma divindade há-de ainda conservar-se por muito tempo, porque, por mais que a ciência avance no caminho das descobertas, admitindo mesmo que pelas leis da física, da química e da mecânica, se cheguem a explicar, por uma forma que satisfaça, todos os fenómenos que nos impressionam os sentidos, incluindo os de carácter biológico, pois pode talvez chegar-se a concluir que a vida é o resultado de acções e reacções físico-químicas de determinados corpos em presença e em circunstâncias especiais, e admitindo até, que se chegue a descobrir e demonstrar que todos os corpos derivam de uma única espécie de matéria primordial espalhada pelo espaço infinito, o que a inteligência humana dificilmente conceberá, é que se possa explicar a origem dessa matéria primordial, nem o que seja o espaço infinito, o qual só se aceita como uma concepção abstracta, pela impossibilidade de se admitir o finito, portanto para as pessoas

ilustradas, cujo modo de ser lhes exige uma explicação para tudo, nasce nesta altura a ideia da divindade.

Para os não ilustrados não é necessário ir tão longe, porque para êsses, basta-lhes o não terem bases para compreenderem o movimento dos astros, a sucessão dos dias e das noites, o movimento das águas, os fenómenos meteorológicos, a germinação e crescimento das plantas, a vida, etc., para atribuirem tudo isso à vontade ou influência de um sêr superior divino, a que se deu a denominação de Deus.

Nesta ordem de ideias compreende-se que uma grande parte da humanidade seja religiosa, sendo porêem muito variadas as formas que se estabeleceram para prestar homenagem ou culto a êsse Poder Suprêmo, e fora da alçada das investigações scientificas para uns, e criado como uma necessidade espiritual para outros, havendo também crentes que não exteriorisam a sua religiosidade, por não concordarem com todas ou parte das manifestações do culto externo dos ritos existentes, algumas das quais são ridículas e outras até inconvenientes e imorais, como por exemplo a confissão no catolicismo, que só se percebe que se pratique por ignorância, estupidez, snobismo, ou qualquer conveniência em aparentar uma falsa religiosidade.

Que uma criatura honesta e virtuosa creia em Deus, lhe preste culto nos templos da sua religião e faça as suas orações, compreende-se e admite-se, mas que ajoelhe aos pés de um padre para lhe contar a sua vida íntima, é uma baixeza que Cristo não estabeleceu na sua doutrina, e que parece incrível que haja chefes de família que o façam ou o consintam a suas mulheres e filhas. Se vão mentir, não praticam com fé o sacramento estabelecido pela igreja e ofendem a pureza dos dogmas da religião que professam; se vão dizer a verdade, tendo uma vida sem mácula, não precisam confesar-se; finalmente, se tiverem praticado algum acto condemnavel pela sociedade, nada lucram em o darem a saber a um extranho que não lhe pode dar remédio, e muitas vezes não é discreto ou não guarda o segredo profissional, podendo isso originar desgraças e até crimes. O sacerdote apenas pode indicar que se procedeu mal e insinuar o arrependimento, o que aliás o pecador reconheceu antecipadamente, como se prova pelo facto da confissão, visto que só se expõem ao confessor os actos da vida reputados incorrectos; depois deve terminar por alguns conselhos, que em geral não são salutaes, porque quando a prá-

tica do bem não deriva das qualidades naturais, da educação, e dos conselhos da família, também não pode derivar do confessional; portanto em qualquer hipótese, é preferível a abstenção da prática de uma cerimónia, que o menor inconveniente que tem, é ser um acto deprimente da dignidade individual.

A metafísica, considerada como a sciência dos seus principios baseados na razão, no estado actual dos conhecimentos e civilização dos povos de todo o mundo, não pode eliminar o teísmo, portanto as sociedades têm que o aceitar sob todos os seus aspectos e formas, pois os seus adeptos contam-se por milhões tanto no monoteísmo como no politeísmo. Além disso, do teísmo sincero e convicto resultam algumas vantagens para a moral social e uma relativa felicidade, a ponto de alguns ateus, que consideram a religião um mal, a classificarem de um mal necessário, e terem pena de serem descrentes, porque até o mais ferrenho e miserável dos ascetas, é espiritualmente mais feliz que o ateu ilustrado, por mais risonha que lhe corra a vida.

Não se trata aqui de fazer a crítica das diversas religiões, nem de discutir se têm ou não razão de ser, mas apenas apreciar as suas relações com o Estado por alguns livre-pensadores, de que as religiões hão-de continuar a existir, não só pelas razões expostas, mas como uma necessidade social, cabendo aos sectários ilustrados e honestos o dever de as desbravar de certos preceitos ridiculos e inconvenientes de que estão eivadas e lhes foram introduzidos como meios de exploração moral e material, e com fins políticos, tendo o Estado o direito de ingerência fiscal, para evitar os desmandos, abusos e crimes que às vezes se praticam à sombra das religiões, e de que a história é fértil em ensinamentos.

A liberdade de pensamento é um direito individual a que ninguém se pode opor, e a sua exteriorisação deve ser respeitada desde que não ofenda a moral estabelecida pelas convenções sociais, nem perturbe a vida dos outros. Ora, como ninguém pode ser forçado a pensar nem obrar segundo as vontades alheias, e os crentes divergem de opiniões em matéria religiosa e por isso se grupam em seitas diversas, é claro que todas as religiões têm o direito de existirem.

Se todos os indivíduos subordinados à mesma constituição política, isto é, constituindo um Estado, professassem as mesmas ideias religiosas, admitia-se que esse Estado pudesse adotar uma

religião como oficial e a custeasse, mas como tal não sucede em país nenhum, e como se devem respeitar as crenças de todos, incluindo as dos que não seguem rito algum, e até o livre-pensamento dos ateus, que afinal são crentes materialistas, como os outros o são espiritualistas, e como também não é justo que uns contribuam e sejam obrigados às praxes religiosas dos outros, é intuitivo que os Estados não devem ter religião oficial alguma, mas permitirem todas sob a sua fiscalisação, que aliás é indispensável para garantir a ordem, o respeito recíproco, e portanto o bem geral da comunidade.

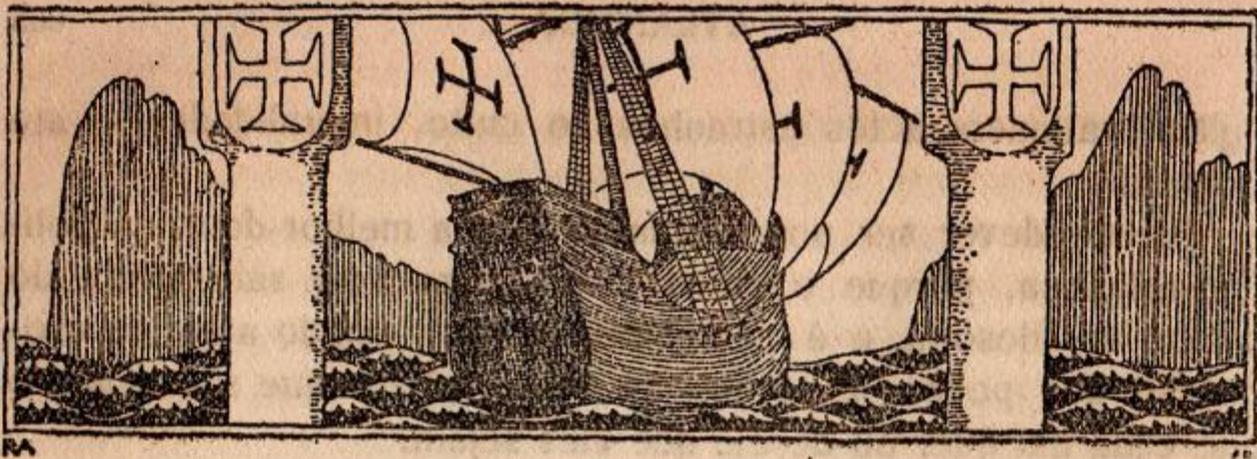
As considerações expostas indicam que os Estados não devem impôr qualquer religião, e a sua separação das igrejas constitui uma medida de moralidade e justiça, porque só assim se podem respeitar as crenças de todos e a liberdade de pensamento, portanto tal disposição não pode significar ateísmo nem ofensa a qualquer religião, como alguns indivíduos pretendem insinuar no ânimo das pessoas ignorantes, cuja bôa fé, pretendem explorar em proveito das suas conveniências ou do seu credo político, sendo coadjuvados nessa cruzada, pelos fanáticos, pelos sectaristas snobs, e pelos sacerdotes, a alguns dos quais não agrada a separação da igreja do Estado, simplesmente porque lhes cerceia proventos, e diminui a influência no seu *rebanho*, como êles chamam ao conjunto dos crentes que dominam.

Bastantes vezes, desde épocas muito remotas, a religião tem servido de pretexto para justificar movimentos revolucionários com fins exclusivamente políticos, derivados de ambições e pretensões egoistas por parte dos que fomentam tais movimentos, cujas conseqüências são sempre desastrosas para todos, mas é preciso que ninguém se deixe iludir e se convença que «religião e política» são coisas bem diversas e sem ligação alguma entre si, e que todas as formas de govêrno e programas partidários políticos, quer sejam monárquicos, republicanos e até socialistas, são compatíveis com todas as religiões, pois dentro de qualquer sistema governativo todos podem exercer livremente o culto da religião que professam. Em todo o caso, a intervenção do Estado é necessária, como já se disse e não é de mais repetir, no intuito de evitar os inconvenientes e perigos do fanatismo, a que o sacerdócio mal orientado pode arrastar os espíritos fracos e os novos, e bem assim, que os poucos escrupulosos (que infelizmente os há em abundância), sob o pretexto de fazerem re-

ligião pratiquem actos estranhos ao culto, imoralidades, e até crimes.

Parece dever ser por emquanto esta a melhor doutrina politico-religiosa, porque o materialismo puro não safu ainda do campo da filosofia, e é incompatível com o estado actual da civilização dos povos, e porque as coisas são o que são e não o que cada um quer ou deseja que elas sejam.

ALFREDO HOWELL.



## O INQUÉRITO DA «ATLANTIDA»

---

# Confederação luso-brasileira

---

A OPINIÃO DO ILUSTRE POETA, CONSUL DE PORTUGAL NO RIO,  
ALBERTO DE OLIVERA

Em uma brilhante entrevista que leio agora, reproduzida do *Dia* de Lisboa, o Sr. Bettencourt Rodrigues não hesitou em afirmar a sua esperança numa futura federação entre Portugal e o Brasil, já sonhada por Sílvio Romero, e análoga à que William Stead advogava entre a Inglaterra e os Estados-Unidos; numa forma, que os nossos bisnetos inventarão, de união política que, deixando intangíveis as nossas respectivas independências, faça do Império lusitano de algum dia uma grande potência simultaneamente europeia e americana. Para chegar até lá esperaremos que a história do Brasil entre na fase de ascensão épica que o destino lhe indica. Eu já disse uma vez que, se os grandes heróis portugueses morreram, os heróis brasileiros não tardam a. Depois do seu advento falaremos, ou os nossos filhos falarão por nós.

Hoje quero apenas dizer ao Sr. Bettencourt Rodrigues que me filio com alvoroço na sua falange luso-brasileira, da qual me considero, não só fervoroso, mas antigo legionário. A Portugal e Brasil chamo sempre um ditongo moral e histórico, a união de duas sonoras vogais na mesma eufónica sílaba. Saüdando Olavo Bilac, há um ano, em Lisboa, recordando que as nossas duas na-

ções são uma simbiose de novo género, a associação de duas vidas colectivas que uma à outra se completam, pode acrescentar, confrontando já então a Lusitânia e a Ibéria: «Pois que é a Ibéria, além de uma expressão geográfica? E pôde alguém negar que a Lusitânia, representada em Portugal-Brasil, seja um consumado facto histórico? A Ibéria define, sem dúvida, um agrupamento de povos afins de raça, mas cujo destino nunca foi conscientemente comum, e logo se diferenciou desde que foi consciente. A Lusitânia, essa é já um passado várias vezes secular, um presente vivo e forte, e nada a deterá de ser um futuro glorioso e indestrutível».

Assim desabafei no ano passado. E alguns anos antes, num livro que a pouca substância do conteúdo, tanto como o andamento vertiginoso da máquina do mundo, já atrasaram e envelhecera, assim devaneava eu sobre a confederação luso-brasileira de algum dia:

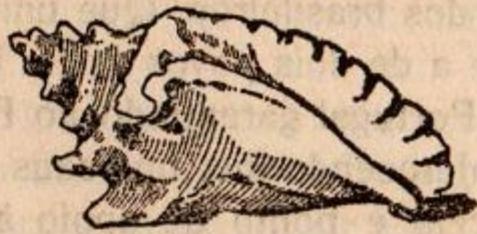
«Ao observar a emulação que por vezes se desenha entre o Brasil e outros países da América espanhola reconheço que o sangue dos homens de Aljubarrota ou dos vencidos de 1580 ainda faz bater o coração dos brasileiros. Que união poderia conceber-se mais perfeita que a de dois povos assim irmãos, assim solidários? De um lado Portugal garantindo ao Brasil logar e voz no concôrto europeu, oferecendo-lhe, nos seus portos do continente e das colónias, abrigo e ponto de apoio às suas esquadras de guerra e de comércio; do outro lado o Brasil abrindo mercados imensos aos nossos produtos, expansão ilimitada à nossa raça e à nossa língua. E eis Portugal-Brasil dando ao mundo o espectáculo de uma espécie de Inglaterra lusitana, pousada à beira da Europa num canto estreito mas bemdito por Deus, e alastrando no outro hemisfério em prodigiosas regiões de incansável fecundidade e riqueza. Eis Portugal-Brasil constituindo emfim a definitiva grande potência onde a raça de Albuquerque e a língua de Camões encontrariam o quadro digno da sua estatura histórica e a merecida recompensa dos seus heróicos feitos. E afirmo que nunca entre os ramos da árvore gigantesca que é o Império britânico houve ou haverá jãmais a comunhão de sentimentos e a transfusão de seiva e de sangue que fariam verdadeiramente das duas Pátrias unidas *duo in carne una et in spiritu uno.*»

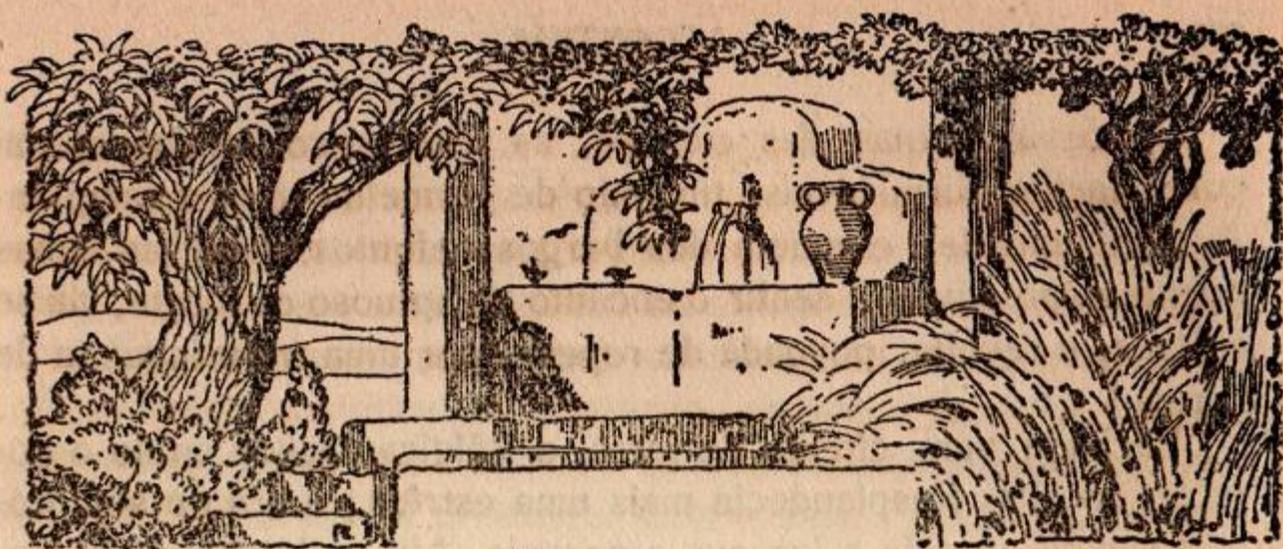
Conforta-me verificar que não estou sozinho no meu sonho e que tenho por companheiros de viagem pessoas de tanta ponde-

ração intelectual e lastro científico como é o Sr. Bettencourt Rodrigues. E assim, com ânimo novo, e visto que a liberdade de sonhar é uma das que a Constituição assegura, ninguém se surpreenderá de que eu torne a fazer-me de vela para o meu *Eldorado*, agora em tão honrosa e tão proveitosa companhia.

(De «O Paiz», do Rio de Janeiro).

ALBERTO DE OLIVEIRA.





## O responso do poeta Verhaeren

---

*DIES ILLA, DIES IRÆ...*

Andam os corvos, loucos, a grasnar, rentes à terra sôbre um mar de sangue. Erguem-se mil pendões nas ameidadas tôrres. O céu enche-se de fuligem. Passam as rondas; bradam às armas as sentinelas. Gritos de vingança sobem alto como labaredas. Secou o veneno a bôca das fontes e arrefeceu a pedra das lareiras. Rôtas as velas dos moínhos, ficam no ar farrapos como lenços a dizer adeus...

O vale e a montanha estão vermelhos como se uma aurora eterna os abrasasse; os povoados vazios, as arcas vazias, nos campos de velho nem crescem ortigas. Dos corpos insepultos já branqueiam os ossos. E os sinos ligeiros dos burgos calados não dobram no ar. Trindades mortas, morre o crepúsculo sem uma bênção.

À alta tôrre donde o mar se via, e as aves do céu tinham o ninho, em carícias quentes vieram mãos de ferro para afagar, afeiçoar os sinos, e mãos de herejes eram, que nunca mais ninguém ouviu os sinos rezar...

A terra inteira veste a púrpura imperial de Nero. Ao heroísmo santo das batalhas, sob o claro sol, segue-se, pela noite funda, o gôsto covarde do incêndio e do roubo. Aos clarões vivos das fogueiras, o amor é um suplício e um insulto. Apertadas nos braços violentos dos soldados, choram as mulheres a dor de serem amadas. E da tortura suprema, tornam-se-lhes os peitos estéreis fontes de sangue!

Sôbre as ruínas das cidades, as Tôrres concelhias ardem como fachos formidáveis, tingindo de vermelho toda a campina. A vida humilde e quieta dos burgos defuntos, onde as almas doentes aprendiam a sentir o encanto voluptuoso da morte, viu se agitada, e revôlta, povoada de repente por uma tribo inquieta de heróis!

Fechada num círculo de ferro, a Bélgica ergueu então o coração ao alto. Resplandecia mais uma estrêla; e era do seu próprio sangue vertido a luz que a aquecia. Ah, as lutas antigas entre pais e avós, onde se ungiam reis e forjavam as corôas, eram jogos de canas, ledos torneios duma côrte em festa! Com os moiros da moirama, as bravas guerras que se batalharam, já só parecem escaramuças para adivertir. Nem Rolando em Roncesvalles, nem o Cid a pelejar, encheram de tanto espanto a roda toda da terra!

Uma serpente de aço, desdobrando-se por vale e monte, rasgou caminho da Flandres para o Walhalla. E cavalgando entre o nevoeiro, passam agora as valquírias, com os longos cabelos molhados em sangue, as espadas batendo nos escudos. *Rist, Mist, Raangrud*, andam pela velha Europa a acordar desejos de rapina.

Estão abertas, de par em par, as portas do Walhalla...

#### DE PROFUNDIS CLAMAVI...

Ruínas, sepulturas abertas, cheio de névoas o horizonte... De dia, o fumo negro tolda a doçura azulina do céu; à noite, o canhoneio põe clarões de relâmpago na concha funda que abriga a terra.

Sacrifício do Sangue. Expição!

Pelo Sangue e pela Carne ofendido, só o Sangue aplacará o Céu.

Sangue, princípio da vida, fonte envenenada, palavra de maldição correndo veia em veia! Originado no crime, o sangue separa o Homem do céu; mas corre o sangue sôbre o altar, e renasce o sangue espiritualizado.

«*Soldats, je suis content de vous!*», ouve-se no silêncio sinistro dum burgo em ruínas, como se um eco repetisse ainda a voz breve de Napoleão. Mas da outra banda, Lady Machebet em vão procura lavar a nódoa do sangue vertido...

*MEMENTO MEI DEUS...*

Numa doirada visão de paz o Poeta encarnara a vida. A água nostálgica dos canais prendia-lhe os olhos, e apenas vinham inquietar-lhe o coração as imagens perdidas dum sonho desperto.

A sua alma católica de flamengo, severa e fanática, lentamente subira a ladeira do tempo; e quando voltou a vista para trás, encontrou o homem a comungar com a terra e com as plantas.

Alma e corpo confundem-se. Nova luz amanhecera dentro de seus olhos. E do alto da montanha, à claridade radiosa da renascida crença, era tão perfeita a unidade de todas as coisas criadas, que Deus e o mundo não mostravam senão uma vida só.

Pela imaginação gótica de Verhaeren, ardendo em oiro como se as fogueiras do Duque de Alba iluminassem o Brabante numa orgia de glória, um vento de loucura se enovela e passa, e as cidades tentaculares, os campos alucinados acordam entre rumores de aço, as espadas e lanças da meia-idade católica e feudal.

Já o deslumbra e exalta o tumulto sonoro dos Bancos. Do nicho das Bôlsas, — áureas catedrais do tempo novo — o deus Desejo enfeitiça os crentes. O múltiplo esplendor de futuras auroras corre por entre a chuva, o vento e a neve, como uma trombeta de alarme sacudindo as sombras.

Uma grande esperança, trazida nas asas do desconhecido, sopra sôbre as almas. Com carinhos de escultor, anda alguém pulindo a velha face do mundo. E no silêncio de expectativa que as coisas tomam, até parece que os horizontes vão partir também, largar de abalada para o seio de Deus.

Há no ar sonoridades de cobre. Entre as fôlhas das árvores, a brisa é um enxame de abelhas que passa. E as palavras do Poeta teem então a curva sumptuosa dum galeão de antanho, voltando das Índias aureolado pelo sol poente.

O beijo de oiro do meio-dia queima-lhe o coração, como se a flor de fogo da Espanha de Carlos V abrisse ainda sôbre o mundo. E ao calor fulvo dêsse beijo, as quietas gândaras flandriñas inundam-se de sol, e o sol anima, numa visão estonteante de vida, todo o labor antigo dum campo revôlto, entre ceifeiros e semeadores.

Há descantes. À alegria forte dos moços da lavoura, veem as môças, por entre as árvores, às escondidas, trazer beijos de fogo nas bôcas encarnadas. Mas a visão, em poeira de névoa envôlta,

e logo cheia de cinza, vai esmorecendo, ennegrecendo, cerrando, já é sinistra, é um pesadelo, sonho de Goya e Dante!

O brumoso céu natal enche a terra de sombras. E os versos, que inda à pouco tinham a côr morna que o crepúsculo espalha nas vidraças policromas das igrejas góticas, não sangram já. Um fundo terror negro os cobre e envolve como uma noite de estrêlas perdidas.

Ergue S. Jorge a flamejante espada, e ao visionário da paz sai ao caminho para lhe prometer a vitória. Cerra os dentes, de raiva, o velho Dragão negro. Vai operar-se o milagre. Mais forte que a morte, o espírito da raça em nova primavera desabrocha, como o sol dourado, numa armadura de esperança.

E o Poeta, tendo encontrado a poesia do rude semeador perdido entre a bruma, e aprendido o ritmo das palavras lentas ouvindo bater os remos na água surda dos canais, — quando a tarde, como uma cantiga junto dum berço, adormecia a terra —, achou-se a final cantando um canto de guerra, entre trombetas e o fragor da peleja.

No amor místico de sóror Hadwyck parecia esconder-se a chama do amor terreno; nos versos de Verhaeren passa uma voz gritando saúdades de outro mundo.

Era rude, violento, romântico, como se fôra da linhagem de Hugo. Entre os portos, as fábricas, os cais rumorejantes, buscava a justiça e a piedade, na exaltação lírica do velho ideal enganador da gente humilde.

Seduzido pela fecunda fôrça ativa da Germânia audaz, na religião da fôrça encontrara viático para o caminho da vida. Mas mal a guerra tornou essa ordenada fôrça em feroz injustiça, uma onda de cólera o invadiu, e trocaram-se em anátemas as quentes palavras de amor!

Coroadado de espinhos, morreu prègando a guerra, em suas asas vermelhas crucificado. Dor que redime é canto de esperança. O antigo pacifista caía desiludido, para se erguer, cheio de fé, o Homem novo.

O sepulto instinto de conservação nacional, quando acorda sôbre o túmulo, levanta o ódio aos altares e faz do ódio um dever. E por isso foi que êle, que melhor que ninguém compreendera e sentira as agonias místicas e os silêncios inquietos da sua raça, também melhor que ninguém sofreu a dor da terra, na agonia da invasão.

O pagão das *Forces tumultueuses*, o cristão de *Les Soirs*, herdeiro de Rubens e de Jordaens, em cuja alma, como num búzio, tinham feito eco todas as vitórias, todas as aspirações, todos os prazeres e todas as tristezas do nosso tempo, ao encontrar frias as lareiras da Flandres viu acordar em si o antigo sangue espanhol, que à sua roda os velhos tércios heróicos do Duque de Alba fechavam alas, e de poeta achou-se feito soldado!

Um monte de cinza cobre os campos auriflamados das quermesses. Já não teem vinho os copos de Teniers. Morreu a alegria nas tavernas fartas de Van Ostade. A vida já não é bela; a vida é fumo, a morte é uma sombra. Combater! Combater! Como em Gand outrora os comuneiros de Artevelde, antes morrer do que pedir perdão. À guerra! à guerra!

Voam baixo os corvos, voam alto as almas. Os cândidos monges que o Poeta cantou, enchendo-lhes as mãos de palmas e rosas, já de rosas e palmas lhe encheram as mãos.

LUÍS DE ALMEIDA BRAGA.



# Contos a uma rapariga loira



## VI

### FIM DE RAÇA

*Sala de estar, no antigo palácio dos Condes de X., há trinta anos. Paredes armadas de gorgorão verde. Teto de caixotões. Retratos pintados do século XVIII. Muitas faianças, muitas pratas. Mobília portuguesa antiga, de madeira do Brasil. Junto de um fogão de sala, aceso, duas poltronas modernas. Luzes. Conforto. A um canto, um reposteiro armoriado: no segundo e terceiro quarteis, a cruz aberta e florida dos Pereiras; no primeiro e quarto, as armas dos Sousas de Arronches. Oito horas da noite.*

O MARQUEZ de\*\*\* entra pelo braço de um criado da casa. É o tipo do velho fidalgo português caído na miséria. Setenta e tantos anos. A cabeça, a barba, lembram certos apóstolos do Greco. Umás botas rôtas, um fato preto coçado, uma fisionomia inquietante. Adivinham-se ainda, na sua decrepitude, traços de nobreza e de raça.

MARQUEZ. — Obrigado, Pedro.

CRIADO. — O senhor Marquês manda mais alguma coisa?

MARQUEZ. — Tinham-te dado ordem para não me deixares entrar, não é verdade?

CRIADO. — Não esqueço o respeito que devo a V. Ex.<sup>a</sup>, senhor Marquez.

MARQUEZ. — Meu velho Pedro, Deus te pague. (*A uma CRIADA, que entra*). A senhora? (*Silêncio da CRIADA*). Está no seu quarto?

A CRIADA, *depois de um instante de hesitação*. — Sim, senhor Marquez.

MARQUEZ. — Diga-lhe que sou eu.

A CRIADA. — A senhora Condessa está-se a vestir.

MARQUEZ. — Eu espero-a aqui.

A CRIADA. — Mas, senhor Marquez, a senhora deu ordem...

MARQUEZ. — Bem sei. Diga-lhe que é o pai, que lhe quer falar.

A CRIADA, *hesitante, saindo*. — Sim, senhor Marquez.

MARQUEZ. — Pedro. Tenho frio. Dá-me um cálice de *cognac*.

*O velho MARQUEZ fica sòzinho. Senta-se tímidamente numa cadeira, rolando o chapéu nas mãos trémulas. Espera. Momentos depois entra a CONDESSA, trinta e tres anos, beleza aquilina, dura, enérgica. Veste de tarlatana cor de rosa, à moda do tempo, tournure, cauda, grandes luvas brancas de canhão, o peito cheio de jóias.*

CONDESSA. — O papá é de uma imprudência e de uma falta de senso que chegam a revoltar!

MARQUEZ, *levantando-se, olhando a filha numa admiração respeitosa*. — Como tu estás bonita!

CONDESSA. — Não sabe que meu marido não quer que o papá entre aqui?

MARQUEZ. — Os pequenos, como estão?

CONDESSA. — Antes me mandasse dizer, que eu ia ter comigo a qualquer parte. Era mais simples. Assim, sujeita-me a ter todos os dias uma scena por sua causa. Há de confessar que é desagradável. (*Abotoando nervosamente as luvas*). E depois, isto não são horas de procurar ninguém. Sabe que eu vou para S. Carlos.

MARQUEZ. — Esperei que o teu marido sáísse. Já tinha saudades tuas.

CONDESSA. — É preciso que o papá se convença. Eu não o posso receber na minha casa.

MARQUEZ. — Porquê?

CONDESSA. — Porque o meu marido não quer.

MARQUEZ. — E porque é que o teu marido não quer que tu me recebas?

CONDESSA. — O papá bem sabe.

MARQUEZ. — Não sei.

CONDESSA. — Pela mesma razão porque todas as famílias nossas conhecidas lhe fecham as suas portas.

MARQUEZ. — Mas tu és minha filha.

CONDESSA. — Infelizmente, sou.

MARQUEZ. — Devias ter para teu pai mais respeito e mais caridade do que os outros.

CONDESSA. — Oh, papá, pelo amor de Deus poupe-me a explicações que me são dolorosas. Já lhe disse. Não volte. Não me obrigue a dar ordens terminantes para o não deixarem entrar.

MARQUEZ. — Tens vergonha de mim?

CONDESSA, à CRIADA, *que entra com a capa e a deixa sobre um sofá.* — Mande pôr a carruagem, depressa.

MARQUEZ. — Tens vergonha de ser minha filha. Pois eu nunca pensei se devia ou não ter vergonha de ser teu pae.

CONDESSA — Papá!

MARQUEZ. — Apesar de tudo quero-te muito, porque me lembro de quando tu eras pequenina. Ainda que te visse na última miséria, não te repudiava como tu me repudias a mim.

CONDESSA. — O papá bem sabe que lhe faço todo o bem que posso.

MARQUEZ. — Sim, às vezes dás-me esmola. Obrigado. Mas finges que me não vês quando passas por mim na rua.

CONDESSA. — Porque o papá faz-se acompanhar de gente que eu não posso conhecer.

MARQUEZ. — São os únicos amigos que me ficaram.

CONDESSA. — Mas não são relações que convenham a uma senhora.

MARQUEZ. — E quando eu vou sòzinho?

CONDESSA. — Não o vejo.

MARQUEZ. — Voltas-me a cara. Pois olha. Se ainda hoje és alguma coisa de grande, é porque és minha filha.

CONDESSA. — Foi para me dizer isso que o papá cá veio?

MARQUEZ. — Foi para te vêr. Tinha saudades tuas.

CONDESSA. — É melhor ser franco. Veio, porque não tinha dinheiro.

MARQUEZ. — Já há muito tempo que eu não tenho dinheiro.

CONDESSA. — Porque arruinou a sua fortuna.

MARQUEZ. — Sabes como eu principiei a arruiná-la?

CONDESSA. — A jogar e a beber.

MARQUEZ. — A comprar jóias para ti.

CONDESSA. — Porque não muda o papá de vida? Porque não deixa essa existência de vagabundo, que não é própria nem da sua idade, nem da sua fidalguia, nem da sua educação? Os velhos corrigem-se, como as crianças.

MARQUEZ. — Queres bater-me, aos setenta e seis anos?

CONDESSA. — Tenho, pelo menos, o direito de o aconselhar.

MARQUEZ. — Não é de conselhos que eu preciso, minha filha. É de amparo. Sabes o que me dizia o teu avô? Que eu era o primeiro fidalgo, depois de príncipes e de infantes, que se tinha criado em bêrço de prata. Cheguei quási aos oitenta anos, e ainda não sei onde hei-de ir dormir esta noite.

CONDESSA. — Que quer o papá que lhe faça?

MARQUEZ. — Nada, se o teu coração nada te diz.

CONDESSA. — Não tem um quarto alugado?

MARQUEZ. — Pozeram-me fóra.

CONDESSA. — Que fez o papá ao último dinheiro que lhe dei?

MARQUEZ. — Vivi.

CONDESSA. — E então agora, que quer?

MARQUEZ. — Que me deixes ficar esta noite na tua casa.

CONDESSA. — O papá não sabe o que está dizendo.

MARQUEZ. — Não te peço para sempre. Peço-te para esta noite só.

CONDESSA. — Meu marido consentia lá que o papá aqui ficasse!

MARQUEZ. — Mas êle escusa de saber.

CONDESSA. — Não temos quarto de hóspedes. O papá não há-de dormir nas salas.

MARQUEZ. — Não me importo de ficar com os criados.

CONDESSA. — É degradante o que está a dizer!

CRIADO, *entrando*. — A carruagem da senhora condessa.

CONDESSA, *ao CRIADO*. — A criada, que me venha pôr a capa.

MARQUEZ, *à filha, quando o CRIADO sai*. — Não me deixas ver os meus nêtinhos?

CONDESSA. — Estão a dormir.

MARQUEZ. — Nem me deixas beijar a tua mão?

CONDESSA, *sacudindo-o*. — Deixe-se de tolices, papá.

MARQUEZ. — Deus queira que os teus filhos sejam melhores para ti, do que tu tens sido para mim.

CONDESSA. — Educo-os melhor do que o papá me educou.

MARQUEZ. — Teu marido, quando me encontra, nem leva a mão ao chapéu. Se eu tivesse menos vinte anos!

CONDESSA. — É uma ameaça?

MARQUEZ. — Não. Eu não ameaço ninguém. Queria que tu me fizesses uma esmola, minha filha. Queria que me deixasses, a● menos meia hora, aquecer do frio ao canto do teu fogão.

CONDESSA. — Quem tem a culpa não é o papá. São os cria-

dos, que o deixam entrar nesta casa. Mas isto não torna a suceder mais. Prometo-lhe que não torna a suceder mais.

MARQUEZ, *deixando-se cair sôbre a poltrona, ao pé do fogão.* — Deus te pague, minha filha.

CONDESSA, *à CRIADA, que entra.* — A capa. — É preciso que o senhor Marquez saia antes de nós virmos do teatro. Ouviu?

A CRIADA. — Sim, minha senhora.

CONDESSA, *pondo a capa e saindo, precipitadamente, sem se despedir do pai.* — Que inferno!

MARQUEZ, *com as lágrimas a correrem-lhe pela face.* — Deus te pague. . .

O MARQUEZ *chora, em silêncio.* PEDRO *trás uma bandeja com cognac e coloca-a diante do velho fidalgo. Crepita a lenha no fogão. A CRIADA volta com um «plaid» que foi buscar e abaixa um pouco a luz do candieiro. Batem as nove horas.*

CRIADO. — Queira V. Ex.<sup>a</sup> perdoar, senhor Marquez. Tem hoje nesta casa um quarto muito pobre. É o meu.

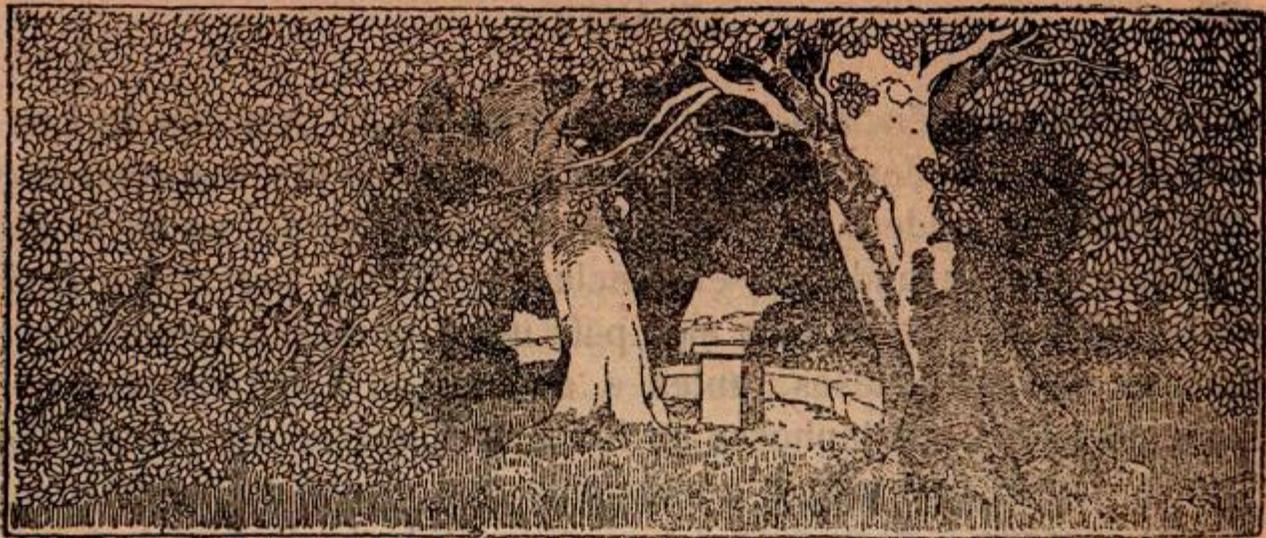
MARQUEZ. — Obrigado.

CRIADO, *com a voz sufocada pela comoção.* — E uma bolsa ainda mais pobre. É a minha.

MARQUEZ. — Obrigado, meu Pedro.

A CRIADA, *cobrindo carinhosamente com o «plaid» os joelhos do velho.* — Quer mais alguma coisa, senhor Marquez?

MARQUEZ, *num sorriso cheio de lágrimas.* — Morrer.



## Na Meca dos dispepticos

RECORDAÇÕES DE LAUSANA

*A Bettencourt Raposo.*

Paris — Hotel Lutetia 17-3-17

Quando ontem à noite a nortada prenhe de folheca alfinetava o raro viandante dêste bairro de Paris, agora descampado às 8 da noite como se fôra uma aldeia sertaneja — nesta hora suave em que os bronquios aspiram a mais suave fragrância, a do ar do quarto do hotel sobreaquecido até aos 25.º do paraíso, e o jornal deslisa diante dos olhos amortecidos pela mornez do ambiente e pela flacidez do espaldar estofado — duas linhas me desentorpeceram, aliás tão miudas e sumidas que bem parece as imprimiram para que ninguém as lêsse. Anunciam a morte duma celebridade ocasional da clínica cosmopolita — o prof. Combe de Lausana.

Hoje que o homem armou suicidamente a Morte com a foice de ceifa a mais colossal e afiada que as suas mãos enclavinadas jámais brandiram desde que há mundo — que importam aqueles a quem a rasoira comum cerceia a existência?! São as baixas triviais do ramerrão da vida: a morte por atacado absorveu a morte a retalho. A imprensa quási a sumiu das locaes, e nem sei como nesse sumiço escapou o nome do médico que nas margens do lago Léman fez rolar pelo seu consultório a vaga ansiada dos enterocólicos de ambos os mundos.

Também, há quási dez anos já, fui um grão de areia arrastado nessa onda dos peregrinos da Meca do alto e baixo ventre que tomou para séde a formosa cidade do cantão de Vaud — pe-

regrino de obediência à injunção amarga do dr. Antonio de Lencaestre que, sem despreço para ninguém, pode dizer-se o médico que rastreia o ideal profissional junto do enfermo, na harmonia bemfazeja de qualidades — ciência e vidência, sugestão e caridade. Não fui ave rara do meu país nesta migração terapêutica; bandos de portugueses, antes e depois, ali teem voejado por aquelas faldas montanhosas na fé de se limparem da pevide das tripas. E não tem sido o contingente que menos avulta relativamente, porque o português é uma vítima dilecta da mazela intestinal e suas seqüelas nevropáticas.

Tenho esta espécie guardada para a filosofia ética e somática do lusismo, encadeada em documentos médicos e históricos, desde a epidemia de humor merencório que grassou nos homens da época rude de Avís, até ao flato freirático e aristocrático do alambicado século 18. Tem esta fraqueza atavica no redenho o português de casta — é um traço etno-patológico. Combe afirmava que os nativos da Suissa não sofriam de enterocolias. Pois Portugal está inçado desde Monção ao Cabo de Santa Maria, e seria êrro pensar que o enterismo indígena é simples fruto pôdre da vlda refinada — *morbis dominorum*. No Gerez tive ocasião de ouvir gemer nos papos da aranha nevrasténica o rude barro-são dos socos e da brôa, com o mesmo exacerbo e desmancho do lisboeta da bota de polimento e da gulodice. A mesma gama mórbida a dominar horacianamente a choça do serrano e o palácio do cortesão.

Tenho algumas vezes malucado sôbre a raiz etiológica desta endemia. Será por ventura efeito do saudosismo? Sim, porque a pecha sentimental dos filhos de Henrique, pelos abalos concutidos sôbre o plexo solar, é capaz de perturbar o manso ritmo das tripas. Seria reconhecer uma origem nobre e poética, esta do *ethos* luso, às míseras torturas infra-umbilicais. Medicamente mesmo, para consolação da alma atribulada quando sobrevêm os paroxismos da cólica a espremer um bolo fecal pètreamente resistente ou pelo contrário uma escorrência de bica aberta, não será indiferente que o ente sensitivo do enfêrmo possa murmurar no transe: «isto vem da saudade legada pelos nossos avós, aquela que só tem nome na língua do Bernardim»; e a hóstia do bismuto ou o gole do Chatel-Guyon deslisarão na garganta com o excipiente lírico do «gosto amargo de infelizes», cantado por Garrett.

Será dos rebates doloridos do coração, ou mais prosaicamente da má boca? O paladar obtuso faz-nos propender a manutenção para a chanfana — o prato empapado do unto de porco ou de azeite saibento, a rescender à cebôla e ao alho, a trescalar às espécies. A ucharia duma cidade como Lisbôa é guarnecida do mais execravel refugio de abastecimento. Carne empedrenida de boi ancião, tão velha e menos tenra que a do fossil mamut da Sibéria, galinha engoiada de fêvera negra de arame farpado — para digerir o quê era preciso ter na boca um almofariz e no estomago um frasco de vitríolo; fruta pêca, vinho derrancado, pão de trigo mal colhido, mal farinado, mal padejado. Não há terra civilizada em que o pão nosso quotidiano seja de peor aspecto e peor gosto<sup>1</sup>. Lisboa é a capital da má boca, e a que mais caro paga o ruim bocado. E como os intestinos não são de pau, à força de carrearrem esta moxinifada, às duas por tres estão derreados. Só os buchos de Mitrídates resistem . . .

. . . Penado de corpo e alma, dei fundo em Lausana. O império da clínica gastro-intestinal estava repartido entre dois príncipes. Um, o prof. Combe, troneava no centro do velho burgo: quatro hotéis, que chegavam a atestar-se, quartelavam a sua vasta clientela que lhe rendia, dizem, perto dum milhão por ano; cosinheiros amestrados amanhavam as dietas enxabidas, numa culinária espartana; e, como as massas de Italia são o prato de resistência dessa *dieta branca* -- branca para a vista, mas negra para o paciente — os gracejadores chamavam aos pomposos caravanserás as estalagens do *macaroni*. Outro, o prof. Bourget, não estadeava essas flamâncias hoteleiras; fixara-se numa modesta pensão na aba da cidade, a meio caminho da praia de Ouchy, onde consultava e recolhia a freguesia. Estes dois galos que tinham feito poleiro sôbre a bôca do estômago das gentes, bicaavam-se ciosos; Bourget, brigão armado de esporões de aço, êsse descomedia-se, arremetendo em libelos pitorescos contra a enterocolite cuja existência lesional negava, contra as auto-intoxi-

---

<sup>1</sup> Agora mesmo em crise de subsistências Lisboa sujeitou-se a todas as privações, e ao passo que no resto do país, a começar pelos arrabaldes, se continuou a consumir pão trigo, aqui a capital ficou no regime do pão que o diabo amassou. Este povo da boa e leal cidade, duma extrema docilidade para todos os males, lembra na borreguice aquele ditote popular, aplicado ao antigo «rei chamado João, que faz o que lhe mandam e come o que lhe dão.»

cações, contra as interpretações analíticas das urinas, e neste esfrangalhar da farragem científica até amarfanhava as sedas das fedúcias de alto coturno que papeavam a gloria do seu rival nas rodas da cabotinagem cosmopolita.

Entre os dois o meu coração estava em balanços: a qual me entregaria? Uma joven russa, ao confiar-lhe consternado esta hesitação, dizia-me, entre duas fumaças gentís de cigarrilha, com toda a sua superstição de eslava: «Não se perca em reflexões, vá atrás do seu pressentimento, procure aquele em que primeiro pensou e teve fé.» Ora êsse primeiro palpite era pelo Bourget: atraíam-me o tom austero do clínico, creado na escola dos grandes mestres, a agudeza do polemista herético, e até a perfeição do estilo — a pureza e elegância do seu francez de casta, a língua de culto sempre vivo na Suissa Romanda, desde João Jacques Rousseau a Victor Cherbuliez. Hombreaava a escrever com o seu colega e compatriota Jaccoud.

E assim bati à porta da pensão da avenida de Ouchy, na emoção do ditame evangélico — *pulsate et aperietur vobis*. *La Pensée* dizia o letreiro — e nunca soube ao certo se aquele chamadoiro significa a habitação do pensamento, o *domus sapientiae* do Salomão, ou apenas o emblema floral e bem-agoirento do amor-perfeito. Casa mazorrada, carrancuda, mal assombrada nas suas linhas macissas de chalet e nas suas arvores de copa verdeneira. Mais ainda do que a casa, trombudo e mal assombrado era o Bourget, deus lhe perdôe, porque também já lá vai. Tinha simplificado e sistematizado as relações com os seus doentes. Tratava-os em primeiro logar com o maior desprezo por êles e pelas competentes mazelas; no que lhe dou toda a razão, porque não passavam duns malucos importunos que muito bem podiam amañhar o bucho e as tripas em familia, poupando o dinheiro que vinham desperdiçar atrás da clínica dos arquitatas.

Todo este enfeitado rebanho estava sujeito ao mesmo penso — dieta igual para todos, qualquer que fosse o mal e a queixa — a mesma sémola, o mesmo presunto de York, o mesmo abrunho cosido, o mesmo arroz dôce, o mesmo sempiterno macarrão. Igual regime e igual medicina, porque Bourget chegara à luminosa conclusão que isto de dispepsias se cifra em o estomago se vasar ou não a tempo e a horas no duodeno. Para desemperrar a valvula pilórica e forçar-lhe o abrimto, mandava deitar o doente de bruços sobre a borda do leito, depois de emborcar um

copázio quente duma água alcalina de farmácia, espécie de Carlsbad artificial. A tibórnia ministrava-a a creada, uma mocetona alta como uma torre e redonda como um cêpo, que me ensinou a manobra debruçada no respaldo da cama, e todas as manhãs com a sua mão papuda me esfregava a táboa do peito e a do costado com um misto aromático de essências que nas boticas de Lausana se vendia com o rótulo de *linimento Bourget*. Com tudo me acomodei, com a debruçadela e a esfregadela, mas a moxifinada não a podia tragar. Os efeitos sabia-os dantemão, foram um ataque manso de cólera; pois nem assim o férreo mestre me suspendeu o uso da sua panaceia. Claro é que daí por diante, passei a vasá-la no balde. Dizia-me ao depois espiritualmente o nosso dr. Bensaude que em Paris, ao mesmo tempo que ilustra o nome português, é o amparo caridoso dos conterrâneos aflitos — «Aquilo é como numa loja de calçado, que tivesse sortido duma só craveira — só o freguês da mesma *pointure* é que vai servido».

O mestre de *La Pensée* tinha como acólito um simpático médico búlgaro, seu discípulo — a faculdade é principalmente frequentada por estudantes russos e balcânicos. Jurava pelas palavras do *magister*, sustentando-lhe as indicações com o denodo sincero dum catecúmeno. Fizeram-me lembrar — ó fantasia maléfica de enfermo! — salvo seja, o Gil Brás de Santilhana e o doutor Sangrado. Agua e mais agua para o convez do bucho, sofra quem sofrer, haja melhora ou peora. Só não lancetavam o sangradoiro, mas sem deixarem de sangrar drásticamente.

O sanatório era uma verdadeira cartuxa; cada môcho em seu soito — comia-se no quarto. Este isolamento ia a ponto de nem sequer pôrem em comunicação os patrícios. Estavam ao tempo na *Pensée* dois conterrâneos — um, o sr. C., um finamente ilustrado comerciante de Lisbôa — outro, a Madama B., inteligente senhora que trasladou o seu esbelto espírito a um grupo de filhos, meus velhos amigos, que são hoje legítimas notabilidades. Deu-nos a conhecer a todos tres um feliz acaso, e desde então um raio de consolação entrou naquele cenóbio.

Os melhores récipes do mestre eram os passeios — barquear no lago, e vêr o pôr do sol no alto de Sauvabelin. Quantas horas passei com a minha companheira e o meu cão naquela saudosa floresta, erichada sobre um ressalto do Jorat a sobrepujar

Lausana. Panorama majestoso o do Sinal de Sauvabelin! Em baixo azuleja o lume espelhento da grande bacia do Léman, inscrita na roda imensa dos espigões e cordas da serra alpina. Dos contrafortes do Jura os cimos recortam-se alteados sobre as cortinas dos Alpes saboianos e valaisianos entre os cerrafilas do Salève e da *Dent du Midi*, incisivo titânico a cravar os acúleos da corôa alvinitante no ceu azul-gris do levante.

Tantas vezes ali me detive a bosquejar no canhenho a visão mental da cidade, que aos pés estadeia os escalões do casario e os pináculos dos monumentos. Ao fundo da ribeira, o descampado onde paradeou os seus guerreiros borguinhões e flamengos o neto do nosso D. João I, Carlos Temerário, que os suíços derrotaram em Granson e Morat. Na branda falda da ribanceira alastra-se em talhões o paiz das uvas do cantão de Vaud, vinhedos singulares em que as vides dum ranca só, altas e bastas, tomam o aspecto dum horta de ervilhas e feijões. Nos pulsos desses vinhateiros gira em muitos o sangue português, trazido de tão longe na descendência do D. Antonio, Prior do Crato. O rei vencido de Alcantara tem aqui a melhor da sua prole nesta modesta burguesia vaudense; dessa linhagem obscura uma ou outra familia se estrema, e entre elas a dum professor da faculdade de medicina que tem nas veias glóbulos reais da nossa grande dinastia.

Lausana é uma cidade académica por excelência. Não haverá talvez mais suave e tranquilo remanso espiritual; desde o século 18, desde Voltaire, Rousseau e Gibbon, que se renomeou como estancia intelectual. Hoje tornou-se um centro integral de educação e instrução, em todos os seus graus e espécies, sem a mínima lacuna, desde a alta Universidade até à comezinha escola caseira. A Universidade com o elenco completo de faculdades, rica de bibliotecas, museus, laboratórios, e institutos, cercada de institutos técnicos e superiores, tem a sua séde primacial no magnífico palácio Rumine que custou alguns milhões ao seu benemérito doador. Palácios são também as escolas cantonais e comunais, em que se semearam milhões; uma escola de primeiras letras, erguida junto da minha poisada, é um soberbo e vasto edificio. E lembrar-me eu que na minha terra tantos dos estabelecimentos de ensino, do primário ao superior, se albergam em tugúrios de aluguer e casas de empréstimo, uma miséria franciscana que desde logo desmoraliza a instrução e os seus minis-

trantes. O hospital cantonal é uma perfeição estrutural e técnica, e modelar a sua *Policlínica* — instituição que decididamente nunca chegarei a vêr luzir na nossa desconcertada organização hospitalar.

Ao lêr o longo rol das disciplinas professadas na universidade no ano lectivo 1908-9, deparou-se-me com espanto, ao lado de dois cursos de árabe e de exegética do Alcorão — aqui nem há a exegética bíblica! — um curso de língua e literatura espanholas. Pois na nossa faculdade de letras nem sombra desse ensino, fundamental para a literatura portuguesa, incompreensível sem o paralelo da castelhana, com a qual medrou em alternativas de sujeição e sobrepujo. Quem há-de dizer que o govêrno político do cantão, que instaurou e mantém um ensino assim, está nas mãos, não de diplomados de carreira, mas de bons e simples lavradores de vinhas — que sabem lembrar-se do que é devido à vinha do Senhor!

A instrução que a todas sobreleva nestes jardins de Academus, é a do sexo feminino. Lausana é por excelência a escola das raparigas. Deve-lhes a principal freqüência a própria Universidade, onde os rapazes estão em minoria — um triunfo do feminismo na àrea discente; no ano anterior, contra 144 alunos contaram-se 320 alunas, mais do dôbro, mas destas estudantes só duas eram suissas, na sua quási totalidade são de migração russa. Há duas escolas superiores e ginásios de raparigas, escolas normais, escolas técnicas, escolas caseiras, e nada menos de 90 pensionatos e colégios, atestados de meninas francesas, inglesas, alemãs, russas, etc., que se encontram às chusmas nos passeios conduzidas pelas mestras.

Lausana é, além de Academia, um Dispensário; buscam-no os forasteiros, uns para educação, outros para saúde. Os seus grandes médicos, os seus consultórios, clínicas e sanatórios, promovem-lhe uma migração sazonal de gente enfermiça. Combe e Bourget eram grandes fornecedores dêste tributo estrangeiro. O afamado cirurgião Roux ergue ali o seu sceptro operatório, com tal arte e domínio que a cidade de Lausana, reconhecida à glória e ao proveito advindos dos méritos do mestre, lhe conferiu as honras de seu cidadão em festa pública.

... Desengolfavam-me de meditações os lampejos finais do sol poente, devorado pelas trevas que sobem dos covões dos

Alpes. Um fogo de vistas da fada Morgana -- jogos de luzes, jorros de iris, fumos de côres, pirotécnica de mágica, acendida no aro do horizonte e reflectida no aço do lago.

Mas a soledade do miradoiro e a saudade do poente mais me carregavam o pesadume. Espaireciam-me os passeios do Léman nos barcos-salões de carreira, alegrados pela música da fanfarra e pelo sussurro dos turistas; à ré a inglesa esbelta, lançada esculturalmente como a Vitória da Samotrácia, cevando de pedaços de pão o bando de gaivotas que volitam na esteira do vapor — imagem mítica da Vénus da concha, a deslizar por sôbre a vaga, levada por casais de pombas alvas. Ali está a ilhota architectural e arbórea de Clarens, onde ao tempo veraneava o dono da maravilha, o pintor Chartran, também já morto. Além na praia, onde as gaivotas empoleiradas semelham rôlos de espuma branca sôbre a areia, habita a sombra daquele anjo ou demónio que se chamou Rousseau, o sensibilista que não mais deixou de seduzir ou atenazar os corações: lá estão os soutos de castanheiros, o cenário da *Nova Heloisa*, cujas ramagens cobriram as figuras romanescas de Saint-Preux e de Júlia; lá está o penedo de Vevey onde Rousseau sentado, de cabeça pendida sôbre o lago, a estuar de melancolia, chorava como vide talhada, pingando de lágrimas o lume de água. Na extrema da ribeira, as seteiras do Castelo de Chillon, órgão de pedra que perpétuamente canta as estrofes ardentes de lord Byron.

Ah! mas não era à cata de reminiscências dos mestres inflamados da febre romântica que eu divagava ao tom da água. Era Montreux que me atraía, aquela fita suntuosa de palácios, hotéis, lojas, casinos, a debruar a margem do lago e a aba da serra, rica estância mundana da arribação cosmopolita que por ali rumoreja dilectamente. Quem ao triste receitou o isolamento, teve uma inspiração do inferno. Desertem-no, sim, mas no deserto da multidão; que se sinta só muito embora, mas entre os contentes da vida. A roçar pelos outros, um pouco da satisfação colectiva se lhe pega. Só se veja, quem só se deseja — atalha o o provérbio; e o acerbo filósofo Gracian dizia bem que o homem «para viver à solas ha de tener ó mucho de Diós, ó todo de béstia».

... Um dia lá fui bater ao ferrôlho do Combe; tirava-se uma chapa numerada de véspera, tantos eram os postulantes da sua

arte. Na sala de espera, que seria uma babel se não valesse o francês, debica-se de médicos; discutem-se os méritos e mais partes das figuras carimbadas dos especialistas, desde o Boas de Berlim ao Dubois de Berne. E faz-se côro à modéstia do Combe que se contenta com a mísera espórtula dum luís, o que o não impediu de entesostrar milhões. Gaba-se a qualidade das sémolas, tangaroks e conservas de mirtilos dos reputados Manuel Frères, porque a farmácia dos dispépticos se transformou felizmente em mercearia. Uma romena de grandes ademanes conta a um inglês encornicado, que já faz, salvo seja, sujidade com poucos micróbios proteolíticos, segundo o rótulo que a última análise lhe colou no bacio.

Soberba mobília Império, de metais cinzelados, destaca a atraente figura de Combe — cara viva e atenta de confessor, olhos e atitude de quem ouve, boca donde vai soltar-se uma sentença redentora. Tem a bem fadada atracção da miséria física, enxugador de prantos e distribuidor de esperanças. Dedilha com as suas falanges delicadas os cólons, marcando os segmentos avariados com uma precisão habilidosa de prestímano ou de adivinho. Brinda-me com o seu clássico livro, de edições marcadas aos milheiros como os romances da moda. Os seus récipes e dietários caligrafa-os minuscualmente em papelinhos do tamanho de bilhetes de visita: que me trarão de bom?! E quando a pinça dos seus dedos esfusiados me larga sôbre a mão o pequeno quadrado de papel, lembro-me da sorte que os passarinhos amestrados trazem no bico aos que querem saber da sina.

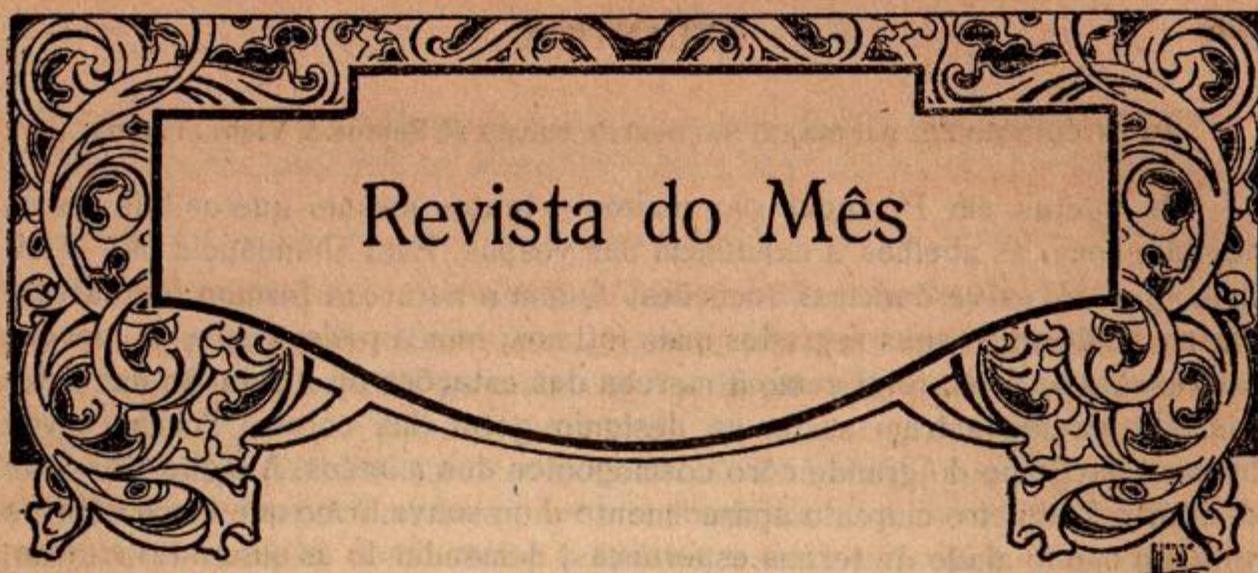
Insiste em mudar-me para a sua clínica no hospital, recalcitro contra a ideia que se me afigura funérea. Salva-me dêste infausto destino o tempo, que dum dia para o outro mudou de cariz. Está a expirar outubro. Á macieza dum esplêndido outono sucede a rudeza do inverno. Sopram brisas glaciais, e nos marcos meteorológicos das praças — onde os aparelhos registradores estão ao alcance da mão sem que ninguém lhes toque — o termómetro descai a súbitas de 20 graus a zero. Toca a fugir da Suíssa e dos seus endireitas gastro-intestinais...

Ambos, coitados, tanto se curvaram sôbre o antro onde incessantemente resfólega a dor humana, que lá se despenharam exânimes no vigor da idade. Bourget vai para tres anos que, colhido por morte apressada, se mandou incinerar no queimadeiro e espalhar as cinzas pelos canteiros floridos do jardim.

Combe declinára a pouco e pouco na morte lenta que sangra gota a gota os esfalfados.

...Um fluxo de lembranças, menos extemporâneas do que parecem: porque neste Paris de guerra, outrora o paraíso dos estômagos delicados, nem o pão é de hoje nem a carne é de hontem, conforme o provérbio português do homem são; e do pescado traidor há que perguntar ao criado, com boa gorgêta na palma, qual dos peixes da minuta será mais confiadamente manjável. Sempre iminente uma tormenta indigesta, a recordar as asperezas do sanatório suíço — enquanto que, nas alturas, as naus do ar, anunciadas esta madrugada pela sirena estridente dos bombeiros, espectro horrífico duma guerra de abutres, me trazem saudades das horas mansas do remanso alpestre.

RICARDO JORGE.



## Revista do Mês

### MÊS LITERÁRIO

*EM TERRA DE INGRATOS...*, por OLDEMIRO CÉSAR e CRUZ MAGALHÃES,  
edição da Livraria Ferin, Lisboa.

Camilo pertence ao número dos grandes escritores nacionais que ergueram a alma da raça até à purificação máxima do Sentimento, isento de qualquer mácula interesseira ou vil. A sua obra, escrita como desafôgo bravio de uma sensibilidade que queria libertar-se de sujeições às mentiras convencionais do coração, marca um enorme triunfo redentor para nos fazer sair a todos da penumbra em que a dúvida gera inquietações, arrepios, desesperos e descrenças. O seu esforço, tão fora dos caminhos vulgares que pisam os almoceves do lugar comum, consumou-se em dor e tragédia. O mau destino, que em vida lhe aprouve os passos, acompanha-o ainda além túmulo. — Porque não paga a pátria ao morto ilustre o merecido preito? — Porque se deixa cair na miséria a sua descendência? Oldemiro César e Cruz Magalhães — dois camilianistas que sentem a vergonha de uma injustiça tão revoltante — reuniram no volume *Em Terra de Ingratos*. . . os artigos de ardoroso protesto que, ao acaso dos jornais, teem consagrado a remover a lousa do esquecimento que a ignorância e a pedantice paroleira querem assentar sobre a *memória* do mestre. E as suas palavras veem bem a propósito, neste momento em que a moral de nós-todos declina, tornando fáceis as ingratidões e cómodos os sucessos dos que, aliviados de preocupações idealistas, esperam estabelecer a nossa democracia entre as ruínas de um templo e uma florida taberna patriótica. Que os dois escritores não desarmem numa campanha tão desinteressada, a ver se ainda é possível pôr o espólio espiritual da raça a coberto das irremissíveis profanações. . .

BEBAM AGUA DO ALARDO

*AGUA CORRENTE*, por MÁRIO SALGUEIRO, edição de Santos & Vieira, Lisboa.

Os poetas em Portugal são muitos — tantos mesmo que os leitores os aceitam como as abelhas a existência das vespas. Esta abundância não desilude, porê, as verdadeiras vocações. Quem a natureza formou para arrancar ao Mistério os seus segredos mais íntimos, nunca poderá calar-se, porque tal *revelação* é tão fatal como a marcha das estações ou a rotação das esferas. Os poetas entram assim no desígnio geral das coisas. Tornam a voz humana partícipe do grande câro cosmogónico dos mundos. A *Agua Corrente* de Mário Salgueiro marca o aparecimento dum suave lírico que lança sôbre a vida um bando alado de ternas esperanças, demandando as quietudes idílicas, propícias ao amor e à formação dos nobres desejos. A sua musa acusa bem a sua alta linhagem lusítada: vela-a sempre, mesmo quando sente a próxima realidade de um sonho, uma ténue sombra de mágoa — essa mágoa que é privilégio das raças que conhecem o ilimitado das Quimeras perante a ansiedade de um peito insofrido.

#### ASAS

Anda na sombra o coração vogando,  
como um nauta do sonho e da amargura  
à procura da luz e à procura  
do teu coração de oiro casto e brando.

E quanto mais se vai alevantando  
a caminho do Amor e da Aventura,  
mais êle, ansioso e bom, se transfigura,  
as longas asas claras agitando.

E sobe, e sobe, e voa eternamente  
para a luz, para o sol, como um demente  
batendo as asas pelo espaço enorme,

até que, emfim, num vôo de paixão,  
sentindo perto o teu olhar irmão  
nêle se acoita e consolado dorme.

(Da *Agua Corrente*).

*LE PITRE ROUGE*, por GEORGES TURPIN,  
edição de *La Revue Littéraire et Artistique*, Paris.

Êste volume de poemas e panfletos inspira-se na actual guerra das nações que tem servido de pretexto aos mais variados arrancos lírico-épico. Georges Turpin cultiva a sátira violenta, caricatural, vingadora, alheia, portanto, ao manejo subtil da ironia. Lança os seus versos à maneira de esquadrões. As sílabas são metralhadoras, as rimas canhões. Quem é *le pitre rouge*? O próprio kaiser, que o poeta, crente na indefectível justiça que preside à história, saraiva de epítetos lancinantes, ardentes como as chamas. Ao infernal perturbador da paz mundial, êle o arrasta na sua ira — oh forte poder dos alexandrinos e dos endecassílabos! — até o despenhar do seu pedestal de soberba e vanglória. Uma parte do livro de Georges Turpin é consagrada a

celebrar as virtudes bélicas da França e a pura glória dos seus filhos invencíveis. O poeta exalta-se na admiração dos gestos modelares dos heróis . . .

*TEÓFILO NO BRASIL*, por FRAN PAXECO, edição de Ventura Abrantes, Lisboa.

Fran Paxeco é um devotado teofiliano que vê o mundo através a obra do mestre. Em terras de Santa Cruz, êle tem sido o discípulo inteligente, cuja acção se repercutiu já até às turbas que acolhem o verbo revelador dos propagandistas. No seu orgulho de português, sente que a cara pátria se representa e sublima nos seus grandes homens. Teófilo Braga — assombrosa actividade que se tem estendido à poesia, à lingüística, ao direito, ao folclore, à crítica e à história, à filosofia, à política e à cultura cívica — é para êle a figura em que o espírito da raça se enriquece de saber e se disciplina, perante os problemas do universo e da vida, de maneira a não experimentar uma simples ansiedade. A serenidade quási beatífica que o positivismo cria nos seus adeptos, nota-se nas páginas dos seus livros. Não é uma promessa de bem-aventurança, mas um paraíso reduzido em que os sábios podem descansar a cabeça. Assim seja.

*POEMAS DO OLIMPO*, por Silva Tavares, edição da Livraria Brasileira, Lisboa.

Êste poeta busca no paganismo uma renovação do maravilhoso. Consegue-o? Quem ler os *Poemas do Olimpo*, do princípio ao fim, em certas páginas, tem a impressão de que Zeus, apesar da poeira dos séculos, ainda persiste sob a epiderme cristã do orbe; noutras, porém, a sua musa desfalece e convence-nos de que o Olimpo, por mais que o reguem com a água da inspiração, já não dá mirtos nem rosas. Destas diferenças de tom resulta uma inquietação no ânimo do leitor: — Ê o paganismo que faz mal ao poeta? ou o poeta ao paganismo?

Aguardemos o futuro que é mestre de enganos e desenganos.

*LES SURHOMMES AU CARCAN*, poème en trois veilles, par JOSEPH BENOLIEL, Lisbonne.

Este poeta, que é um adversário altivo da cultura alemã, numa sátira de fortes e firmes látegos, impiedosamente zurze a ambição que, àlêm-Reno, se ergueu como um monstro colossal para tragar as raças que pacificamente se educavam para uma nova sociabilidade. Reedita a Noite de Walpurgis e suas sarabandas espantosas, no meio das quais surge o famoso Fetiche de Hindenburg:

À vos rangs ! compagnons, dit le spectre trois fois,  
Et surtout n'enfreignez jamais la discipline.  
L'Allemagne aujourd'hui vous parle par ma voix,  
Et son divin esprit enflamme ma poitrine;  
Et quoique je ne sois qu'un mannequin de bois  
La *Kultur* me ravit, m'inspire et m'illumine:  
En est-il d'un éclat aussi pur sous Phebus?  
— «Que Louvain vous réponde!» — avance Homunculus.

BEBAM AGUA DO ALARDO

E neste tom, em furibundos alexandrinos, agrupados em estâncias de oito versos, Joseph Benoliel revela-se um defensor da civilização latina, para a qual a nação judaica a que pertence tem contribuído com algumas das suas ideias vitais.

JOAQUIM MANSO.

Recebemos :

*D. Pedro I e a Marquesa de Santos*, por Alberto Rangel, edição da Livraria Alves, Rio de Janeiro; *Sésamo*, por João do Rio, edição da Livraria Alves; *Rosa de Papel*, por Guilherme Santa Rita, edição do autor; *Iconografia de Nun' Álvares*, por Mário Salgueiro e Alberto de Sousa, edição dos autores; *Missa de Cravos e As Sinas das Sulamites*, poemets por César de Frias e Francisco dos Santos Viegas; *Minha Pátria*, por Simeão Vitória, edição da Renascença Portuguesa; *Flores de Outono*, por Aurélio Castro, edição do autor. Falaremos nos próximos números.

J. M

## DE RELANCE

### OS NOSSOS SOLDADOS

Conservam-se intactas as qualidades militares da raça portuguesa. Quando, em 1894, o potentado Gungunhana arrastou, na sua encomendada rebelião, todos os outros régulos de Inhambane e Lourenço Marques, então denominados da *coroa*, e que o govêrno da metrópole organizou as consecutivas expedições que ali os foram meter na ordem, não faltou quem, ao contemplar o aspecto bisonho, quási doentio, dos nossos soldados, perguntasse em voz alta e baixa :

— Que vai esta gente *lá* fazer ?

— Cumprir o seu dever, responderam os factos. E tão retumbante se tornou o clamor que todo o mundo o ouviu. Os recrutas de caçadores 2 acrescentaram à bela história do seu regimento a varonil reconstituição do quadrado de Marracuene; os de caçadores 3 escreveram o galhardo trecho do combate de Coolela, que desfez para sempre a lenda de onipotência vátua; os de infantaria 2, um punhado, responderam briosamente ao repto do inimigo em Magul; escassos grupos de várias unidades constitutivas da coluna do sul seguiram Mousinho na quási inacreditável incursão que teve por epílogo Chaimite, epopeia que se pode comparar sem favor às cantadas com mais louvor e estro pelos poetas gregos.

Do porte dos nossos soldados em França ocupam se os comunicados officiais, a imprensa estrangeira e a nossa. Continuam a honrar as tradições pátrias.

O «hábito não faz o monge». O serviço militar obrigatório, formando o exército com mancebos de todas as classes, criou o soldado-cidadão e, por assim dizer, acabou com o lendário tipo do soldado de outrora, o soldado profissional, o *cavaleiro andante* medievo, o *condottieri* italiano, o *mosqueteiro* immortalizado por Dumas, o *grognaard* do tempo do império, o *guita* da antiga Guarda Municipal.

A actual guerra, como todas que a precederam, há-de inspirar à literatura de cada país novos padrões, novos lances, novos pontos de vista. Os romancistas e os dramaturgos encontrarão aí, durante largo tempo, constan-

tes e modernas inspirações. Cada ciclo da História gera um grupo importante de protagonistas, de personalidades, de actores, de comparsas, de sentimentalidades, de choques, de pensamentos que brotam, que embatem, que se contrariam, que vencem ou são vencidos.

Depois as personagens da actual tragédia movem-se num tablado enorme, nas cinco partes do mundo, nos cinco grandes oceanos. O cenário muda constantemente numa riqueza de panoramas e numa variedade de raças, até aqui dispersas, hoje em contacto, ou para se auxiliarem ou para se destruírem. Simultaneamente, ou quasi, houve assaltos dados pelos japoneses aos alemães nas paisagens caracteristicamente azuladas de Ksao-Tcheú; feriram-se batalhas nas águas profundas que cercam as ilhas de Aackland e na toalha branca que banha a península da Jutlândia; realizaram-se hecatombes nos alcantis nevados dos Carpatos, nos trigais alourados da Polónia, nos gelos ofuscantes de Riga, nos pinhais escuros do Montenegro, nos vergéis risonhos do leste de França, nos museus de arquitectura que eram os povoados flamengos, nos areais erriçados de seculares pirâmides das margens do canal de Suez, nos desfiladeiros tortuosos do Cáucaso, nos centros mais recônditos e misteriosos das terras dos califas de Bagdad, no âmago do berço e sepultura do profeta Maomet, na senda trilhada outrora pelas hostes de Balduino, imperador de Constantinopla, ou de Godofredo de Bouillon, depois rei de Jerusalém, em busca do Santo Sepulcro.

Batem-se em França, lado a lado, numa confusão de línguas nunca concebida pelo inventor da bíblica tórre de Babel, os filhos dêsse país, os fleumáticos ingleses, os longínquos sérvios, russos idos das geladas estepes, americanos naturais das savanas da Flórida ou dos píncaros das Montanhas Rochosas, portugueses oriundos da Serra da Estrêla ou das praias da Figueira, índios de todas as castas, das religiões mais diversas, das latitudes mais variadas. E contra estes pelejam prussianos, saxónios, badenses, vurtemburgueses, austríacos, boémios, turcos, búlgaros, etc. Nunca Pedro o *Eremita* de um lado, o mais bem sucedido prégador das cruzadas, e o sultão Saladino, do outro, o mais vitorioso e cavalheiresco soberano do Oriente, conseguiram reunir em volta do seu credo ou das suas insígnias tão complexa soma de nacionalidades.

Que produtos extraordinários os de amanhã, provenientes do cruzamento de tão múltiplos contingentes!

O regimento continua a ser, como antigamente, uma numerosa família. Os seus membros, ao contrário do que sucedia antes, veem dos meios mais diversos e até com as ideias mais antagónicas. Depressa tudo isso funde na estreita camaradagem determinada pelo perigo comum. O patriotismo e a disciplina completam a fusão. Nos passados tempos o soldado só aparentava um tipo comum, hoje varia quasi até o infinito. A farda uniformizava até as expressões; ao presente cada temperamento, cada vontade, cada índole, a sensibilidade de cada homem transparece, afirma-se, salienta-se no talhe igual da fardeta, no feitio idêntico do capacete.

BEBAM AGUA DO ALARDO

Alguns dos nossos soldados que partiram para a guerra, pesados, de aspecto lapuz, tímidos na aparência, de exterior desageitado, hão de voltar como os seus antepassados, compostos, belicosos, resolutos, esbeltos, impondo-se pelo prestígio da varonilidade em função.

Já não lhes faltam as madrinhas. Não lhes escassearão fora das trincheiras, nos momentos de folga, as conversadas, os namoros, as dedicações, os afectos, os carinhos, o amor que a existência do soldado desperta como nenhuma outra. Os feridos, os inválidos, os mutilados, o longo e sinistro préstito das fatalidades da guerra, tristíssima consequência das lutas de todos os tempos — e também dos desastres das labutas da paz — são os que gravam, como de justiça, uma mais larga e mais perdurável impressão na alma feminina.

A par da madrinha, o nosso soldado terá a sua enfermeira — doente ou são, ferido ou ileso, amputado ou íntegro — sua compatriota ou de não importa que país — entidade admirável que atenua na medida do possível, no desempenho da sua missão sacrossantíssima, a implacabilidade e efectividade de tantos elementos de destruição e de extermínio. Não a esquecerá, nem ela a êle. Nas toadas plangentes da guitarra, no cantarolar romântico das canções populares, no improvisado das desgarradas, nas saúdades que cada transe, cada aventura, cada aspecto, cada incidente, cada fisionomia, lhe há-de suscitar no porvir, ocupará um lugar amplo no seu coração e na sua memória.

EDUARDO DE NORONHA.

**AGÊNCIA NO SUL DO BRASIL  
BRAZ LAURIA**

**Rua Gonçalves Dias, 78**

**RIO DE JANEIRO**

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Um ano (12 números) . . . . . 12\$000  
Semestre . . . . . 7\$000

**Número avulso 1\$500**

# ATLANTIDA Encadernações e Capas

MENSARIO ARTISTICO,  
LITERARIO E SOCIAL  
PARA  
PORTUGAL E BRAZIL

(ESTÃO PUBLICADOS OS VOLUMES I, II, III, IV E V)

Cada capa . . . . . \$45 Cada encadernação \$65  
Pelo correio . . . . . \$47 Pelo correio . . . . . \$71

CADA VOLUME ENCADERNADO . . . . . **1\$65**  
PELO CORREIO . . . . . **1\$71**

PRDIDOS Á ADMINISTRAÇÃO:

**Largo Conde Barão, 49 — LISBOA**  
**e Rua Gonçalves Dias, 78 — RIO DE JANEIRO**

NOTA: — A fim de evitar as despesas de cobrança, lembramos a conveniência de fazer acompanhar os pedidos de capas ou encadernações da respectiva importância.

## SUMÁRIO DO NÚMERO 22

<i>Portugal na Guerra</i> . . . . .	Augusto Casimiro
<i>Aux Soldats Portugais</i> . . . . .	Pierre Halary
<i>Porque resistiram os belgas aos alemães</i> . . . . .	Emílio Costa
<i>Para a História da Numismática Portuguesa</i>	J. Leite de Vasconcelos
<i>Frei Satanás</i> . . . . .	Wenceslau de Queiroz
<i>Ceuta</i> . . . . .	Vieira Guimarães
<i>O Carreiro</i> (conclusão) . . . . .	Séves de Oliveira
<i>Rubayet para Nur-Bi de Amédabad</i> . . . . .	Alberto Osorio de Castro
<i>O Inquérito da «Atlantida» — Confederação Lu-</i>	Dr. Betencourt Rodrigues
<i>so-brasileira</i> . . . . .	Magalhães Lima
<i>O autor oculto do «Crisfal»</i> (continuação) . . . . .	Patrocínio Ribeiro
<i>No man's land</i> . . . . .	Augusto Casimiro
<i>Mealheiros</i> . . . . .	Luís Chaves
<i>Aproximação artística entre Portugal e Brasil</i>	Navarro da Costa
<i>Morte florida</i> . . . . .	João Saraiva
<i>Os Sinos</i> . . . . .	Severo Portela
<i>Relatório do Consul de Portugal no Maranhão</i>	
(conclusão) . . . . .	F. P.

### REVISTA DO MÊS

<i>Conferência</i> . . . . .	G. Dumas
<i>Mês literário</i> . . . . .	Júlio Brandão
<i>De relance</i> . . . . .	Eduardo de Noronha

*Desenhos de:* Santos Silva, Morais, Alberto de Souza, Raul Lino, Saavedra Machado e Manoel Gustavo.

# ABADIA

RESTAURANT DE LUXO

JANTARES CONCERTOS

FIVE O'CLOCK TEA

## PALACIO FOZ

